

FRANCISCO TOPA

EDIÇÃO CRÍTICA DA OBRA POÉTICA

DE GREGÓRIO DE MATOS

— VOL. II: EDIÇÃO DOS SONETOS;

ANEXO — SONETOS EXCLUÍDOS

Tese de Doutoramento em Literatura Brasileira apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Edição do Autor

Porto — 1999

Para Ildásio Tavares

ÍNDICE

I. Introdução	9
II. Edição crítica dos sonetos excluídos	13
A. Sonetos nunca atribuídos a Gregório de Matos nas fontes testemunhais manuscritas	15
I. <i>Madre Abadessa, sancristãs, porteiras</i>	17
II. <i>Quis uma hora o Séneca vulgar</i>	20
III. <i>Ataísta boçal, Asno insolente</i>	22
B. Sonetos cujo leque de testemunhos demonstra a impossibilidade da autoria gregoriana	25
IV. <i>Estaba una fregona por enero</i>	27
V. <i>Não sei em qual se vê mais rigorosa</i>	30
VI. <i>Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas</i>	32
VII. <i>Lamentas, Tróia, com razão sentida</i>	34
VIII. <i>Aplaudida no mundo e celebrada</i>	36
IX. <i>Neste pomo que a China agradeceida</i>	38
X. <i>Fragante Rosa em Jericó plantada</i>	40
XI. <i>Oh, que de Rosas amanhece o dia</i>	43

XII. <i>Lobo cerval, fantasma pecadora</i>	45
XIII. <i>Padre Girão, se a Vossa Reverência</i>	49
XIV. <i>Rubi, concha de perlas peregrina</i>	52
XV. <i>Paro, reparo, tenho, envido e pico</i>	55
XVI. <i>Adormeci ao som de meu tormento</i>	59
XVII. <i>Pertendeis hoje, ó Deus Sacramentado</i>	61
XVIII. <i>De bárbara crueza revestida</i>	63
XIX. <i>Como o teu ódio a tal rigor te inclina</i>	64
XX. <i>Nessa coluna fortemente atado</i>	66
XXI. <i>Esse espelho, Senhora, cristalino</i>	68
XXII. <i>É a vaidade, Fábio, desta vida</i>	70
XXIII. <i>São neste Mundo, império de loucura</i>	74
XXIV. <i>Esse farol do Céu, fimbria luzida</i>	79
XXV. <i>Ministro douto, afável, comedido</i>	82
XXVI. <i>A vós correndo vou, braços sagrados</i>	84
XXVII. <i>Nunca sossegue mais que um bonifrate</i>	86
XXVIII. <i>Se assim, fermosa Helena, como és sol</i>	90
XXIX. <i>Senhora Beatriz, foi o Demónio</i>	93
XXX. <i>Senhora Mariana, em que vos pés</i>	97
XXXI. <i>Portugal, Portugal, és um sandeu</i>	100
XXXII. <i>Qual é a cousa no mundo mais amada</i>	104
XXXIII. <i>Sou pai de um filho o qual não é meu filho</i>	107
XXXIV. <i>Eu não sou criador nem criatura</i>	110
XXXV. <i>Ricardo mira el vivo fuego en que ardo</i>	114
XXXVI. <i>Bien malus, mala, malum te llevaste</i>	118
XXXVII. <i>Marquês, esses pimpolhos animados</i>	123
XXXVIII. <i>Vasto mar, triste Tróia, irado Noto</i>	129
XXXIX. <i>Quando um primário excelente Lente</i>	132

XL. <i>Crece o desejo, falta o sofrimento</i>	136
XLI. <i>Coração, que te falta? O meu alento</i>	138
XLII. <i>Dentro do meu sossego me inquieta</i>	140
XLIII. <i>Oh, que discreta na eleição andaste</i>	142
XLIV. <i>Humana ostentação da luz divina</i>	145
XLV. <i>Ramalhete animado, flor do vento</i>	148
XLVI. <i>Combatido de amor estou vivendo</i>	151
XLVII. <i>Eu sou a Taramela vivo e morto</i>	153
XLVIII. <i>Manjerona flamante, em cuja mão</i>	155
XLIX. <i>Ausente de ti, pérola querida</i>	156
L. <i>Oh, já fulmino no amor maior tromento!</i>	158
LI. <i>Dez dúzias de casebres remendados</i>	160
LII. <i>Ves, Gila, aquel farol, de cuya fuente</i>	163
 C. Sonetos com referências históricas posteriores a Gregório de Matos	167
LIII. <i>Corpo a corpo, à campanha embravecida</i>	169
LIV. <i>Não quisestes seguir a fé de Abraão</i>	171
LV. <i>Se eu não quis seguir a fé de Abraão</i>	175
LVI. <i>Do ardor estais contra Castela armado</i>	177
LVII. <i>Ana, felice foste, ou Feliciano</i>	179
LVIII. <i>Lamenta a terra, repete e mais o rio</i>	181
LIX. <i>No limbo jaz o douto Cardea-</i>	183
LX. <i>Furão das tripas, sanguessuga humana</i>	186
 III. Anotação complementar de alguns sonetos	189
 IV. Informação biobibliográfica sobre os autores dos sonetos excluídos	199
1. André Nunes da Silva	201
2. António Barbosa Bacelar	202

3. António da Fonseca Soares	202
4. António Rebelo de Brito	203
5. António Serrão de Crasto	203
6. Frei Bernardo de Brito	204
7. Bernardo Vieira Ravasco	205
8. Diogo de Sousa	206
9. Diogo Gomes de Figueiredo	206
10. P.º Eusébio de Matos	207
11. D. Fernão Correia de Lacerda	208
12. Francisco de Vasconcelos Coutinho	208
13. Francisco Lopes Soeiro	208
14. Francisco Mascarenhas Henriques	209
15. D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira	209
16. Gonçalo Soares da Franca	210
17. Jerónimo Rodrigues de Castro	210
18. João Sucarelo Claramonte	211
19. Frei Lucas de Santa Catarina	211
20. Manuel Botelho de Oliveira	212
21. Manuel da Nóbrega	212
22. D. Manuel de Meneses	212
23. Pedro Duarte Ferrão	213
24. D. Tomás de Noronha	213
25. Tomás Pinto Brandão	214
26. Troilo de Vasconcelos da Cunha	214
 V. Índice alfabético de primeiros versos dos sonetos excluídos	 215

I. INTRODUÇÃO

Neste anexo do volume II edito os 60 sonetos que, em meu entender, não podem ser considerados de Gregório de Matos. Reparti esses poemas em 3 grupos, de acordo com as causas que determinam a sua exclusão do cânone gregoriano: A. Sonetos nunca atribuídos a Gregório de Matos nas fontes testemunhais manuscritas; B. Sonetos cujo leque de testemunhos demonstra a impossibilidade da autoria gregoriana; C. Sonetos com referências históricas posteriores a Gregório de Matos.

O grupo A integra 3 sonetos (I-III), 1 dos quais inédito; o grupo B inclui 49 (IV-LII), 7 inéditos; o grupo C comporta 8 (LIII-LIX), 1 inédito. Como se depreende dos títulos que designam cada uma das três divisões, as causas para a exclusão dos poemas são bastante diversificadas.

A exclusão dos 3 sonetos que integram o primeiro grupo é a mais pacífica e evidente. Por motivos concretos que explico numa breve introdução que antecede a sua edição, trata-se de textos que de facto fazem parte de manuscritos que recolhem poemas de Gregório de Matos mas em que figuram sem indicação de autoria. Num dos casos, foi-me possível identificar o provável autor, mas nos outros dois optei por considerar os textos como anónimos.

No segundo grupo, devido ao grande número de sonetos envolvido, as causas para a exclusão são mais variadas e apresentam um grau de evidência e de solidez que vai decrescendo. Os 13 primeiros surgem em testemunhos, impressos ou manuscritos, anteriores ao nascimento de Gregório ou seus contemporâneos, atribuídos a outros autores ou sem indicação de autoria. A partir daí, as razões para a exclusão dos poemas do cânone gregoriano não são tão evidentes, ainda que, em minha opinião, o exame do leque de testemunhos justifique sempre com elevado

grau de segurança a minha decisão. Em geral, e independentemente da quantidade de testemunhos envolvidos – que tanto pode ser mínima como ultrapassar as três dezenas –, acontece que o número de atribuições favoráveis ao poeta baiano é muito baixo e que as fontes testemunhais em causa oferecem, pelas razões que explicarei, um grau de credibilidade bastante débil. Num leque razoável de casos foi-me possível identificar com bastante segurança os autores dos textos, mas noutros casos decidi considerá-los como sendo de autoria indeterminada.

A causa que justifica a exclusão dos sonetos do terceiro grupo é de tipo diferente, já não tendo propriamente a ver com o exame dos testemunhos que os transmitem. Neste caso é a consideração do conteúdo dos textos que nos mostra que eles apresentam referências históricas que são posteriores a Gregório de Matos. Devo admitir que essas referências nem sempre são evidentes. Pelo contrário, com frequência estão fundamentalmente contidas na legenda, que é um paratexto cujo grau de credibilidade está longe de ser elevado. Mesmo assim, estou em crer que justifiquei de forma bastante sólida todos os 8 casos deste grupo. Acrescente-se que, neste grupo, a disposição dos poemas obedecerá a uma ordem cronológica crescente.

Para terminar esta brevíssima introdução, falta dizer que a edição dos sonetos excluídos obedece ao modelo geral que concebi para o conjunto da obra poética de Gregório de Matos. Solicito assim ao leitor que, caso sinta dificuldade em acompanhar esta parte do meu trabalho, (re)leia a introdução do volume anterior.

Acrescente-se ainda que este anexo terminará com uma informação biobibliográfica sobre os 25 poetas que consegui identificar como prováveis autores dos sonetos excluídos, a que se seguirá ainda um índice alfabético de primeiros versos dos textos aqui editados.

II. EDIÇÃO CRÍTICA DOS SONETOS EXCLUÍDOS

A – SONETOS NUNCA ATRIBUÍDOS

A GREGÓRIO DE MATOS

NAS FONTES TESTEMUNHAIS MANUSCRITAS

O próximo soneto é transmitido por 7 testemunhos manuscritos secundários, sendo que em 5 deles vem anónimo e nos 2 restantes atribuído a D. Tomás de Noronha, que deve portanto ser considerado o autor do texto. A juntar a estas fontes testemunhais, o texto dispõe ainda de 2 testemunhos impressos: Adelino Duarte Neves, na sua tese de mestrado dedicada a D. Tomás de Noronha, em que edita o Ms. 49-III-71 da Biblioteca da Ajuda; e AP, que o publicou em nome de Gregório de Matos. Impõe-se portanto explicar este tão flagrante erro de atribuição.

De acordo com os elementos fornecidos pela colação, a fonte testemunhal utilizada por Peixoto foi o manuscrito que se guarda no cofre 50.3.16 da BNRJ, a que já fiz referência no decurso do inventário dos manuscritos principais. Conforme também notei na ocasião, esse códice é uma cópia feita a partir de três manuscritos secundários do Fundo Rivara da BADE. Entre o material transcrito, encontram-se – como o copista teve o cuidado de notar – dois poemas que na fonte original surgem como anónimos: o soneto «Quis hũa hora o Seneca julgar» (que editarei de seguida) e a décima «S.^{or} Antonio de Abreu» (ambos publicados por Peixoto em nome de Gregório, apesar da advertência). Além destes, há um terceiro poema que está anónimo na fonte, facto que Lino de Assunção, o copista, não deve ter percebido: trata-se precisamente do soneto «Madre Abadesa sanchristãs porteiras», que vem no f. 106v e põe termo a uma espécie de secção da miscelânea consagrada ao poeta baiano. Fica assim explicado o motivo que terá levado Afrânio Peixoto a publicar em nome de Gregório um soneto que nenhum dos testemunhos manuscritos lhe atribui.

I.

Testemunhos manuscritos secundários: TT, L, 1659, f. 57v (an.) = A / BA, 49-III-71, p. 8 (D. Tomás de Noronha) = A_1 / ACL, 693A, f. 155v (an.) = A_2 / BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 106v (an.) = A_3 / BNL, 6204, p. 812 (an.) = A_4 / BNL, 4259, p. 286 (D. Tomás de Noronha) = A_5 / BGUC, 526, f. 173r-173v (an.) = B

Testemunhos impressos: Adelino Neves, p. 15-16 (D. Tomás de Noronha) = A_1 / AP, III, p. 45 = A_6

Versão de A

Às Freiras

Madre Abadessa, sancristãs, porteiras,
Discretas do mosteiro e mais canalha,
Que estando já metidas na baralha,
Quereis inda jogar como terceiras.

- 5 Soberbas anciã{e}s, lascivas freiras,
Que na bolsa cortais como navalha:
Gastou-se o trigo já, fiquei em palha,
Não tenho mais de meu que quatro esteiras.

Se destas três quereis, venha Luísa,

Leg. À deicação do Autor das Freiras de certo Mosteiro A_1 D. Tomás a umas Freiras muito interessei-
ras A_5 Soneto às Freiras. É de quem já tinha dado tudo B *Falta em* $A_2 A_3 A_6$

1. sancristãs] sancristã $A_3 A_5 A_6$

3. Que estando já metidas] Que metidas estando A_5

4. Quereis inda jogar] Quereis ainda jogar A_2 Quereis inda sugar A_6 Ainda vos quereis pôr B

5. anciã{e}s] anciães A

6. na bolsa] na bola A_6 nas bolsas B

7. o trigo já,] o trigo já $A_2 A_3 B$ o trigo, já $A_4 A_5$ o trigo já; A_6 , fiquei em palha] ficai em palha A_6 fiquei
na palha B

8. quatro esteiras] três esteiras B

9. Se destas] Se estas B

5. Trata-se de uma gralha evidente, que talvez denuncie um hábito do copista.

3. baralha – O mesmo que *baralho*; (fig.) enredo, confusão, contenda.

4. terceira – Medianeira, intercessora, alcoviteira.

10 Com Maria da Costa e Ana Lourença,
Para as poder levar, que André foi fora.

Mas saiba a minha Clara sofronisa
Que acabou por aqui seu juro e tença:
Requiescat in pace por agora.

10. Com Maria] Ou Maria *B*, e Ana Lourença] Ana ou Lourença *A₁ A₂ A₃ A₅ A₆* ou Lourença *A₄* ou Ana Lourença *B*

12. Mas saiba a minha] E creia minha *B*, Clara] cara *A₃ A₄ A₆*, sofronisa] safronisa *A₁ A₅* soformisa *A₃ A₄* Loformiza *A₆* a quem a avisa *B*

14. Requiescat] E requiescat *B*

12. Clara – Provavelmente no sentido de freira da Ordem de Santa Clara.

sofronisa – Não encontrei registo desta palavra em nenhum dicionário. Ela parece contudo estar próxima de *sofronista*, termo que designa um tipo de magistrado da antiga Grécia que exercia funções semelhantes às do censor romano.

14. *Requiescat in pace* – «Que descanse em paz», palavras da liturgia cristã dos defuntos.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

Este soneto é transmitido por um único testemunho manuscrito – um manuscrito secundário –, em que figura sem indicação de autoria. Apesar disso, seria editado por AP em nome de Gregório de Matos.

Trata-se de um caso semelhante ao do texto anterior. Peixoto tomou por base BNRJ, 50.3.16, não se tendo apercebido da advertência do copista para o facto de o soneto vir anónimo no original.

II.

Testemunho manuscrito secundário: BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 142v (an.) = *A*

Testemunho impresso: AP, II, p. 177 = *A_I*

Versão de *A*

Quis uma hora o Séneca julgar
Se a razão ao Juízo compreendia,
E achou que o entender só consistia
Em fazer da razão ente vulgar.

5 Crece a dúvida aqui de duvidar
Em que faz disg[e]nar toda a harmonia,
E aqui donde o Juízo desconfia,
Coopera a razão de equivocar.

2. compreendia] compreendia *A_I*

6. disg[e]nar] disgnar *A* assim *A_I*

6. Não encontrei, em nenhum dos vários dicionários que consultei, registo do verbo *disgenar*. Existem contudo vocábulos próximos, aparentemente do mesmo campo lexical, como *disgenesia* (“perturbação da função reprodutora”) e o correspondente adjectivo *disgenético*. Se excluirmos a hipótese de estarmos perante alguma gralha do copista, é assim possível admitir a existência do verbo *disgenar*, eventualmente com um sentido próximo de *degenerar*.

Compreende o Juízo[,] e a razão[,]
10 Que ao discurso devia estar sujeita[,]
Não faz em nosso ser operação.

A vida mais que o bem o mal aceita,
Porque como o ser dela é tudo vão,
Toda a razão sem Juízo é imperfeita.

9. o Juízo[,] e a razão[,] o Juízo e a razão *A A_I*

10. sujeita[,] sujeito *A A_I*

9-10. O esquema rimático mostra claramente que o adjetivo que encerra o v. 10 deve estar no feminino, concordando assim com *razão*. Por outro lado, a análise do período parece não deixar alternativa à proposta de interpretação sugerida pela minha pontuação.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Conforme já tive oportunidade de notar ao fazer a descrição do códice que o transmite, o soneto que se segue – tanto quanto sei, até agora inédito – não vem atribuído a Gregório de Matos nem a qualquer outro autor, devendo portanto ser dado como anónimo. Fazendo fé na legenda, a sua orientação satírica está dirigida contra o «Doutor Manuel Mexia Galvão, sendo Provedor na Ilha da Madeira». Este dado ajuda a refutar em absoluto qualquer hipótese de o poeta baiano ser autor do texto. Com efeito, a personagem referida desempenhou o cargo de Provedor da Fazenda Real na Madeira entre 1700 e 1703, bastante depois, portanto, da morte de Gregório.

III.

Testemunho manuscrito principal: ADB, 591, II, f. 1r (an.)

Ao Doutor Manuel Mexia Galvão, sendo Provedor na Ilha da Madeira

Ataísta boçal, Asno insolente,
Enfronhado Vilão, Tolo enfadonho,
Petro sem cabeça, noiva com Monho,
Labéu de Bacharéis, riso da{s} gente{s}.

4. O exame da rima impõe a correcção deste lapso do original.

Leg. Manuel Mexia Galvão – De acordo com os autores do *Elucidário Madeirense* (Silva e Meneses: 1984, vol. I, p. 37), que a ele se referem como Manuel *Mexias* Galvão, desempenhou na Madeira o cargo de Provedor da Fazenda Real – que na altura era acumulado com o de Juiz da Alfândega – entre 1700 e 1703.

3. cabeça – Cabresto com duas rédeas e um arco de ferro, para governar o cavalo sem lhe ferir a boca.

4. monho – Topete de cabelo postiço.

5 Das Leis de Baco aresto de aguardente,
 Ladrão esperto, Julgador Bisonho,
 Mais Argel que um rocim, mais vão que um sonho,
 Com cara de entremez sempre contente.

 Do pobre general ruína e raio,
10 Farsa do Povo, Beca de Folia,
 Vilão ruim com mando[,] Asno com saio;

 Natureza de esponja, Alma de Harpia,
 Bisneto de uma Puta e de um Lacaio,
 Este é o Provedor Manuel Mexia.

5. aresto – Acórdão.

7. argel – Diz-se do cavalo que tem malha branca no pé; (fig.) inerte, infeliz.

12. Harpia – Monstro fabuloso, com rosto de mulher e corpo de abutre; pessoa ávida, que vive de extorsões.

B — SONETOS CUJO LEQUE DE TESTEMUNHOS

DEMONSTRA A IMPOSSIBILIDADE

DA AUTORIA GREGORIANA

O soneto que se segue faz parte do famoso *Jardín de Venus*, obra que já foi dada como sendo do licenciado Cristóbal de Tamariz, tendo sido admitido mais recentemente como seu hipotético autor Frei Melchor de la Serna. A versão que apresentarei segue a dos editores da *Poesía erótica del Siglo de Oro*, que, prudentemente, consideram o conjunto como anónimo. Quanto à sua datação, Pierre Alzieu, Robert Jammes e Yvan Lissorgues dão a obra como anterior a 1589, dado que é essa a data do principal testemunho que a transmite – o Manuscrito de Ravena (Biblioteca Classense de Ravena, n.º 236). De forma mais precisa, os editores referidos admitem que o *Jardín de Venus* seja de 1550 ou de 1560.

Perante isto, torna-se impossível admitir que o texto pertença a Gregório de Matos. Aliás, apenas 3 testemunhos (2 manuscritos principais e 1 impresso) defendem essa atribuição. Quantos aos restantes 11 – todos manuscritos secundários –, há 3 que o atribuem a D. Tomás de Noronha, 1 ao Conde de Redondo, enquanto nos outros 7 não há indicação de autoria. Independentemente destes erros de atribuição, não deixa de ser curiosa a aparente popularidade de que o soneto gozou em Portugal ao longo do século XVII.

Para terminar esta nota de abertura, importa ainda informar que, no caso concreto deste soneto, os editores da *Poesía erótica* não adoptaram o texto de Ravena, «muy estragado y poco claro», optando pela lição do Ms. 3913 da BNM. Nessa edição moderna pode o leitor interessado encontrar a relação das publicações anteriores do poema, em duas das quais foi atribuído a Quevedo.

IV.

Testemunhos manuscritos principais: BPMP, 1388, f. 23r-23v = C_1 / BNRJ, 50.2.3, p. 272-273 = C_2

Testemunhos manuscritos secundários: BPMP, 1121, [f. 57v-58r] (D. Tomás de Noronha) = B / BNL, 3582, f. 59r (an.) = B_1 / TT, L, 1804, p. 204 (an.) = B_2 / BNL, 4332, f. 89r (an.) = B_3 / BNL, 10894, p. 360 (Conde de Redondo) = B_4 / BGUC, 526, f. 181r-181v (an.) = B_5 / BA, 49-III-71, p. 39 (D. Tomás de Noronha) = B_6 / ADB, 130, f. 46r (D. Tomás de Noronha) = B_7 / BNL, 8581, f. 18r-18v (an.) = B_8 / TT, L, 1659, f. 76v (an.) = C

Testemunhos impressos: AP, VI, p. 101 = C_3 / *Poesía Erótica*, p. 60-61 (an.) = A

Versão de A

Estaba una fregona por enero
Metida hasta los muslos en el río,
Lavando paños con tal donaire y brío,
Que mil necios traía al retortero.

- 5 Un cierto conde, alegre y placentero,
Le preguntó por gracia si hacía frío.

Leg. De D. Tomás a uma lavadeira B Conta lo que sucedió a un Conde con una moza que estaba lavando B_4 Soneto sobre estar una Dama metida em um rio e um fidalgo lhe perguntou se tinha frio, e ela lhe respondeu desonestamente B_5 Resposta de una fregona al apetito de un Hidalgo B_6 A um Conde que andava de amores com uma lavadeira B_7 A una fregona graciosa C A uma lavadeira C_1 C_2 C_3 *Falta em B_1 B_2 B_3 B_8*

1. Estaba] Estabase B_2 B_3 , una fregona] una fragona C_1 C_2 C_3
2. los muslos] las cintas C C_1 C_2 C_3 , el río] un río C C_1 C_2 C_3
3. paños con tal donaire] trapos con tal gracia B B_1 B_2 B_3 B_4 B_6 B_7 B_8 el cuerpo con tal gracia B_5 paños con tal gracia C C_1 C_2 C_3
4. Que mil necios] Que a todos los B Que a todos B_1 B_2 B_3 B_4 B_5 B_6 , traía] atraía B_1 B_2 B_4 B_5 retraía B_6 , al retortero] en el retreo B_6 al retrosero C C_1 al retrero C_2 alle retrero C_3
Que atraía todos al retretero B_7
5. Pero pasando un Conde placentero B B_4 B_5 Y pasando un Conde placentero B_1 B_2 B_3 B_7 Cuando pasando un Conde placentero B_6 Cuando un Señor alegre y placentero B_8 Alegre cierto conde y placentero C C_1 C_2 C_3
6. Dijo a la fregona si había frío B B_2 B_3 B_4 B_5 Preguntó a la fregona si había frío B_1 B_7 A la fregona dijo si había frío B_6 Le preguntó: «Señora, tiene frío?» B_8 Pasando preguntóla si hacía frío C Pasando preguntóla: «Hace frío?» C_1 C_2 Pasando preguntó: «La hace frío?» C_3

1. fregona – Criada.
2. muslo – Coxa.
3. Na versão adoptada, este verso apresenta 11 sílabas métricas.
4. retortero – Volta ao redor.

Respondió la fregona: «Señor mío,
Siempre llevo conmigo yo un brasero».

El conde, que era astuto, y supo dónde,
10 Le dijo, haciendo rueda como pavo,
Que le encendiese un cirio que traía.

Y dijo entonces la fregona al conde,
Alzándose las faldas hasta el rabo:
– «Pues sople este tizón Vueseñoría».

7. Ella le respondió: «No, Señor mío *B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₆ B₇ B₈* Pero ella respondióle: «Señor mío *C C₁ C₂ C₃*

8. Porque traigo conmigo un gran brasero *B B₄ B₅* Que traigo siempre conmigo un gran brasero *B₁ B₂ B₃* Traigo siempre conmigo un gran brasero *B₆* Que conmigo me traigo yo el brasero *B₈* Siempre conmigo traigo mi brasero *C C₁ C₂ C₃* *Falta este verso em B₇*

9. El conde] El Señor *B₈*, que era astuto y supo] como astuto, supo *B B₄ B₅ B₆* que era astuto, supo *B₁ B₇* como era astuto, supo *B₂ B₃*, dónde] adonde *B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₇ B₈*

10. Le dijo] La dijo *C C₂* La dicho *C₃*, rueda] ruedas *B₈ C C₁ C₂ C₃*, como pavo] como un pavo *B₈ C₁ C₂ C₃*

Dijo, rodeandola como pavo *B B₃ B₄* Y le dijo, rodeandola como pavo *B₁* Y dijo, rodeandola como pavo *B₂ B₇* Dijola, rodeandola como pavo *B₅* Y dijo, rodeando como pavo *B₆*

11. Que le] Le *B B₄ B₅*, un cirio] aquél cirio *B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₇*
Que un cirio le encendiese que traía *B₈*

12. La fregona, volviendo, dijo al Conde *B B₄ B₅* La fregona, volviendo para el Conde *B₁ B₂ B₃* Ella entonces, virandose del Conde *B₆* Ella entonces, virada para el Conde *B₇* Ella muy mesurada le responde *B₈* La pícara con gracia dijo al Conde *C C₁ C₂ C₃*

13. Alzándose] Levantando *B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₆ B₇ C C₁ C₂ C₃*

14. «Pues sople este] «Sople aqueste *B B₄ B₅* Le dijo: «Sople este *B₁* Dijo: «Sople este *B₂ B₃ B₆ B₇* «Sople ese *B₈* «Sople en este *C C₁ C₂ C₃*, Vueseñoría] Vuestra Señoría *B₃ B₈* su Señoría *C₃*

10. pavo – Peru.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

O próximo soneto não pode pertencer a Gregório de Matos, na medida em que está editado desde 1597 na *Silvia de Lysardo*, obra da autoria de Frei Bernardo de Brito, ainda que o seu nome não venha nesta primeira edição. Acrescente-se que a lição do poema se mantém sem alterações nas edições subsequentes, pelo que só trabalharei com a *princeps*.

V.

Testemunhos manuscritos principais: BNL, 13025, p. 18-19 = B / BI, L.15-2, IV, p. 17 = B_2 / BNRJ, 50.2.5, p. 9 = B_3

Testemunho manuscrito secundário: BGUC, 3029, f. 175r-175v (an.) = A_I

Testemunhos impressos: *Silvia de Lysardo*, f. 10v (Fr. Bernardo de Brito) = A / JA, p. 518 (que parte do desaparecido AC, IV, p. 81) = B_I / AP, II, p. 32 = B_3

Versão de A

Soneto feito a Sílvia, porque derramava algumas lágrimas despedindo-se de Lisardo

Não sei em qual se vê mais rigorosa
A força desta nossa despedida,
Se em mim, que sinto já partir a vida,
Se em vós, a quem contemplo tão chorosa;

5 Vós com indícios d'alma piedosa,
 Mostrais a dor em água convertida,

Leg. A Sílvia, derramando algumas lágrimas na despedida de Lisardo A_I Remete à sua Esposa a seguinte obra, chovendo prémios àquela demonstração de amor B_I A uma Dama, sobre uma ausência entre ambos B_2 Ausentando-se da dita Dama para a cidade B_3 *Em lugar de uma legenda propriamente dita, B apresenta apenas o número de série: 2*

3. partir] perder B B_I B_2 B_3

5. indícios d'alma] incêndios d'alma B_I incêndios de alma B_2 incêndios da alma B_3

Eu com me ver tão junto da partida,
Nem água me deixou dor tão forçosa;

Vós pelo que entendeis de meu sentido,
10 Chorais tendo a causa inda presente,
Pagando-me antemão quanto mereço;

Eu logo que me vir de vós partido,
N'alma satisfarei estando ausente
Esse amor que nos olhos vos conheço.

7. com me ver] com ver-me $B B_1 B_2 B_3$, junto] longe $B B_1 B_2 B_3$

9. de meu] do meu $B B_1 B_2 B_3$

10. Chorais tendo a causa] Obrais a causa tendo $B B_1 B_2 B_3$, inda] ainda B_2

11. Pagando-me] Pagando de A_1

13. N'alma] Na alma B_3

ABBA / ABBA / CDE / CDE

Os quatro sonetos seguintes não podem ser considerados de Gregório de Matos pelo facto de terem sido apresentados em nome de outros autores em sessões da Academia dos Singulares de Lisboa realizadas em 1664 e 1665 e de estarem publicados nos dois volumes que reúnem os trabalhos dessa agremiação, saídos em 1665 e em 1668, época em que o baiano se encontrava em Portugal e poderia portanto, se fosse caso disso, contestar a atribuição.

Este primeiro texto foi apresentado por António Serrão de Crasto na sessão realizada a 24 de Fevereiro de 1664 e está incluído no primeiro tomo dos trabalhos da Academia.

VI.

Testemunhos manuscritos principais: AC, II, p. 297-298 = A_3 / BNRJ, 50.2.1A, p. 89-90 = A_4

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 380, f. 118r (A. Serrão de Castro) = A_2 / BGUC, 1091, p. 230 (an.) = A_5

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, I, p. 347 (A. Serrão de Crasto) = A / Bluteau, p. 523 (A. Serrão de Castro) = A_1 / JA, p. 447 = A_3

Versão de A

Soneto de António Serrão de Crasto

Festas Bacanais

Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas,
Galinhas, porco, vaca e mais carneiro,

Leg. Com o título de Festas Bacanais, descreveu António Serrão de Castro o Entrudo no Soneto seguinte A_1 Bluteau no Suplemento, tomo 1.º, f. 253, verbete «Entrudo», o descreve António Serrão de Castro neste Soneto A_2 Descreve a confusão do festejo do Entrudo A_3 A famosa Festa que todos costumam fazer pelo Entrudo em suas casas, chamando-lhe Santo Entrudo A_4 Entrudo A_5

1. Filhós] Filhoses A_4

2. porco] porcos A_4

1. mal-assada – Fritura de ovos.

Os perus em poder do Pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas;

- 5 Enfarinhar, pôr rabos, dar risadas,
Gastar para comer muito dinheiro,
Não ter mãos a medir o Taverneiro,
Com réstias de cebolas dar pancadas;

- 10 Das janelas c'um tanho dar na gente,
A buzina a tanger, quebrar panelas,
Querer em um só dia comer tudo;

Não perdoar arroz nem cuscuz quente,
Despejar pratos e alimpar tigelas,
Estas as festas são do gordo Entrudo.

6. Gastar para comer] Para pouco gastar A_5

9. c'um tanho] com tanho A_2 com tanhos $A_3 A_4$ com um tanho A_5 , na gente] na gentes $A_3 A_4$

10. A buzina a tanger] A buzina tanger $A_3 A_4$ As buzinas tanger A_5

12. perdoar arroz] perdoar ao arroz $A_1 A_5$, nem cuscuz] nem com ser A_5

13. pratos e alimpar] pratos, alimpar $A_4 A_5$

14. do gordo] do Santo $A_3 A_4$ do negro A_5

4. deitar pulhas – Fazer uma pergunta cavilosa para provocar uma resposta escarnecedora; gracejar; pregar partidas.

laranjadas – Pancadas com laranjas, prática carnavalesca.

9. tanho – Suponho que a palavra surge aqui na acepção que ainda hoje conserva no castelhano, a saber, “casca de árvore”, e não no sentido mais comum em português, em que designa uma espécie de seirão cilíndrico para guardar cereais.

Este soneto foi apresentado por Francisco Lopes Soeiro na sessão de 2 de Novembro de 1664 da Academia dos Singulares de Lisboa, estando publicado no segundo tomo dos trabalhos dessa agremiação.

VII.

Testemunhos manuscritos principais: BNRI, 50.2.3, p. 298-299 = A_1 / BPMP, 1388, f. 20v-21r = A_3

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 3581, f. 14v (an.) = A_2 / BGUC, 392, f. 95v (an.) = A_4

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, II, p. 49 (Francisco Lopes Soeiro) = A / AP, VI, p. 106 = A_1

Versão de A

Soneto de Francisco Lopes Soeiro

Lamentas, Tróia, com razão sentida,
Sentida de uma pena mal lograda,
Mal lograda, pois Helena roubada,
Roubada foste tu da própria vida;

Leg. Ao furto de Helena $A_1 A_2 A_3 A_4$

2. Sentida de uma pena] Sentida de ver a prenda A_4

3. pois] porque A_4

4. Roubada foste] Roubada fostes A_2 Roubaste foste A_3 Roubada ficaste A_4

Leg. ($A_1 A_2 A_3 A_4$). furto de Helena – Episódio da mitologia grega. Segundo a versão mais conhecida, Helena era filha de Zeus e de Leda, a mulher de Tíndaro, rei de Esparta. Tendo casado com Menelau, Helena viria a ser raptada por Páris (filho de Príamo, rei de Tróia), que contou com o apoio de Afrodite, grata por ter sido eleita por ele como a deusa mais bela. O rapto viria a desencadear a vingança de todos os reis gregos, dando origem à guerra de Tróia, em que Hera e Atena – as deusas preteridas no concurso de beleza – apoiariam os gregos, ao passo que Afrodite se conservaria ao lado dos Troianos.

1.-14. Estamos perante um soneto encadeado, que se caracteriza pelo recurso à anadiplose como técnica de construção: a última palavra do verso anterior é retomada como primeira do verso seguinte.

3. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 3-7-10.

- 5 Vida aquele buscou, sendo homicida,
 Homicida fatal da pátria amada,
 Amada sendo aquela que enganada,
 Enganada te deixa e destruída;
- Destruída ficaste perecendo,
- 10 Perecendo contigo o ser altivo,
 Altivo então, mas hoje mágoa sendo;
- Sendo causa esse Páris tão nocivo,
 Nocivo, pois no amor de Helena ardendo,
 Ardendo deixa a pátria em fogo vivo.

5. aquele] aquela $A_1 A_2 A_3$

7. aquela] aquele A_1

8. te deixa] se deixa $A_1 A_3$ te deixou A_4

9. perecendo] parecendo A_2

12. Sendo causa] Sendo a causa A_3 , esse Páris tão] aquele Páris $A_1 A_2 A_3$ aquele Páris tão A_4

Este soneto foi apresentado por Pedro Duarte Ferrão na sessão da Academia dos Singulares de Lisboa de 19 de Fevereiro de 1665, estando publicado no segundo tomo dos trabalhos dessa agremiação.

VIII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 426-427 = *B*

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 1134, f. 182v-183r (an.) = *A_I* / BPMP, FA, 41, f. 32v (an.) = *C*

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, II, p. 386 (Pedro Duarte Ferrão) = *A* / AP, VI, p. 121 = *B*

Versão de *A*

Soneto de Pedro Duarte Ferrão

Aplaudida no mundo e celebrada
Viverá tua fama eternamente,
Pois soubeste inventar mais excelente
Descanso para a vida mais cansada.

5 Donde dormindo um home{m} a perna alçada
 Não teme o porçovejo impertinente,
 Nem menos o morder da pulga sente,
 Nem do cruel mosquito a traquinada.

Leg. Ao primeiro que inventou a cama *A_I* *C* Ao inventor da cama *B*

5. dormindo um home{m}] dormindo um homem *A* *A_I* *C* um homem dormindo *C*

6. Não teme o] Não se vê *B* Sustenta o *C*

7. E quando morde a pulga pouco a sente *C*

8. Nem do cruel mosquito] Ouvindo do mosquito *C*

5. A métrica recomenda a supressão da trava nasal, de forma a que seja possível a sinalefa.

10 Não fingidos mas sempre verdadeiros,
Teus louvores, motivo a nova história,
Serão de tua fama pregoeiros.

Oh, vive para sempre na memória,
Pois apesar de fornos e palheiros,
Granjeaste no mundo eterna glória.

10. a nova] a nossa *C*

11. de tua] da tua *A_I B*

12. Oh, vive] Vive *A_I*

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O soneto seguinte foi apresentado por André Nunes da Silva na sessão da Academia dos Singulares de Lisboa de 19 de Fevereiro de 1665. Está publicado no segundo tomo dos trabalhos dessa agremiação, vindo acompanhado de dois outros sonetos do autor – que publicarei nas notas finais – sobre o mesmo tema.

Este soneto – e também o primeiro dos outros dois alusivos ao tema – voltaria a ser editado em 1671, no volume *Poesias Varias de Andre Nunes da Sylva. Recolhidas por Domingos Carneiro. Dedicadas a seu mesmo Autor*. Note-se que esta versão apresenta algumas diferenças significativas face à da *Academia dos Singulares*. Aparentemente, tais diferenças deveriam ser consideradas como variantes de autor, dado que a publicação do volume referido ocorreu em vida de André Nunes da Silva. Apesar disso, o título da edição sugere que a responsabilidade pertence em exclusivo ao compilador e editor, Domingos Carneiro. Seja como for, optei por editar a versão mais antiga, a da *Academia*, anotando no aparato as variantes dos outros testemunhos.

IX.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 425-426 = A_3

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, II, p. 387 (André Nunes da Silva) = A / Januário, p. 62 = A_1 /

Mosaico Poetico, p. 175 = A_2 / AP, VI, p. 120 = A_3 / Poesias Varias, 98 (André Nunes da Silva) = B

Versão de A

Em louvor da laranja-da-china

Soneto de André Nunes da Silva

Neste pomo que a China agradecida

A Portugal tributa transplantado,

Leg. Em louvor da Laranja A_1 À laranja-da-china A_3 *Falta em A_2*

Leg. Laranja-da-china – O mesmo que laranja-doce ou *citrus aurantium sinensis*, originária da China.

Logra a vista o tesouro mais prezado,
Acha o gosto a delícia mais crecida.

- 5 Rico e suave em glória competida,
Se faz do mundo todo venerado;
Ouro o pomo nos dá, quando admirado,
A fruta néctar é, quando comida.

- Aos dous sentidos, com gentil destreza,
10 Igual suavidade e fermosura
Reparte na laranja a natureza:

Porque por excelência da ventura,
A vista nela tem toda a riqueza,
O gosto nela tem toda a doçura.

6. do mundo] no mundo $A_1 A_2 A_3$

11. Reparte na laranja] Entendida reparte B

12. por excelência] pôs a excelência A_3

13. nela] nele B

14. nela] nele B

ABBA / ABBA / CDC / DCD

A situação dos dois sonetos seguintes é semelhante à dos quatro anteriores, ainda que agora não seja possível apurar o(s) seu(s) autor(es). Com efeito, ambos foram apresentados numa sessão da Academia dos Singulares de Lisboa realizada em 1665, na qual Nossa Senhora do Rosário foi eleita como padroeira, e estão publicados no segundo volume da obra que reúne os trabalhos dessa agremiação. O facto de não vir indicado o nome do(s) autor(es) dos dois textos não abala a certeza de que eles não podem pertencer a Gregório de Matos, uma vez que é ponto assente que o poeta baiano não foi membro da Academia em causa. Também a circunstância de os sonetos serem veiculados por um grande número de testemunhos – entre os quais 9 manuscritos principais – em que Gregório é apontado como seu autor, em nada invalida a exclusão dos poemas do cânone gregoriano.

X.

Testemunhos manuscritos principais: AC, I, p. 91 = A_4 / BADE, FM, 303, f. 85r = A_5 / BNRJ, 50.1.11, p. 77 = A_6 / BADE, FM, 587, p. 75 = A_7 / BNRJ, 50.2.3, p. 258-259 = A_8 / BPMP, 1388, f. 28v-29r = A_9 / BNRJ, 50.2.5, p. 108 = LC, P, 254, f. 17r = A_{10} / BI, L.15-2, I, p. 14 = A_{12}

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 392, f. 115v (an.) = A_1 / BADE, FR1, CXIV/2-8, p. 186 (an.) = A_2 / BNL, 3581, f. 16r (an.) = A_3

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, II, p. 122 (an.) = A / JA, p. 1215-1216 = A_5 / AP, I, p. 102 = A_{11} / Postilhão, II, p. 104 (an.) = A_{13}

Versão de A

Fragante Rosa em Jericó plantada,
Como a Lua formosa, esclarecida,
Como o Sol entre todas escolhida,
E como puro espelho imaculada;

- 5 Virgem antes dos séculos criada
Para Mãe do supremo Autor da vida,
Para fonte de Graça dirigida,
E de toda a desgraça reservada;

Pois a vosso Rosário se dedica

Leg. A Nossa Senhora do Rosário $A_1 A_2 A_3 A_8 A_9 A_{13}$ A Nossa Senhora do Rosário, em uma academia que fez o Poeta $A_4 A_5$ À Santíssima Virgem Senhora do Rosário, Advogada do Autor $A_6 A_7$ A Nossa Senhora do Rosário, a quem o Poeta com outras Pessoas doudas tomaram por objecto de certa Academia que entre si instituíram $A_{10} A_{11}$ À Santíssima Virgem Nossa Senhora do Rosário, Advogada do Autor e Protectora de uma Academia A_{12}

2. Como a Lua] E como Alva A_{13} , formosa, esclarecida] formosa e esclarecida $A_3 A_4 A_5 A_6 A_{10} A_{11} A_{12}$

3. Como o Sol] Como Sol $A_2 A_8 A_9 A_{13}$

4. imaculada;] imaculado! A_{11}

5. dos séculos] do século $A_3 A_8 A_9$ de séculos A_7

7. de Graça] da graça $A_9 A_{12}$ de graças $A_{10} A_{11}$

8. reservada] preservada A_{13}

9. a vosso] ao vosso $A_{12} A_{13}$

1. Como informa Ana Hatherly na sua edição do *Triunfo do Rosário* de Sórora Maria do Céu (1992, p. 285), a designação de Rosa de Jericó aplicada à Virgem Maria vem da Bíblia (*Ecles.*, XXIV, 18). Esclarece ainda a mesma autora que, na simbologia cristã, a rosa representa a perfeição. Jericó era uma povoação da Palestina situada perto do rio Jordão e do Mar Morto e constituía um ponto de encontro dos peregrinos que se dirigiam a Jerusalém. Dizia-se que as rosas de Jericó tinham 150 pétalas.

- 10 Esta Acad{e}mia, no que tanto acerta,
 Consagrando-se a vós, divina Rosa;
- Claro, patente e manifesto fica,
 E conclusão é sem falência certa
 Que do mundo há-de ser a mais gloriosa.

-
10. Acad{e}mia] Academia $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$, no que tanto] em que tanto
 $A_4 A_5 A_6 A_7$ em quem com tanto A_{12}
13. E conclusão] A conclusão $A_6 A_7$ Que a conclusão A_{12}
E sem falência conclusão é certa $A_{10} A_{11}$ E sem falência é conclusão certa A_{13}
14. a mais] mais $A_5 A_8$

10. A análise da métrica e da acentuação do verso mostra a necessidade desta síncope.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

XI.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.3, p. 260-261 = A_2 / AC, I, p. 92 = A_3 / BADE, FM, 303, f. 85v = A_4 / BNRJ, 50.1.11, p. 78 = A_5 / BADE, FM, 587, p. 76 = A_6 / BPMP, 1388, f. 29r-29v = A_7 / BI, L.15-2, I, p. 15 = A_8 / BNRJ, 50.2.5, p. 109 = A_9 / LC, P, 254, f. 17v = A_{10}

Testemunho manuscrito secundário: BNL, 3581, f. 16v (an.) = A_I

Testemunhos impressos: Ac. Singulares, II, p. 128 (an.) = A / JA, p. 1216 = A_3 / AP, I, p. 103 = A_9

Versão de A

Oh, que de Rosas amanhece o dia,
Porque entre Rosas madrugou a Aurora,
Trazendo em braços esse sol que agora
Dá novo ser ao sol da Academia!

- 5 E vós do Norte estrela a todos guia,
Sede com Rosas tantas protectora
Deste jardim, pois sendo a melhor Flora,
Sem elas e sem vós mal parecia;

Leg. Ao mesmo assunto $A_I A_2 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10}$ Ao mesmo assunto, auspiciando à aula bom sucesso A_3
Ao mesmo assunto, auspiciando à aula A_4 Ao mesmo intento A_7

2. madrugou] madruga $A_I A_2$ nos madruga $A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10}$ madrugando A_7 , a Aurora] Aurora
 A_{10}

4. Dá novo ser] Novo ser dava $A_I A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_9 A_{10}$ Novo Sol dava A_7 Novo ser dá A_8

5. estrela a todos] Estrela e a todos A_8

7. com Rosas] em rosas A_9

7. Flora – Deusa itálica das flores.

Aula gentil, divinos resplendores
10 Raio a raio lograi, que a luz mais bela
De Maria vos dá mais superiores;

Oh, quanto brilhareis quando Deus nela
Soube recopilar com tais primores
Entre rosas um Sol, Aurora e estrela!

10. lograi] lograis $A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10}$

11. mais superiores] mais resplandores $A_6 A_8$ mui superiores $A_9 A_{10}$

12. Oh, quanto] Oh, quando A_1

14. um Sol] o Sol $A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10}$

Os três sonetos seguintes pertencem com toda a certeza a João Sucarelo Claramonte. Do ponto de vista da transmissão, a situação dos três textos é semelhante: há um pequeno número de manuscritos principais que os atribui a Gregório de Matos, a partir dos quais dois deles seriam publicados por AP ou JA; há um grande número de manuscritos secundários que maioritariamente os atribui a Sucarelo. Entre estes está um códice de particular importância: o Ms. 755 da BPMP, intitulado «Obras/ Poeticas/ Do/ Doutor/ João Sucarello Claramôte/ Cavalleiro do ha-/ bito de Christo/ E Medico Portuense/ Que/ Ajuntou com grande trabalho/ Christovão Alão de Moraes/ Seu grande Amigo/ Anno MDCLXVII». Elaborado pelo magistrado e também poeta Cristóvão Alão de Moraes (1630-1693), numa data bastante recuada – 1667 –, este manuscrito apresenta assim uma particular autoridade, tanto no que respeita aos problemas de crítica textual colocados pelos poemas como ao nível da questão da autoria.

O primeiro soneto é transmitido por um total de 21 testemunhos: 6 manuscritos principais, que o atribuem a Gregório; 13 manuscritos secundários (dos quais 9 dão como autor Sucarelo, 1 Barbosa Bacelar, ao passo que nos 3 restantes ele vem sem indicação de autoria); 2 impressos, que – partindo de 2 manuscritos principais diferentes – apontam o poeta baiano como autor.

XII.

Testemunhos manuscritos principais: AC, I, p. 315 = A_3 / BADE, FM, 303, f. 191v = A_5 / BNRJ, 50.2.3, p. 265-267 = A_6 / BPMP, 1388, f. 21v-22r = A_7 / BNRJ, 50.2.1A, p. 292-293 = A_{17} / BNRJ, 50.2.1, p. 75 = A_{18}

Testemunhos manuscritos secundários: BPMP, 755, f. 8r (João Sucarelo) = A / BA, 49-III-49, f. 461r (João Sucarelo) = A_1 / BNL, 6269, f. 92r-92v (João Sucarelo) = A_2 / BGUC, 526, f. 248v-249r (João Sucarelo) = A_8 / ACL, 693A, f. 146r (João Sucarelo) = A_9 / TT, L, 1804, p. 190 (João Sucarelo) = A_{10} / BGUC, 516, f. 140v (A. Barbosa Bacelar) = A_{11} / BNL, 8625, p. 15 (an.) = A_{12} / BL, Add, 30767, p. 7 (João Sucarelo) = A_{13} / BGUC, 391, f. 251v-252r (João Sucarelo) = A_{14} / BNL, Pb, 133, f. 29v (João Sucarelo) = A_{15} / BNL, 3581, f. 21r (an.) = A_{16} / LC, P, 87, f. 135r (an.) = A_{20} / BPMP, 1203, p. 222 (D. João de Carvalho) =

Testemunhos impressos: JA, p. 320-321 = A_4 / AP, IV, p. 67 = A_{19}

Versão de A

A Domingos Roiz de Macedo, Corregedor do Crime do Porto, que prendeu
ao Autor

Lobo cervical, fantasma pecadora,
Alimária cristã, selvage humana,
Que eras com vara pescador de cana
Quando devias ser burro de nora.

Leg. A Domingos Roiz, Corregedor do Porto $A_1 A_2$ Ao Ouvidor-geral do Crime, que tinha preso o Poeta (como acima se diz), embarcando-se para Lisboa $A_3 A_4 A_5$ A um Corregedor que o amandou prender A_6 A um Corregedor que o mandou prender A_7 Soneto do Doutor Sucarelo, satirizando contra Domingos Roiz de Macedo, sendo Corregedor do Crime do Porto A_8 A um Corregedor $A_9 A_{10}$ A um homem de maus costumes e besta A_{11} Um preso deixou escrito na parede da cadeia, contra o Corregedor que o tinha preso, este Soneto A_{12} A um certo Corregedor do Porto A_{13} Ao Doutor João Zuzarte da Fonseca, mandando-o prender A_{14} A um Corregedor do Porto, o qual o prendeu A_{15} A um Corregedor que mandou prender ao Autor A_{16} A certo Ouvidor do Crime que andando de ronda, prendeu o Autor A_{17} Ao mesmo Julgador, quando acabando o lugar se embarcou para o Reino $A_{18} A_{19}$ Soneto que fez um homem a um Juiz que o prendeu A_{20}

1. Lobo] Burro $A_8 A_{20}$, cervical] sensual A_{16}
2. Alimária] Animária $A_{10} A_{12}$, selvage] salvagem $A_2 A_6 A_{15}$
3. Que eras com vara] Que sois com vara A_{11} Querias com vara ser A_{20}
4. Quando] E que A_{13} , devias ser] houveras de ser $A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$ havias de ser A_{14} devias de ser A_{16} , burro] pescador A_{20} , de nora] de uma nora A_2

Leg. Domingos Roiz de Macedo – Apesar dos esforços que desenvolvi, não consegui encontrar referência a esta personalidade.

2. fantasma – À época, o substantivo era predominantemente usado como feminino.
3. vara – Insignia dos juízes e magistrados.

5 Leve-te Belzebu, vai-te em má hora,
 Levanta desta vez fato e cabana
 E não pares senão na Taprobana,
 Ou no meio da Líbia abrasadora.

 Queime-te um raio, parta-te um corisco,
10 Na cama estejas tu, feças na rua,
 Sepultura te dêem montes de cisco.

 E toda aquela cousa que for tua
 Contigo corra sempre o mesmo risco,

5. Leve-te] Leva-te A_{16}

6. desta vez] já daqui $A_3 A_4 A_5 A_{17}$ desta feita $A_6 A_{16}$ daqui já A_7

7. E não] Não $A_6 A_7 A_{16}$, pares senão] pares tu senão A_7 , Taprobana] Trapozana $A_5 A_{17}$

8. meio] centro $A_3 A_4 A_5 A_{17} A_{18} A_{19}$

9. Queime-te] Parta-te $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_{14} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19}$ Fenda-te $A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$, parta-te] queime-te $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_{17} A_{18} A_{19}$ abrase-te A_{14} queima-te A_{16}

10. Na cama] Em casa $A_9 A_{11} A_{12} A_{13} A_{14}$, estejas] sejas A_{12} , tu, feças na] e sejas na $A_2 A_{15}$ tu, sejas na A_4 te enoje a A_{14} tu, se estás na A_{17} tu, morras na $A_{18} A_{19}$

11. Sepultura] Sepulturas $A_6 A_7 A_{11} A_{16}$ E sepultura A_{20}

13. Contigo corra sempre] Corra sempre contigo $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{14} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19}$
Corra também contigo A_{13} , o mesmo] o meu A_6

6. fato – Os bens móveis, como roupas e outros.

7. Taprobana – Ilha do oceano Índico, considerada durante muitos séculos como pertencendo a um outro mundo. N' *Os Lusíadas*, o topónimo designa um lugar extremo da terra, discutindo-se se o poeta pretendia aludir a Ceilão ou a Samatra.

10. feças – Esta suposta forma verbal surge grafada de três maneiras diferentes: com ç, ss e z. Embora não tenha conseguido encontrar nenhum averbamento, estou inclinados a supor que se trate de uma variante de *faças*, com o sentido de “defecar”.

Ó alimária cristã, ó besta crua.

14. Ó alimária cristã] Ó salvage cristã $A_3 A_4 A_5 A_{17}$ Ó animal, ó alimária $A_8 A_{20}$ Ó animal, ó fera $A_9 A_{10}$
 $A_{11} A_{12} A_{13} A_{14}$ Ó selvagem cristã A_{18} Ó selvagem cristão A_{19} , ó besta] e besta A_1

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Este segundo soneto é transmitido por um total de 20 testemunhos: 2 manuscritos principais, que o dão como sendo de Gregório de Matos; 17 manuscritos secundários (dos quais 12 o atribuem a Sucarelo, 2 a D. Tomás de Noronha, ao passo que nos 3 restantes ele vem sem indicação de autoria); 1 impresso, que – partindo de um dos manuscritos secundários (BGUC, 392, f. 140v) – aponta como autor D. Tomás.

XIII.

Testemunhos manuscritos principais: BPMP, 1388, f. 17v-18r = A_{14} / BNRJ, 50.2.3, p. 289-290 = A_{15}

Testemunhos manuscritos secundários: BPMP, 755, f. 31v-32r (João Sucarelo) = A / BNL, 6269, f. 93v-94r (João Sucarelo) = A_1 / BL, Add, 30767, p. 12 (João Sucarelo) = A_2 / LC, P, 87, f. 134v (an.) = A_3 / BGUC, 391, f. 251r-251v (João Sucarelo) = A_4 / LC, P, 9, [f. 196r] (D. Tomás de Noronha) = A_5 / BGUC, 544, p. 125-126 (João Sucarelo) = A_6 / ACL, 693A, f. 152v (João Sucarelo) = A_7 / TT, L, 1080, f. 164v (João Sucarelo) = A_8 / BNRJ, I-13, 3, 20, p. 67 (an.) = A_9 / BNL, 13217, f. 328r-328v (João Sucarelo) = A_{10} / BA, 49-III-52, f. 97r (João Sucarelo) = A_{11} / BGUC, 390, f. 295r (João Sucarelo) = A_{12} / TT, L, 1804, p. 186 (João Sucarelo) = A_{13} / BGUC, 392, f. 140v (D. Tomás de Noronha) = A_{16} / BGUC, 359, f. 270v (an.) = A_{17} / BGUC, 526, f. 206r-206v (João Sucarelo) = B

Testemunho impresso: M. Remédios, p. 7 (D. Tomás de Noronha) = A_{16}

Versão de A

A um Frade que fazendo os versos sem medida, dizia mal dos do Autor

Leg. sem medida] errados A_1 , dos do Autor] dos outros A_1

A certo frade, de alcunha o *Pontinha*, que fazendo versos grandes, repreendia os do Autor A_2 A um frade que fazia os versos mais da marca A_3 A um Padre que fazia os versos sem medida A_4 A um frade que fazia mal os versos e dizia mal dos alheios A_5 A um frade que fazia os versos compridos A_9 A um frade que fazia versos de bom tamanho A_{10} Ao Padre Frei Manuel de Girão, tendo-lhe visto uns versos com mais sílabas do que era lícito A_{11} A um franciscano chamado fulano Girão A_{12} A um frade franciscano que fazia versos muito compridos A_{13} A um frade que se fazia Poeta sem o ser A_{14} A um frade que se fazia Poeta sem ser A_{15} Ao Padre Girão, frade franciscano, por fazer os versos compridos A_{16} Ao Padre Girão, por fazer uns versos muito compridos A_{17} A um frade que fazia os versos compridos B *Falta em* A_6 A_7 A_8

Padre Girão, se a Vossa Reverência
Lhe deu licença o louro Patriarca
Para fazer os versos mais de marca,
Foi mui bem dada em minha consciência.

- 5 Porém se lha não deu, mostre Vossência,
Em Camões, Lope, Góngora ou Petrarca,
Algum exemplo; e não me roce a alparca,

1. se a Vossa] se Vossa $A_{11} A_{14}$
2. Lhe deu] Tem A_{11} , o louro] do louro A_{11} já seu A_{14} o seu A_{15}
3. os versos] versos $A_9 A_{15}$, mais de marca] mais da marca $A_1 A_3 A_5 A_6 A_9 A_{12} A_{14} A_{15} A_{16} B$ tão sem
marca A_4
4. Foi mui bem dada] Está bem dada $A_2 A_4 A_5 A_6 A_7 A_9 A_{10} A_{11} A_{14} A_{15}$ Bem dada está A_8 Está mui
bem dada A_{12} Foi muito mal dada A_{13} Bem dada foi A_{16} Bem dada fez A_{17} Fica bem B , em minha] na
minha A_3 em sua $A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} B$ em vossa A_{10} na sua A_{11}
5. Porém se] Se acaso $A_5 A_8$ Mas se $A_9 A_{12}$ Mas se acaso $A_{10} A_{13} A_{15} B$ E se acaso A_{11} , lha não deu] lha
deu A_9 a não deu $A_{10} A_{15}$ a não tem $A_{11} B$, mostre] dê-me $A_7 A_9$ diga A_{13}
6. Em Camões] Em Lope $A_7 A_8 B$ Em Virgílio A_9 Se achou em Camões A_{13} Exemplo em Camões A_{16}
Exemplo no Camões A_{17} , Lope, Góngora] Góngora, Lope A_3 Camões, Góngora $A_7 A_8 B$ Camões,
Lope A_9 Góngora $A_{10} A_{13} A_{15}$ Lope da Vega A_{12} ou em Góngora A_{14} Lope $A_{16} A_{17}$, ou Petrarca] ou em
Petrarca $A_{14} A_{15}$
7. Algum exemplo] Exemplo algum $A_6 A_{13}$ Um exemplo $A_7 A_9$, e não me] que me não $A_1 A_3$ não me
 $A_7 A_8$, a alparca] alparca A_{10}
E não me ande por aqui roçando alparca A_{16} E não me ande por aqui roçando a alparca A_{17} Algum
exemplo ou use só de alparca B *Falta este verso em A_{15}*

2. louro Patriarca – Apolo, que, entre outras atribuições, era o deus da poesia.
3. marca – Grandeza prescrita pela lei.
5., 9., 14. Vossência – Forma abreviada de *Vossa Excelência*.

Porque me dá c'um pau na paciência.

Se a Musa de Vossência é centopeia,

- 10 Sevandilha dos charcos do Pegaso,
Faça os versos, com Deus, de légua e meia.

Mas se algum dos coimeiros do Parnaso

Os levar por compridos à cadeia,

Que há-de fazer Vossência neste caso?

8. Porque me dá] Que isso é dar-me $A_4 A_{11}$ Que me dará A_6 Que me dá $A_{13} B$, c'um] com um $A_1 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} B$

9. Se a Musa de Vossência] Se acaso a sua Musa A_6 E se a Musa de Vossência A_{17} Porém se a sua Musa B

10. Sevandilha] Sevandija $A_2 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{11} A_{12} A_{13} A_{16} A_{17} B$ Sevandijas $A_{10} A_{14} A_{15}$, dos charcos] dos carcos A_3 das águas $A_4 A_{11}$ do charco $A_5 A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17}$ do carcho A_{12} , Pegaso] Parnaso $A_9 A_{11} A_{13} A_{14} B$

11. Faça os versos] Faça versos $A_6 A_7 A_9$ Os versos faça A_{11} Versos faça $A_{16} A_{17}$, com Deus] já A_{11}

12. Mas] Porém $A_4 A_6 A_7 A_{10} A_{11} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17}$, se algum dos coimeiros] se algum coimeiro $A_4 A_6 A_7 A_9 A_{10} A_{16} A_{17} B$ se algum ministro A_{11} se os achar o reideiro A_{12} se algum reideiro A_{13} se algum colmeiro $A_{14} A_{15}$, do Parnaso] do Pegaso $A_{11} A_{13}$ o puser raso B

13. Os] Lhos $A_4 A_6 A_7 A_9 A_{13} A_{16}$ E os $A_{12} B$

14. há-de fazer] fará A_9

Diga então que fará em este caso. B

10. sevandilha – Variante de *sevandija*.

Pegaso – Cavalo com asas, amado das Musas. Batendo com um dos cascos no solo, para elas fez brotar, no monte Hélicon, a fonte de Hipocrene, a cujas águas foi atribuída a virtude de dar inspiração poética.

12. coimeiro – Recebedor de coimas.

Parnaso – Maciço da Fócida, consagrado a Apolo.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Este terceiro soneto é transmitido por um total de 27 testemunhos: 4 manuscritos principais, que o atribuem a Gregório; 22 manuscritos secundários (16 dos quais o dão como sendo de Sucarelo, ao passo que 2 indicam como autor D. Tomás de Noronha, 1 Fernão Correia de Lacerda e 1 Troilo de Vasconcelos, havendo ainda 2 em que o poema vem anônimo); 1 impresso, que – partindo de um manuscrito principal desaparecido – aponta o poeta baiano como autor.

XIV.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.1, p. 69 = A_7 / BNRJ, 50.2.3, p. 295-296 = A_9 / BI, L.15-2, II, p. 67 = A_{10} / BPMP, 1388, f. 20r = A_{11}

Testemunhos manuscritos secundários: BPMP, 1397, f. 258r (João Sucarelo) = TT, L, 1659, f. 51v (João Sucarelo) = A / BGUC, 1636, p. 89 (João Sucarelo) = A_1 / ACL, 693A, f. 149v (João Sucarelo) = A_2 / BNL, 13217, f. 291v-292r (Fernão Correia de Lacerda) = A_3 / BL, Add, 30767, p. 11 (João Sucarelo) = A_4 / TT, L, 1804, p. 184 (João Sucarelo) = A_5 / BGUC, 321, f. 90v (João Sucarelo) = A_6 / BPMP, 755, f. 43v-44r (João Sucarelo) = A_{12} / BGUC, 395, f. 88v (an.) = A_{13} / BA, 49-III-49, f. 459r (João Sucarelo) = A_{14} / BNL, 6269, f. 94r (João Sucarelo) = A_{15} / BGUC, 338, f. 330v (João Sucarelo) = A_{16} / BGUC, 544, p. 123 (João Sucarelo) = A_{17} / BNL, Pb, 133, f. 89v (D. Tomás de Noronha) = A_{18} / LC, P, 9, [f. 189r] (D. Tomás de Noronha) = A_{19} / TT, L, 1868, [f. 120v] (João Sucarelo) = A_{20} / ADB, 373, f. 115v-116r (João Sucarelo) = A_{21} / BNRJ, I-13, 3, 20, p. 100 (João Sucarelo) = A_{22} / BNL, 3581, f. 32r (an.) = A_{23} / BGUC, 526, f. 53v (Troilo de Vasconcelos) = A_{24} / BADE, FM, 304(a), f. 387v-388r (João Sucarelo) = B

Testemunho impresso: JA, p. 880-881 (que parte do desaparecido AC, IV, p. 416) = A_8

Versão de A

A uma Dama fermosa

Leg. A uma Dama muito fermosa, chamada Catarina A_1 A uma Dama A_3 A_5 A_{19} A_{20} Exagerações a uma Dama fermosa A_4 A uma Dama chamada Catarina. Desaires da formosura com as pensões da natureza A_7 Desaires da formosura com as pensões da natureza, ponderadas na mesma Dama A_8 À beleza de uma Dama A_9 A_{11} A_{23} À mesma Dama, quando tão perfeita, muito ingrata A_{10} A uma Dama presumida Caterina dos sarafins, freira em Monchique A_{12} Soneto a uma Dama presumida A_{13} Do mesmo, vendo uma Dama A_{15} A Dona Caterina, Freira A_{17} Soneto a quem dizia amores a uma Dama ingrata, que pertendia e encontrou A_{24} *Falta em* A_2 A_6 A_{14} A_{16} A_{18} A_{21} A_{22} B

Rubi, concha de perlas peregrina,
Animado cristal, viva escarlata,
Duas safiras sobre lisa prata,
Ouro encrespado sobre prata fina.

- 5 Este o rostinho é de Caterina,
Que porque docemente obriga e mata,
Não livra o ser divina o ser ingrata,
E raio a raio os corações fulmina.

- Viu-a Fábio uma tarde, e transportado,
10 Bebendo admirações e galhardias,

-
1. Rubi] Rubim $A_4 A_6 A_{10} A_{13}$, concha] em concha A_{19} conchas A_{24} , perlas] pérolas $A_6 A_9 A_{11} A_{16} A_{17} A_{23}$
Concha de ricas perlas peregrina B
2. Animado] Esmaltado $A_{14} A_{15}$, cristal] rubi B , viva] fina A_{19}
3. lisa] viva A_{24}
5. Este o rostinho] Isto o rostinho A_{21} Este rostinho A_{22}
6. Que porque docemente] Porque docemente A_6 E porque docemente $A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{21} A_{23}$ Que por ser doce muito A_{22} Pois que docemente B
7. Não] Nem $A_{12} A_{13} A_{14} A_{16}$, divina] tirana A_6 discreta A_{21} , o ser ingrata] em ser ingrata $A_2 A_3 A_4 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{21} A_{23}$ ou ser ingrata A_{17}
Não o ser divina, mas o ser ingrata A_{18} Não lhe livra o divina ser ingrata B
8. E raio a raio] Ícaro a raios A_6 Raio a raio $A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{18}$ Que raio a raio A_{17} Pois raio a raio A_{19} Se raio a raio A_{24} , os corações] corações $A_6 A_{17}$ aos corações A_{19}
Raio a raio corações domina B
9. Viu-a] Viu $A_3 A_4 A_8 A_9 A_{10} A_{13} A_{14} A_{17} A_{23}$, Fábio uma tarde] Fábio em uma tarde A_{10} um dia Fábio A_{20} , e transportado] transportado $A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{17} A_{23}$
10. admirações] adorações A_{20} , e galhardias] em galhardias A_6 a galhardias A_7

A quem já tanto amor levantou aras,

Disse, igualmente amante e magoado:

– «Oh, muchacha gentil, que tal serias,

Se sendo tão fermosa não cagaras!»

11. A quem] De quem A_{11} , já tanto] tão grande A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} já A_{17} já o seu A_{19} já seu B , amor] o amor A_{24}

12. Disse igualmente] Disse qualmante A_7 Porém disse-lhe A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} , amante e magoado] amante e namorado A_{11} amante magoado A_{12} o amante magoado A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} magoado A_{24}

13. Oh] Ah A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{18} A_{23} , muchacha] cachopa A_5 fermosa A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} , que tal] e que tal A_5 o que B

14. Se sendo tão] Se assim como és A_{14} A_{15} A_{16} , cagaras] casaras A_{23} mataras A_{24} me amaras B

O próximo soneto pertence com toda a certeza a António Barbosa Bacelar. A simples consideração do leque de testemunhos que o veicula seria suficiente para apoiar essa conclusão: de um total de 34 documentos, apenas 5 (3 manuscritos principais, 1 secundário e 1 impresso) atribuem o poema a Gregório, ao passo que 16 (15 manuscritos secundários e 1 impresso) se pronunciam a favor de Bacelar. Quanto aos restantes 13, há 2 que consideram D. Tomás de Noronha como autor, ao passo que nos outros o texto vem anónimo. A prova definitiva é fornecida pelo Ms. 679 da BPMP, uma recolha preparada pelo também poeta Cristóvão Alão de Moraes (1630-1693): «Obras/ Poeticas Do/ Doutor/ Antonio Barbosa Bacelar Desembargador/ da Casa da Supplicação Juiz da Capella del Rei/ D. A.º 6.º e Dez.^{or} dos Agravos da junta dos/ contos do Reino, e Fiscal da dos tres estados/ nomiado Prior da Magdalena da Cidade de/ Lisboa donde era natural./ Tresladas / Por industria de Christovão Alão de Moraes/ sendo corregedor das Commarcas de/ Coimbra/ No Anno/ De/ MDCLXXX».

XV.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.3, p. 417-418 = *B* / BGUC, 353, p. 288-289 = *C* / BNRJ, 50.2.4, f. 245^ar = *C_I*

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 359, f. 132v (A. Barbosa Bacelar) = *A* / ACL, 693A, f. 157r (A. Barbosa Bacelar) = *A_I* / TT, F, 33, f. 135v (an.) = *A₂* / LC, P, 252, p. 467 (an.) = *A₄* / BADE, FR1, CXIV/1-13d, [f. 71r] (an.) = *A₅* / BGUC, 390, f. 295v (A. Barbosa Bacelar) = *A₆* / BPMP, 1121, [f. 75r-75v] (A. Barbosa Bacelar) = *A₇* / BGUC, 338, f. 474r (A. Barbosa Bacelar) = *A₈* / BNL, 3106, f. 70r (an.) = *A₉* / BGUC, 3029, f. 190v (an.) = *A₁₀* / BGUC, 392, f. 258v-259r (an.) = *A₁₁* / BA, 49-III-52, f. 62v (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₂* / BA, 49-III-52, f. 65v (an.) = *A₁₃* / BPMP, 1045, f. 99r (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₄* / BGUC, 516, f. 140r (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₅* / BNL, Pb, 133, f. 32r (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₆* / BGUC, 544, p. 158-159 (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₇* / TT, L, 840, f. 118r-118v (D. Tomás de Noronha) = *A₁₈* / BPMP, 679, f. 18v-19r (A. Barbosa Bacelar) = *A₁₉* / BGUC, 359, f. 70r (an.) = *A₂₀* / BGUC, 392, f. 96v (an.) = *A₂₁* / LC, P, 18, II, p. 22 (A. Barbosa Bacelar) = *A₂₂* / BGUC, 395, f. 106r (D. Tomás de Noronha) = *A₂₃* / BGUC, 380, f. 176r = *A₂₄* / BADE, FM, 304(a), f. 383r (an.) = *A₂₅* / BGUC, 362, f. 139v-140r (A. Barbosa Bacelar) = *D* / BGUC, 526, f. 196v-197r (A. Barbosa Bacelar) = *E* / BNL, 1650, p. 343 (A. Barbosa Bacelar) = *E_I* / BNL, 13217, f. 88v-89r (an.) = *F*

Testemunhos impressos: Fénix, II, p. 110 (A. Barbosa Bacelar) = *A₃* / AP, VI, p. 118 = *B_I*

Versão de *A*

Paro, reparo, tenho, envido e pico,
Viva a Santa rapina, viva o saco,
Cada qual de nós outros seja um caco,
Haja galhofa e serolico tico.

- 5 Entorne-se o licor, molhe-se o bico,
Canse o braço, ande o copo e ferva o Baco,

Leg. Entrando em uma casa de jogo *A*₃ Entrando o Autor em uma casa de jogo *A*₄ Soneto a certo assunto *A*₅ Soneto burlesco *A*₆ *A*₈ *A*₁₀ *A*₁₅ *A*₂₅ Entre quatro amigos, depois de beberem muito vinho *A*₇ Entre quatro amigos, depois de muito beberem *A*₉ Entre quatro estudantes, depois de muito beberem *A*₁₁ Entre quatro amigos, depois de beberem muito *A*₁₂ Estando em uma galhofa *A*₁₄ Repente de Bacelar, estando-se jogando aos piques *A*₁₆ Em uma galhofa *A*₁₇ *A*₂₁ *A*₂₂ *A*₂₃ *A*₂₄ Em certa galhofa de amigos *A*₁₉ A um jantar *A*₂₀ Ao passatempo da vida *B* *B*₁ A uma galhofa de jogo e frasco que fizeram uns amigos na Baía *C* A uma galhofa de frasco e jogo *C*₁ Em uma ocasião de galhofa *D* Soneto do Bacelar feito para um banquete em galhofa e jogo por particulares consoantes *E* A um festejo ou baile *E*₁ Uma copla que se fez a serolico tico *F*

1. Paro, reparo] Paro e reparo *C*, tenho, envido e pico] tenho, envido, pico *A*₈ *A*₂₁ envido, tenho e pico *A*₁₄ topo, envido e pico *A*₁₇ *A*₁₈ *D* *E* *E*₁ tenho, miúdo e pico *A*₂₄ envido e pico *F*
2. rapina] galhofa *B* *B*₁, viva o saco] viva o caco *A*₁₄ viva o Baco *A*₁₇ *E* *E*₁ e viva o saco *C* *C*₁ *F*
3. Cada qual] Cada um *A*₁₈ *D* E cada qual *A*₂₄, de nós outros] de vós outros *A*₁₂ *A*₁₃ de nós *B* *C* *C*₁, seja] se faça *A*₂₃ *A*₂₄ seja agora *C* *C*₁, caco] saco *A*₆ Baco *A*₁₄ *A*₁₉ *A*₂₀ *A*₂₁ *A*₂₂ *A*₂₃ *A*₂₄ *A*₂₅
4. e serolico] serolico *A*₅ *A*₁₇ *A*₂₀ *A*₂₃ *A*₂₄ *E* *E*₁ *F* e tirolico *A*₇ *A*₉ *A*₁₂ *A*₁₈ *A*₂₅ *C* *C*₁ *D* tirolico *A*₈ *A*₁₁ *A*₁₃
5. Entorne-se o licor] Entornou-se o licor *A*₁₇ *A*₂₅ Mandemos todos vir *B* *B*₁ Derrame-se o licor *C* *D* *E* *E*₁, molhe-se] e molhe-se *A*₁ *C*₁ molhou-se *A*₂₅
6. Canse o braço, ande o copo] Cansem os braços, ande o copo *A*₁₅ Ande o copo, canse o braço *A*₁₆ *D*, e ferva] ferva *A*₃ *A*₄ *A*₁₁ *A*₁₂ *A*₁₃ *A*₁₅ *A*₂₀ *A*₂₂, o Baco] Baco *A*₈ *A*₁₉
Ande o copo no ar, venha tabaco *E* Salte o copo no ar como macaco *E*₁

1. picar – No jogo dos piques, que é um jogo de cartas, significa pôr na mesa um tento.
4. serolico tico – Início de uma fórmula usada num jogo infantil.

Seja um tal e qual, seja um velhaco
Quem daqui não sair um serolico.

10 Não haja quem acerte c'ó seu beco,
Que enquanto bebo claro e falo rouco,
Que me dá do que passa em Pernambuco?

Viva, amigos, o Baco, viva o Meco,
Que se o peso for grande e o lastro pouco,

7. Seja] E seja $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{17} A_{18} A_{19} A_{20} A_{24} B B_1 C C_1 D$ Seja eu E_1 , um tal e qual] um tal, um qual A_4 tal e qual $A_{12} A_{13} B B_1 E E_1$ um tal ou qual $A_{16} C C_1$ um tal por qual $A_{18} D$, seja um velhaco] seja velhaco A_4 e seja um velhaco A_{24}

Cada qual de nós outros seja um valhaco F

8. serolico] tirolico A_{13}

9.-10. *A ordem destes versos está trocada em F*

9. Não haja quem acerte] Não acerte nenhum $E E_1$, c'ó seu] com o seu $A_1 A_4 A_5 A_6 A_8 A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{18} A_{21} A_{22} A_{24} A_{25} C_1 E E_1 F$ com seu $A_7 A_{10} A_{13} A_{19} B B_1 D$ o seu $A_9 A_{11} A_{23}$, beco] bico $B B_1$

10. Que] $E A_{11}$, enquanto bebo] enquanto eu bebo $A_{18} D$ se eu bebo E_1 , e falo] falo $A_9 A_{11}$

Qualquer do que aqui está faz-se pouco F

11. Que me dá] Não me dá $A_{10} A_{11} A_{21} A_{22} A_{23} B C C_1 E$ Não meda B_1 Que importa D Que me dá a mim F , do que passa] do que vai A_{15} do que passou A_{22} do que possa B_1 no que vai D

12. Viva, amigos, o Baco] Viva, amigo, o Baco $A_6 A_{20}$ Venha, amigos, o Baco A_{15} Viva, amigos, a Baco A_{16} Venha, amigos, tabaco $C C_1$ Venha o Santo tabaco D Viva, amigo, o baile E Viva, amigos, o baile E_1 , viva o Meco] e viva o Meco $A_5 A_6 A_{10} D E E_1$ viva o Mico B_1 e venha o meco $C C_1$

13. Que se o peso] Mas se o peso $A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{19} A_{21} A_{22}$ Que se o corpo A_{17} E se o peso A_{18} Que se o pego A_{25} Que seu peso B_1 Se o peso F , for] foi A_2 , grande] muito $A_{12} A_{13} A_{16} A_{18} A_{23} A_{24} C C_1 D$, e o lastro] o lastro $A_{13} A_{15} A_{16} A_{18} B B_1 C$

6. Baco – Deus romano do vinho.

O mesmo foi a estátua de Nabuco.

14. a estátua] da estátua A_{15} *D E* na estátua A_{25}

14. estátua de Nabuco – Alusão ao sonho de Nabucodonosor II, rei da Babilónia, em que surgia uma estátua com pés de barro e que o profeta Daniel interpretou como sendo a imagem do seu império (*Dan.*, 2, 31-45).

ABBA / ABBA / CDE / CDE

O texto que se segue pertence com toda a certeza a António Barbosa Bacelar. O exame do rol de testemunhos torna essa conclusão bastante evidente: de um total de 18 documentos, apenas 3 (1 manuscrito principal e 2 impressos) atribuem o poema a Gregório, ao passo que 11 (10 manuscritos secundários e 1 impresso) o dão como sendo de Bacelar. Nos restantes 4, o poema vem anónimo. Tal como acontecia em relação ao texto anterior, a prova definitiva resulta de o texto vir incluído no Ms. 679 da BPMP.

XVI.

Testemunho manuscrito principal: L.15-2, II, 58 = A_{12}

Testemunhos manuscritos secundários: ACL, 693A, f. 32r (A. Barbosa Bacelar) = A / BA, 51-II-24, f. 179v (an.) = A_1 / BGUC, 1636, p. 31 (A. Barbosa Bacelar) = A_2 / BNL, 10894, p. 352 (A. Barbosa Bacelar) = A_3 / BNL, 3106, f. 66v (an.) = A_4 / BNL, Pb, 133, f. 64r (A. Barbosa Bacelar) = A_5 / BPMP, 679, [f. 67v-68r] (A. Barbosa Bacelar) = A_6 / BGUC, 526, f. 176r-176v (A. Barbosa Bacelar) = A_8 / BGUC, 1134, f. 272v-273r (an.) = A_{10} / BGUC, 395, f. 54v-55r (A. Barbosa Bacelar) = A_{11} / BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 146v (A. Barbosa Bacelar) = A_{13} / LC, P, 18, II, p. 27 (A. Barbosa Bacelar) = A_{14} / BGUC, 390, f. 290v (an.) = A_{15} / ADB, 373, f. 118r (A. Barbosa Bacelar) = A_{16}

Testemunhos impressos: JA, p. 838 (que parte do desaparecido AC, IV, 418) = A_7 / Fénix, II, p. 90 (A. Barbosa Bacelar) = A_9 / AP, II, p. 41 = A_{12}

Versão de A

Adormeci ao som de meu tormento,
E logo vacilando a fantasia,
Gozava mil portentos de alegria,
Que todos se tornaram sombra e vento.

Leg. A um sonho A_2 A_4 A_9 A_{10} A_{11} A_{13} A_{14} Amante sonhando A_3 Sonho que teve com uma Dama, estando preso na cadeia A_7 Soneto de quem sonhou com a Dama A_8 A um sonho amoroso que o Autor teve A_{12} Sobre um sonho de um amante A_{15}

1. Adormeci] Adormecia A_{15} , de meu] do meu A_7 A_9 A_{10} A_{11}

4. sombra e vento] sobre vento A_{15}

5 Sonhava que tocava o pensamento
 Com liberdade o bem que mais queria,
 Fortuna venturosa, claro dia;
 Mas ai, que foi um vão contentamento!

 Estava, Clóris minha, possuindo
10 Desse fêrmoso gesto a vista pura,
 Alegres glórias mil imaginando;

 Mas acordei, e tudo resumindo,
 Achei dura prisão, pena segura:
 Ah, se estivera assim sempre sonhando!

5. tocava] gozava $A_2 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$ lograva $A_{14} A_{15}$

7. venturosa] ventura A_{10}

8. ai] ah $A_3 A_{13}$

9. Clóris] ó Clóris A_1 ó Clóri $A_3 A_9 A_{12}$ Clóri $A_8 A_{10} A_{11} A_{13} A_{14}$, possuindo] presumindo A_{16}

10. Desse] De teu A_3 , gesto] rosto $A_5 A_{16}$ gosto $A_6 A_{10} A_{11} A_{13} A_{14} A_{15}$

11. Alegres glórias mil] Alegre, glórias mil $A_2 A_7$ Alegrias, glórias mil A_{10} Mil alegres glórias A_{13}

12. resumindo] resumido $A_8 A_{11} A_{14} A_{15} A_{16}$

13. pena] vida A_{16}

14. Ah] Oh $A_2 A_7 A_8 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$ Ai A_{14} , se estivera assim sempre] se estivera sempre assim $A_4 A_5$
 A_{16} se sempre estivera assim A_7 se eu sempre estivera assim A_8 quem estivera assim sempre A_9 quem
sempre estivera assim A_{12}

ABBA / ABBA / CDE / CDE

Os cinco sonetos que se seguem pertencem ao P.^o Eusébio de Matos, irmão de Gregório. Os quatro primeiros são transmitidos por um total de 7 testemunhos: 6 manuscritos principais (AC, BADE, FM, 587, BI, L.15-2, BNRJ, 50.1.11, BNRJ, 50.2.5 e LC, P, 254) e 1 secundário (BNRJ, I-7, 12, 32). O último é veiculado apenas pelos 4 manuscritos principais referidos em primeiro lugar. A generalidade destas fontes testemunhais atribui os poemas a Eusébio de Matos, havendo apenas dois manuscritos principais em que – talvez por lapso – nada é dito, presumindo-se assim que o autor implicitamente referido seja Gregório: BADE, FM, 587 e BI, L.15-2.

Conforme tive oportunidade de dizer no momento em que inventariei as fontes testemunhais, os cinco sonetos em causa fazem parte de um conjunto mais vasto de dezassete poemas de Eusébio de Matos, que surge completo apenas em AC, BADE, FM, 587, BI, L.15-2 e BNRJ, 50.1.11.

XVII.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.1.11, p. 172 (Eusébio de Matos) = A / BNRJ, 50.2.5, p. 113 (Eusébio de Matos) = LC, P, 254, f. 19v (Eusébio de Matos) = A_1 / BI, L.15-2, I, p. 1 = A_2 / BADE, FM, 587, p. 79 = A_4 / AC, I, p. 106-107 (Eusébio de Matos) = A_5

Testemunho manuscrito secundário: BNRJ, I-7, 12, 32, p. 1 (Eusébio de Matos) = A_3

Versão de A

À Instituição do Santíssimo Sacramento na Ceia de Quinta-feira Santa

Pertendeis hoje, ó Deus Sacramentado,

Em branca nuve aos olhos escondido,

Leg. Santíssimo] Diviníssimo $A_1 A_3$, na Ceia de] em $A_1 A_3$

A Cristo Senhor Nosso, instituindo o Diviníssimo Sacramento na Ceia de Quinta-feira Santa A_2 À Paixão de Cristo Senhor Nosso são as seguintes e várias obras do Autor, que findam com a Soledade de Maria Santíssima e principia[m] com a instituição do Sacramento, na Ceia de Quinta-feira Santa, com o seguinte Soneto A_4 Instituição do Diviníssimo Sacramento A_5

2. nuve] nuvem $A_1 A_3$ neve A_5

Livrar ausente a queixa de esquecido,
Lograr presente a glória de lembrado.

- 5 Buscais amante as almas disfarçado,
Sendo quando encoberto e escondido
Segredo expostamente encarecido,
Vida na morte, alívio no cuidado.

- 10 Mas causa este prodígio, este protento,
Do Mistério maior e mais profundo
Assombros ao melhor entendimento;

Em o que vejo com razão me fundo,
Porque sendo um segredo o Sacramento,
Sei que se há-de guardar por todo o mundo.

3. esquecido] escondido A_5

9. este prodígio, este protento] esse prodígio, esse portento A_3

10. Do Mistério] De Ministro A_4 , e mais] e o mais A_2

XVIII.

Testemunhos manuscritos principais: AC, I, p. VII^a-VIII^a (Eusébio de Matos) = BADE, FM, 587, p. 92 = BNRJ, 50.1.11, p. 185-186 (Eusébio de Matos) = *A* / BNRJ, 50.2.5, p. 114 (Eusébio de Matos) = LC, P, 254, f. 20r (Eusébio de Matos) = *A*₁ / BI, L.15-2, I, p. 2 = *A*₂

Testemunho manuscrito secundário: BNRJ, I-7, 12, 32, p. 2 (Eusébio de Matos) = *A*₁

Versão de *A*

Ao mesmo assunto

De bárbara crueza revestida,
Esquadra vil de gente armada e forte,
Por me livrares das prisões da morte,
Deixais, Senhor, prender a própria vida.

5 Do ódio a humana fúria prevenida
O vosso amor alenta de tal sorte,
Que sem querer que a pena se reporte,
Dais à inocência glórias de ofendida.

Mais ai, meu Bem, que grande diferença
10 Vejo entre mim e vós; porque o perigo
Buscais, sem que eu lhe fuja em recompensa.

Ingrato sou no parecer que sigo,
Pois as mãos tenho soltas para a ofensa,
E vós presas as mãos para o castigo.

Leg. À paciência com que Cristo Senhor Nosso se deixou prender por amor dos homens *A*₁ À paciência com que o Amorosíssimo Jesus se deixou prender por amor dos homens *A*₂

ABBA / ABBA / CDC / DCD

XIX.

Testemunhos manuscritos principais: BADE, FM, 587, p. 95 = A / AC, I, p. X^a-XI^a (Eusébio de Matos) = A_1 / BI, L.15-2, I, p. 3 = A_2 / BNRJ, 50.1.11, p. 188-189 (Eusébio de Matos) = A_3 / LC, P, 254, f. 20v (Eusébio de Matos) = A_4 / BNRJ, 50.2.5, p. 115 (Eusébio de Matos) = A_5

Testemunho manuscrito secundário: BNRJ, I-7, 12, 32, p. 3 (Eusébio de Matos) = A_4

Versão de A

Ao mesmo assunto

Como o teu ódio a tal rigor te inclina
Que a teu Deus cara a cara te atreveste?
Como para Ele humana mão tiveste,
Tendo Ele para ti a mão Divina?

5 Do melhor rosto à luz mais peregrina
Vivente nuve, ó bárbaro, opuseste;
E hoje grosseiro dar de mão quiseste

Leg. Ao Fariseu, dando barbaramente a bofetada em Jesus Cristo em casa de Anás A_2 Às ignomínias e afrontas que fizeram a Jesus Cristo Senhor Nosso em casa de Anás $A_4 A_5$

2. Que a teu] Que ao teu A_2 , atreveste] atrevestes A_3

3. mão] não A_5 , tiveste] tivestes A_3

6. nuve, ó bárbaro] nuvem, bárbaro $A_4 A_5$, opuseste] opusestes A_3

7. E hoje] E assim $A_4 A_5$, quiseste] quisestes A_3

1-14. Conforme o esclarecem melhor as legendas de $A_2 A_4 A_5$, o soneto refere-se ao episódio da prisão de Jesus. Levado perante o sumo sacerdote Anás e por ele interrogado, Jesus dá uma resposta que indigna um dos guardas, que por isso o repreende com uma bofetada. Cf. *Jo.*, 18, 13-23.

À mão de amor mais generosa e fina.

De uma ofensa fazendo sacrifício

10 Ao ódio, contra amor cruel andaste,
Pondo a fineza em mão do desperdício.

Oh, que mal a teu Deus hoje pagaste,

Pois sem lançar-te em rosto o benefício,

A gratidão no rosto lhe lançaste!

8. de amor] do amor A_1

12. Oh, que] Oh, quão $A_4 A_5$

13. sem lançar-te] sem lançar A_4

ABBA / ABBA / CDC / DCD

XX.

Testemunhos manuscritos principais: BADE, FM, 587, p. 97 = BNRJ, 50.1.11, p. 190 (Eusébio de Matos) = A / BI, L.15-2, I, p. 4 = A_I / AC, I, p. XII^a-XIII^a (Eusébio de Matos) = A_2 / BNRJ, 50.2.5, p.

116 (Eusébio de Matos) = B / LC, P, 254, f. 21r (Eusébio de Matos) = B_I

Testemunho manuscrito secundário: BNRJ, I-7, 12, 32, p. 4 (Eusébio de Matos) = B_I

Versão de A

Ao mesmo assunto

Nessa coluna fortemente atado,
Exp'rimentais dos homens os rigores;
Aguardando-me a mim altos favores,
Sobre vós meu castigo haveis tomado.

- 5 Quando por mim vos vejo atormentado,
Em mim conheço ingratidões maiores,
Sem receber o açoute, meus amores,
Por ofender a um Deus tão açoutado.

Leg. A Cristo, atado à coluna, sofrendo a rigorida dos açoites A_I Ao mesmo lastimoso assunto A_2 À tirania dos açoites com que foi maltratado Jesus Cristo Nosso Senhor e suma paciência com que os sofreu por amor dos homens $B B_I$

2. Exp'rimentais] Experimentais $A_I B_I$

3. Aguardando-me] E aguardando-me A_I E guardando-me $A_2 B B_I$

7. Sem receber] E sem recear A_2

E sem do açoite conservar temores $B B_I$

Pelas mãos dos cruéis hoje ferido,
10 Ser ferido de amor muito estimastes,
Pois por me defender sois ofendido.

Oh, que sábio em finezas sempre andastes!
Pois por fazer o amor mais conhecido,
Com açoutes cruéis o assinalastes.

10. estimastes] estimaste *B B₁*

12. andastes] andaste *B B₁*

14. assinalastes] assinalaste *B B₁*

XXI.

Testemunhos manuscritos principais: BADE, FM, 587, p. 113-114 = BNRJ, 50.1.11, p. 207 (Eusébio de Matos) = *A* / AC, I, p. XXIX^a-XXX^a (Eusébio de Matos) = *A*_I / BI, L.15-2, I, p. 5 = *B*

Versão de *A*

Ao cadáver de Nosso Senhor Jesus Cristo descido da Cruz e posto nos
amorosos braços da puríssima Virgem Maria Nossa Senhora

Esse espelho, Senhora, cristalino,
Em que vossa beleza ontem se via,
Já se quebrou nas mãos da tirania;
Quem pode duvidar que foi por fino?

5 Esse amoroso rosto peregrino,
De quem o belo todo dependia,
Junto ao vosso se vê, bela Maria,
Sem parecer, por parecer Divino.

A esse Filho, que amor firme venera,
10 Vossa alma, que em si tem, hoje estimara

Leg. À Puríssima Virgem Maria com o cadáver nos braços de seu unigénito Filho *A*_I A Maria Santíssima, com o corpo de seu Filho morto, posto em seus braços, quando o desceram da Cruz *B*

2. que vossa] que a vossa *B*

3. nas mãos] às mãos *B*

7. bela Maria] Virgem Maria *B*

9. que amor firme] com tanto amor *B*

10. que em si tem] que com ela *B*

Restituir-lhe a vida se pudera;

E Ele a vós tão sem dor ver-vos tornara,
Que se a vossa alma alento hoje lhe dera,
Por vós a ressurgir se antecipara.

13. hoje] enfim *B*

14. ressurgir] ressucitar *B*

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Os três próximos sonetos, que na maior parte das fontes testemunhais se apresentam consecutivamente – e em muitos dos casos integrando uma carta em prosa com um título próximo de «Vaidades do Mundo vistas no espelho do desengano» –, pertencem com toda a certeza a António da Fonseca Soares. Do ponto de vista da transmissão, a situação dos três textos é muito semelhante: há 3 manuscritos principais (BADE, FM, 587, BI, L.15-2 e BNRJ, 50.1.11) que o dão como sendo de Gregório de Matos, o mesmo acontecendo com 1 ou 2 impressos modernos (AP e Varnhagen, que partem desses manuscritos principais); há um grande número de manuscritos secundários em que o poema ou vem anónimo ou atribuído a Fonseca Soares; por fim, há um impresso do século XVIII que edita o texto em nome de Soares.

Este primeiro soneto é veiculado por um total de 36 testemunhos. Destes, há 5 que se pronunciam a favor do poeta baiano (3 manuscritos principais e 2 impressos); 12 que o atribuem a Fonseca Soares (11 manuscritos secundários e 1 impresso); quanto aos restantes 19 – todos manuscritos secundários – há 2 que indicam Francisco de Vasconcelos como autor, ao passo que nos outros 17 o texto vem anónimo.

XXII.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.1.11, p. 71 = A_{13} / BADE, FM, 587, p. 71 = A_{15} / BI, L.15-2, I, p. 26 = A_{16}

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 3235, f. 188r-188v (A. Fonseca Soares) = TT, L, 2073, f. 413v-414r (an.) = A / BNL, 10810, f. 105v (an.) = A_1 / LC, P, 141, f. 159v (A. Fonseca Soares) = A_2 / BPMP, 1185, [f. 53v-54r] (A. Fonseca Soares) = A_3 / ADB, 596, p. 159 (A. Fonseca Soares) = A_4 / BDM, XCIV, f. 47r (A. Fonseca Soares) = A_5 / BPMP, 841, f. 230v (an.) = A_6 / BNL, 8609, f. 60v-61r (an.) = A_7 / TT, L, 1073, f. 166v (an.) = A_8 / AHMC, B 52/6, p. 234-235 (an.) = A_9 / BGUC, 526, f. 18v (A. Fonseca Soares) = A_{10} / BGUC, 555, p. 388 (an.) = A_{11} / BNL, 13097, p. 495 (A. Fonseca Soares) = A_{12} / BGUC, 1091, p. 13 (A. Fonseca Soares) = A_{18} / BNRJ, 6, 1, 34, p. 273 (an.) = A_{19} / BNL, 256 – n.º 49, f. 251v (A. Fonseca Soares) = A_{20} / BGUC, 103, f. 122v (an.) = A_{21} / BADE, FR1, I/2-31, f. 46v (A. Fonseca Soares) = A_{22} / TT, L, 1804, p. 48 (Vasconcelos) = A_{23} / BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 157r-157v (an.) = A_{25} / BPMP, 1517, f. 12v-13r (Francisco de Vasconcelos Coutinho) = A_{26} / LC, P, 87, f. 129r (an.) = A_{27} / BGUC, 1134, f. 6r-6v (an.) = A_{28} / BNL, 13222, f. 43r-43v (an.)

= *B* / BGUC, 383, f. 48v (an.) = *C* / BNL, 3581, f. 38v (an.) = *D* / BADE, FR1, CX/1-1, f. 238v (an.)
 = *E* / BA, 49-III-74, p. 12 (A. Fonseca Soares) = *F* / BPMP, 950, [f. 139v] (an.) = *G*
 Testemunhos impressos: AP, I, p. 114 = *A*₁₄ / Varnhagen, p. 159 = *A*₁₇ / Carta do Veneravel Padre, p. 3-4 (A. Fonseca Soares) = *A*₂₄

A versão de *G* está bastante afastada da base, pelo que será apresentada no espaço reservado ao rodapé.

Versão de *A*

É a vaidade, Fábio, desta vida
 Rosa que da manhã lisonjeada,
 Púrpuras mil, com ambição corada,
 Airosa rompe, arrastra presumida.

5 É Planta que de Abril favorecida,
 Por mares da soberba desatada,

Leg. Ao mesmo *A*₅ Que a vaidade deste mundo não permanece, pois tudo dele acaba *A*₁₀ Desenganos da vida humana, metaforicamente *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *A*₁₇ Desenganos da vida humana, metaforicamente discursados *A*₁₆ Descreve-se a vaidade *A*₂₃ À vaidade deste mundo *A*₂₇ À vaidade do mundo *B* À vaidade *C* *E* Definição da vaidade *D* Sobre a pouca ou nenhuma substância das vaidades do mundo *F*

1. Fábio] ó Fábio *A*₁₆ *A*₁₇ Amigo *A*₂₈, desta] nesta *A*₄ *A*₈ *A*₉ *A*₁₀ *A*₁₂ *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *A*₁₆ *A*₁₉ *A*₂₃ *A*₂₄ *A*₂₆ *A*₂₈
C *D* *E* a que nesta *A*₂₂

É a vida fuzil da mesma vida *B*

2. da manhã] desta manhã *A*₂₁ *A*₂₂ na manhã *A*₂₄ *D*

3. ambição] ânsias *A*₂₇, corada] coroada *A*₂ *A*₆ *A*₈ *A*₉ *A*₁₀ *A*₁₁ *A*₁₈ *A*₁₉ *A*₂₀ *A*₂₁ *A*₂₂ *A*₂₄ *A*₂₅ *A*₂₆ *A*₂₈ *C* *F*
 dourada *A*₁₂ *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *A*₁₆ *A*₁₇ *B* curada *D*

4. Airosa] A rosa *A*₇ Pomposa *A*₂₀, arrastra] e arrasta *A*₂₇ e arrastram *B*

5. que de Abril] de Abril *A*₂₇ *A*₂₈

6. da soberba] de soberba *A*₂ *A*₄ *A*₅ *A*₆ *A*₉ *A*₁₀ *A*₁₁ *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *A*₁₉ *A*₂₁ *A*₂₄ *A*₂₅ *A*₂₈ *C* *E*, desatada] levantada *B*

4. arrastrar – Variante de *arrastar*.

Florida galeota empavesada,
Surca ufana, navega destemida.

10 É Nau enfim que em breve ligeireza,
Com presunções de Fénix generosa,
Galhardias aposta, alentos preza.

Mas ser Rosa, ser Planta ou Nau vistosa,
De que importa, se aguarda sem defesa
Penha à Nau, ferro à Planta, tarde à Rosa?

7. Florida] É florida A_{22} Douda A_{26} Qual florida A_{28} F , galeota] galera $A_8 A_9 A_{10} A_{22} A_{23} A_{24} A_{26} A_{28} C$
 $D E F$ Galateia $A_{18} A_{19} A_{20}$

8. Surca] Sareia D Burla F , destemida] presumida E

9. É Nau] Mas é Nau A_{20} É quem F , enfim que] que enfim A_7 enfim $B F$, em breve] breve E com
breve F

10. presunções] presunção $A_8 A_9 A_{10} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{24} C D E F$, generosa] presumida A_{21}

11. Galhardias aposta] Galhardias apresta $A_8 A_9 A_{10} A_{13} A_{14} A_{23} A_{24} A_{26} A_{28} C D F$ Galhardias apossa
 $A_{19} A_{20}$ Apresta galhardias A_{22} Galhardias presta E , alentos preza] alentos pisa $A_3 A_{11} A_{27}$ alentos pesa
 $A_4 A_5$ com presteza $A_{15} A_{16} A_{17}$ alentos presta A_{24} que o tempo espreita D

12. Mas ser Rosa] Mas se é Rosa A_7 Mas ser Planta $A_8 A_9 A_{10} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} D$ Mas Rosa A_{26}
Mas ser planeta C , ser Planta] ou Planta A_6 se é Planta A_7 ser Rosa $A_8 A_9 A_{10} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} C$
o ser Planta A_{25} ou ser Planta A_{27} Rosa D , ou Nau] e Nau $A_{10} A_{12} A_{13} A_{15} A_{16} A_{17} A_{24} C F$ Nau $A_{11} A_{14}$
 $A_{18} E$ está D

13. De que importa] Que importa A_{27} De que monta A_{28} , se aguarda] se a aguarda $A_5 A_{15} A_{16} A_{23}$ se a
guarda $A_{14} A_{17}$ se guarda C sem guarda E , defesa] detença E

14. Penha] Rocha $A_{21} A_{22}$, ferro] berço A_{25} , à Planta] à garganta D , tarde] e tarde $A_1 A_7 A_{18} A_{20}$, à
Rosa] rigorosa C

8. surcar – Variante de *sulcar*.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Versão de *G*

É a vaidade, Fábio, desta vida,
Rosa que da manhã lisonjeada,
Púrpuras mil, com ambição corada,
Airosa rompe o rosto presumida.

5 É Planta que desse Abril florida,
Por mares de soberba derrotada,
Entre líquida prata levantada,
Surca ufana, navega presumida.

10 É Nau enfim que em breve ligeireza,
Florida galeota empavezada,
Com presunções de Fénix generosa,

Galhardias aporta, alentos presa;
Esta sente no porto em que entra ousada,
Ruína lamentável e famosa.

5. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-8-10.

Este segundo soneto é veiculado por um total de 32 testemunhos. Destes, há 5 que se pronunciam a favor de Gregório (3 manuscritos principais e 2 impressos); 12 que o atribuem a Fonseca Soares (11 manuscritos secundários e 1 impresso); quanto aos restantes 15 – todos manuscritos secundários – há 1 que indica Francisco de Vasconcelos como autor, ao passo que nos outros 14 o texto vem anónimo.

XXIII.

Testemunhos manuscritos principais: BADE, FM, 587, p. 72 = BNRJ, 50.1.11, p. 72 = C_2 / BI, L.15-2, I, p. 27 = C_4

Testemunhos manuscritos secundários: TT, L, 2073, f. 415r-415v (an.) = A / BGUC, 555, p. 389 (an.) = A_1 / ADB, 596, p. 161 (A. Fonseca Soares) = A_2 / LC, P, 141, f. 160v (A. Fonseca Soares) = A_3 / BPMP, 1185, [f. 56r] (A. Fonseca Soares) = A_4 / BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 158r (an.) = A_5 / BGUC, 103, f. 124r (an.) = A_6 / BPMP, 841, f. 232v-233r (an.) = A_7 / BDM, XCIV, f. 47v (A. Fonseca Soares) = A_8 / BPMP, 1517, f. 14r (Francisco de Vasconcelos Coutinho) = A_9 / BGUC, 1091, p. 14-15 (A. Fonseca Soares) = A_{10} / BNL, 256 – n.º 49, f. 252v-253r (A. Fonseca Soares) = A_{11} / BNL, 10810, f. 106v-107r (an.) = A_{12} / BNL, 13222, f. 43v-44r (an.) = A_{13} / BPMP, 950, [f. 140v] (an.) = A_{14} / BNL, 3235, f. 189r-189v (A. Fonseca Soares) = B / TT, L, 1073, f. 167v-168r (an.) = AHMC, B 52/6, p. 237-238 (an.) = C / BNL, 13097, p. 497 (A. Fonseca Soares) = C_1 / BGUC, 383, f. 20v (an.) = C_3 / BGUC, 526, f. 18v-19r (A. Fonseca Soares) = C_6 / BGUC, 1134, f. 8r-8v (an.) = D / BNL, 8609, f. 61v-62r (an.) = E / BADE, FR1, I/2-31, f. 47r (A. Fonseca Soares) = F / BNRJ, 6, 1, 34, p. 276 (an.) = G / BA, 49-III-74, p. 14 (A. Fonseca Soares) = H

Testemunhos impressos: AP, I, p. 115 = C_2 / Varnhagen, p. 159 = C_5 / Carta do Veneravel Padre, p. 4-5 (A. Fonseca Soares) = C_7

As versões de G e H estão bastante afastadas da base, pelo que serão apresentadas no espaço reservado ao rodapé.

Versão de A

São neste Mundo, império de loucura,
Posse, Engenho, Nobreza e Galhardia
Os Padrões da vaidade em que confia
A presunção dos homens sem cordura.

- 5 Mas se em cinzas se torna a Formosura,
Se em cadáver se muda a Fidalguia,
Se é palestra do Engenho a campã fria,
Se é cofre da Riqueza a sepultura;

- És tronco na dureza empenhascado,
10 És bruto da razão desconhecido,

Leg. Ao mesmo A_8 À vaidade do mundo A_{13} Ao mesmo assunto $C_2 C_4 C_5$ Que se desengane o homem, que tudo neste mundo acaba $C_3 C_6$

1. império] Empório $C_7 E$, de loucura] da loucura $A_6 A_8 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} C_3 C_6$

São Empório, neste mundo de loucura A_{14}

2. Posse] Riqueza $A_{10} A_{11} A_{12} A_{13}$ A Posse F

Engenho, Formosura e Fidalguia E

3. Os Padrões] Padrões C_7 , da vaidade] dessa vaidade $A_6 F$

4. dos homens] do homem A_{14} , sem cordura] ser cordura E

5. Mas se] Mas C_7 , em cinzas] em cinza $A_4 A_6 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} B D F$

6. Se] Mas se A_9 , se muda a Fidalguia] a muda fidalguia C_5 se muda a galhardia E se torna a Fidalguia F

7. Se é] É $C_4 C_5$, do Engenho] do empenho A_8 desse Engenho F

8. Se é cofre da Riqueza] Se cofre da riqueza A_6 É cofre da riqueza A_8 Se da riqueza é cofre $A_9 C C_1 C_2 C_3 C_4 C_5 C_6 C_7 D F$

9. na dureza] da dureza $A_{10} C_3 C_6$, empenhascado] mal formado $C_3 C_6$

És mais que tronco e penha no destinado B

10. bruto] homem A_1 , da razão] na razão A_1 , desconhecido] destituído A_{14}

És homem mais que a rocha empedernido $C C_1 C_2 C_3 C_4 C_5 C_6$ És homem mais que rocha empedernido C_7 És penhasco racional no empedernido D

És mármore{e} na constância do pecado.

Se inda vives, ó homem presumido,

Vê qual há-de ser teu triste estado,

Se és galã, rico, nobre ou entendido.

11. mármore{e}] mármore $A A_1 A_3 A_5 A_6 A_{11} C_2 C_3 C_5 F$ mar A_7 mármol $A_{12} A_{13} C_1 C_7$, na constância] na dureza A_{14} nas instâncias F

12. Se inda vives] Se ainda vives $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{14} C C_1 C_2 C_3 C_6 C_7 D$ Se ainda A_7 Se ainda ouves A_{13} Como vives $C_4 C_5$, ó homem] homem $C C_2 C_3 C_6 C_7$
Ó homem (se ainda vives presumido) E

13. Vê] Vendo $A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} B C C_2 C_4 C_5$ De ver F , qual] que A_9 , teu] o teu C_1

Vendo em que há-de parar tão triste estado D Vê bem: que te assegura o triste Fado? E

14. Se és galã] Se galã F , rico, nobre] nobre, rico $A_9 A_{12} A_{13} C C_1 C_2 C_3 C_4 C_5 C_6 D F$, ou entendido] entendido A_9

Sendo rico, galã, nobre e entendido E

11. Esta apócope é imposta pela métrica.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Versão de *G*

São neste mundo cheio de loucura,
Posse, engenho, nobreza e galhardia
Os padrões da vaidade em que confia
A presunção dos homens sem cordura.

5 Mas se em cinza se torna a fermosura,
Se em cadáver se torna a fidalguia,
Se é palestra do engenho a campa fria,
Se da riqueza é cofre a sepultura;

És tronco na dureza empenhascado;
10 Se {a}inda vives, ó homem presumido,
És mármore na constância do pecado.

Se és galã, nobre, rico, entendido,
Vendo qual há-de ser teu triste estado,
Ficarás pobre, baixo, vil, perdido.

Versão de *H*

Ao mesmo assunto

São neste Mundo império da loucura,
Posse, Nobreza, Engenho e Galhardia
Os Padrões da vaidade em que confia
A presunção dos homens sem cordura.

5 Mas se em cinza se torna a Formosura,
 Se em cadáver se muda a Fidalguia,
 Se é palestra de Engenho a campa fria,
 Se da Riqueza é cofre a sepultura;

 Se és tronco na dureza empenhascado,
10 Se inda vives, ó homem presumido,
 És mármore na constância do pecado.

 Se és Galã, Nobre, Rico ou Entendido,
 Vendo qual há-de ser teu triste estado,
 És homem mais que a rocha empedernido!

Este terceiro soneto é transmitido por 31 testemunhos. Destes, há 4 que atribuem o texto a Gregório (3 manuscritos principais e 1 impresso); 12 que o dão como sendo de Fonseca Soares (11 manuscritos secundários e 1 impresso); quanto aos restantes 15 – todos manuscritos secundários – há 1 que indica Francisco de Vasconcelos como autor, ao passo que nos outros 14 o texto vem sem indicação de autoria.

XXIV.

Testemunhos manuscritos principais: BADE, FM, 587, p. 73 = BI, L.15-2, I, p. 28 = A_{10} / BNRJ, 50.1.11, p. 73 = A_{11}

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 555, p. 390-391 (an.) = A / BDM, XCIV, f. 46v (A. Fonseca Soares) = A_1 / TT, L, 1073, f. 169r-169v (an.) = A_2 / BPMP, 1517, f. 15v (Francisco de Vasconcelos Coutinho) = A_3 / AHMC, B 52/6, p. 241-242 (an.) = A_4 / TT, L, 2073, f. 417r-417v (an.) = A_5 / ADB, 596, p. 163-164 (A. Fonseca Soares) = A_6 / BPMP, 841, f. 233v (an.) = A_7 / LC, P, 87, f. 129r (an.) = A_8 / BPMP, 1185, [f. 58v-59r] (A. Fonseca Soares) = A_9 / BGUC, 1134, f. 10r-10v (an.) = A_{13} / BMPel, 268, p. 97-98 (an.) = A_{14} / BNRJ, 6, 1, 34, p. 279-280 (an.) = A_{15} / BNL, 10810, f. 108r (an.) = A_{16} / BNL, 13222, f. 44r-44v (an.) = A_{17} / BPMP, 950, [f. 141v-142r] (an.) = A_{18} / BA, 49-III-74, p. 13 (A. Fonseca Soares) = A_{19} / BGUC, 526, f. 19r-19v (A. Fonseca Soares) = A_{20} / LC, P, 141, f. 161v-162r (A. Fonseca Soares) = A_{21} / BADE, FR1, CXXX/1-17, f. 159r (an.) = A_{22} / BNL, 3235, f. 190v (A. Fonseca Soares) = A_{23} / BNL, 8609, f. 63r-63v (an.) = A_{24} / BGUC, 1091, p. 16-17 (A. Fonseca Soares) = B / BNL, 256 – n.º 49, f. 254v (A. Fonseca Soares) = B_1 / BADE, FR1, I/2-31, f. 48r (A. Fonseca Soares) = B_2 / BNL, 13097, p. 500 (A. Fonseca Soares) = C

Testemunhos impressos: AP, I, p. 116 = A_{12} / Carta do Veneravel Padre, p. 6-7 (A. Fonseca Soares) = C_1

Versão de A

Esse farol do Céu, fimbria luzida,

Leg. À vaidade humana A_1 Outro ao desengano do mundo A_8 Ao mesmo assunto A_{10} A_{11} A_{12} A_{17} A_{19}
Que tudo deste mundo acaba e o homem A_{20}

1. fimbria] fembri A_{14} sombra A_{18} tocha A_{21} timbre A_{22} ferma A_{24} pompa B B_1 B_2 C tímbrria C_1

Esse lenho das ondas, pompa inchada,
Essa flor da menhã, delícia amada,
Esse tronco de Abril, gala florida;

- 5 É desmaio da noite escurecida,
É destroço da penha retirada,
É lástima da tarde abreviada,
É despojo da chama enfurecida;

- Se o Sol, se a Nau, se a Flor, se a Planta toda
10 A ruína maior nunca se veda,
Se em seu mal a Fortuna sempre roda;

2. lenho] penhor A_{15} , das ondas] nas ondas A_{24} , pompa] torre $B \ B_1 \ B_2$

4. tronco] trono $A_9 \ A_{15}$, gala] galha $A_5 \ A_6 \ A_7 \ A_{12} \ A_{21}$, florida] luzida A_{14} polida $A_{16} \ A_{17}$

Falta este verso em A_8

5. da noite] da morte A_{18} , escurecida] escurida A_{13} obscurecida B_2

6. da penha] de penha $A_2 \ A_3 \ A_5 \ A_6 \ A_7$

7. lástima] desmaio A_{14} destrago A_{23} , abreviada] arrebatada A_{23}

9. Se o Sol, se a Nau, se a Flor] Se o Sol, se a Flor, se a Nau A_3 Se ao Sol, se à Nau A_7 Se ao Sol, se à Flor, se à Nau A_{13} Se ao Sol, se à Nau, se à Flor $A_{15} \ A_{19} \ A_{20} \ A_{24} \ C$ Se ao Sol, se à Nau, à Flor $A_{16} \ A_{17} \ B$ Se o Sol, a Nau, a Flor B_1 Que ao Sol, que à Nau, que à Flor B_2 Se a Nau, se o Sol, se a Flor C_1 , se a Planta toda] se à Planta toda $A_7 \ A_{13} \ A_{15} \ A_{19} \ A_{20} \ A_{24} \ C$ à planta toda $A_{16} \ A_{17}$ e à Planta toda B e a Planta toda B_1 que à Planta toda B_2

10. A ruína] Da ruína $A_5 \ A_{21} \ A_{22}$ A luz na A_{18} Na ruína A_{23} , nunca se veda] nunca se livra $A_{21} \ A_{22}$ sempre assucedida A_{24} sempre sucede $B \ B_1$ sempre suceda B_2

11. Se em seu] Se em meu $A_1 \ A_{22} \ B_2$ Já em seu A_{14} Que em meu A_{20} E em seu A_{23}

Tema quem das vaidades não se arreda,
Que há-de ter, se nas pompas mais se engoda,
Do Sol, da Nau, da Flor, da Planta a queda.

-
12. Tema quem] Sem a quem A_4 E se alguém A_{10} Se alguém A_{11} A_{12} Teme quem A_{13} Tem quem A_{18}
Quem A_{20} Veja quem B B_1 B_2 , das vaidades] nas vaidades A_{16} A_{17} B , não se arreda] mais se enreda A_{16}
mais se arreda A_{19} não se enreda B B_1
A quem das traições todas não se arreda C A quem das traições nunca se arreda C_1
13. há-de ter] há-de ser A_6 A_{14} A_{15} A_{21} A_{22} há-de ver A_9 A_{10} A_{11} A_{12} , se nas] quem nas B B_1
Que há-de ser? Se nas plantas mais engoda C Que há-de ser, se nas plantas mais se engoda C_1
14. a queda] a quilha A_{22}

ABBA / ABBA / CDC / DCD

É muito seguro que o próximo soneto seja de Manuel Botelho de Oliveira, dado que consta da sua *Musica do Parnaso*, publicada em 1705. Apesar disso, há 5 manuscritos principais que atribuem o texto a Gregório de Matos, indicação que seria seguida por Afrânio Peixoto.

XXV.

Testemunhos manuscritos principais: BGUC, 353, p. 286-287 = A_1 / ADB, 591, II, f. 16v = A_2 / BNL, 13025, p. 453-454 = A_3 / BNL, 3576, f. 50r = A_4 / BI, L.15-2, III, p. 23 = A_5

Testemunho manuscrito secundário: BNL, 8610, p. 118 (an.) = B

Testemunhos impressos: Botelho de Oliveira, p. 46 = A / AP, II, p. 161 = A_6

Versão de A

À morte do Desembargador Jerónimo de Sá e Cunha

Ministro douto, afável, comedido,
Discreto, pio, recto e respeitado,
Foste de todos igualmente amado,
Como foste de todos bem sentido.

Leg. Às memórias do Doutor Jerónimo de Sá e Cunha A_1 A_2 A_3 A_4 Às memórias do falecido Doutor Jerónimo de Sá Coutinho A_5 À memória do falecido Doutor Jerónimo de Sá Coutinho A_6 *Falta em B*

2. pio, recto] recto, pio A_1 A_2 A_3 A_4

3. Foste] Fostes A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 , de todos] de todo A_4

4. foste] fostes A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 , de todos] de todo A_4

Bem como hoje luz de todos bem sentido B

Leg. Desembargador Jerónimo de Sá e Cunha – Não consegui identificar esta personalidade.

3. A acentuação deste verso é menos comum: 4-7-10.

5 Morreste; porém cuido persuadido
 Que não morreste, não, porque lembrado
 Vives nos corações tão retratado
 Como se nunca foras fenecido.

 Inda que contra nós a Parca corte
10 Os teus fios vitais por despedidas,
 Não temas de que acabes desta sorte;

 Antes entre memórias repetidas,
 Se uma vida perdeste em uma morte,
 Nos corações cobraste muitas vidas.

5. Morreste] Morrestes $A_3 A_4 A_5 A_6$

6. morreste] morrestes $A_3 A_5 A_6$

7. Vives] Viveis $A_1 A_2 A_3 A_4 B$, retratado] animado $A_5 A_6$

9. contra nós] contra vós $A_5 A_6$

10. Os teus] Os seus $A_2 A_4 A_5 A_6$, despedidas] despedida $A_3 A_5 A_6$

12. entre memórias] entre as memórias $A_5 A_6$, repetidas] repetida A_3

13. perdeste] perdestes A_3

14. cobraste] cobrastes $A_2 A_3 A_4$, muitas vidas] nova vida A_2 muita vida A_3 a nova vida A_4 eterna vida $A_5 A_6$

É bastante seguro que o texto que se segue pertença a Manuel da Nóbrega, dado que foi impresso em seu nome no terceiro tomo da *Nova Floresta* do P. ° Manuel Bernardes, uma obra de 1711. O leque de testemunhos que veiculam o soneto parece suportar essa conclusão, dado que, de um total de 19, só 6 se pronunciavam a favor de Gregório (5 manuscritos principais e 1 impresso). Apesar disso, as atribuições a Nóbrega também são em escasso número: apenas 3 (1 manuscrito principal, 1 secundário e 1 impresso). Nos restantes 10, todos manuscritos secundários, o poema vem anónimo. Perante este quadro, julgo que deve prevalecer a indicação da *Nova Floresta*, dada a sua antiguidade.

XXVI.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.5, p. 103 (Manuel da Nóbrega) = A_5 / LC, P, 254, f. 15v = A_6 / BNRJ, 50.2.3, p. 249-250 = A_8 / BNRJ, 50.1.11, p. 69 = A_9 / BADE, FM, 587, p. 70 = B / BI, L.15-2, I, p. 9 = B_I

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 13222, f. 82v-83r (an.) = A_I / TT, L, 2103, f. 2v (an.) = A_2 / BA, 49-I-58 – n.º 48, [f. 2r] (an.) = A_3 / BPMP, 950, [f. 176r] (an.) = A_4 / BNL, 8599, p. 561 (an.) = A_7 / BGUC, 383, f. 184v (Manuel da Nóbrega) = A_{10} / BADE, FR1, CXIV/1-13d, [f. 59v] (an.) = A_{11} / TT, L, 2160, [f. 205v] (an.) = C / TT, L, 2160, [f. 152v] (an.) = C_I / BGUC, 526, f. 12r-12v (an.) = C_2 / BADE, FM, 304(a), f. 392v-393r (an.) = C_3

Testemunhos impressos: Nova Floresta, III, p. 207 (Manuel da Nóbrega) = A / AP, I, p. 93 = B_2

Versão de A

A vós correndo vou, braços sagrados,

Nessa Cruz sacrossanta descobertos,

Leg. A Cristo crucificado A_I C C_2 A Cristo Senhor nosso, pregado na Cruz A_2 A Cristo Senhor nosso, pregado na Cruz, cantou um devoto A_3 A Cristo Senhor nosso, pregado na Cruz, fez um devoto o Soneto seguinte A_4 Ao mesmo assunto A_5 A_6 A_{10} C_I A um Senhor crucificado A_7 À imagem de Cristo A_8 Ao Pecador, buscando a Jesus Cristo crucificado com verdadeiro arrependimento A_9 B A um crucifixo A_{11} C_3 Buscando a Cristo crucificado um pecador, com verdadeiro arrependimento B_I Buscando a Cristo B_2

2. Nessa] Dessa A_{10} , Cruz sacrossanta] Cruz estendidos C C_I C_2 C_3

Que para receber-me estais abertos
E por não castigar-me estais cravados.

- 5 A vós, olhos divinos, eclipsados,
De tanto sangue e lágrimas cobertos,
Que para perdoar-me estais despertos
E por não devassar-me estais fechados.

- A vós, pregados pés, por não fugir-me,
10 A vós, cabeça baixa, por chamar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

-
4. por não] para não $A_2 A_3 A_4$ para A_7
5. olhos divinos] divinos olhos $B_1 B_2 C C_1 C_2$, eclipsados] que eclipsados C_2
6. sangue e lágrimas] sangue, lágrimas C_3 , cobertos] abertos B_2
7. Que] Pois $B_1 B_2$
8. devassar-me] castigar-me $A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10} A_{11} C C_1 C_2$ condenar-me $B B_1 B_2 C_3$, estais] estão A_8 ,
fechados] feixados $A_6 A_8 A_9$ cerrados $C C_1 C_2 C_3$
9. fugir-me] deixar-me $B B_1 B_2$
10.-11. *A ordem destes versos está trocada em* $B B_1 B_2$
10. por] p'ra B_2
11. para] por $A_1 A_4 A_7 A_8 C C_2 C_3$
12.-13. *A ordem destes versos está trocada em* $C C_1 C_2 C_3$
12. patente] presente $A_9 A_{10} A_{11} B$
13. cravos preciosos] divinos cravos $C C_1 C_2 C_3$
14. Para que nessa Cruz possa salvar-me $C C_1 C_2 C_3$

ABBA / ABBA / CDC / CDC

O próximo texto é transmitido por um total de 35 testemunhos: 1 manuscrito principal (BNRJ, 50.2.3), 32 manuscritos secundários e 2 impressos (AP e *Fénix*). Apenas BNRJ, 50.2.3 e AP, que o segue, indicam Gregório de Matos como autor. A *Fénix* e 20 dos manuscritos secundários apontam para D. Tomás de Noronha, ao passo que nos restantes 12 testemunhos o soneto vem anónimo. Perante isto, suponho que resulta bastante pacífico admitir que Noronha seja o autor do poema.

XXVII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 446-447 = A_{25}

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 10894, p. 312-313 (D. Tomás de Noronha) = A / BGUC, 390, f. 57r (an.) = A_1 / BGUC, 321, f. 30r (an.) = A_2 / BNL, 3582, f. 169r (an.) = A_3 / BGUC, 359, f. 70r-70v (an.) = A_4 / BNL, 3581, f. 68r (an.) = A_5 / ADB, 130, f. 76r (an.) = A_6 / ACL, 693A, f. 161v (D. Tomás de Noronha) = A_7 / BGUC, 392, f. 142r (D. Tomás de Noronha) = A_8 / BNL, Pb, 133, f. 100v (D. Tomás de Noronha) = A_9 / BGUC, 362, f. 219v (D. Tomás de Noronha) = A_{10} / BNL, 4259, p. 87-88 (D. Tomás de Noronha) = A_{11} / BNL, 4332, f. 56v (D. Tomás de Noronha) = A_{12} / BPMP, 1121, [f. 58v] (D. Tomás de Noronha) = A_{13} / AHMC, B 52/6, p. 391 (D. Tomás de Noronha) = A_{14} / BGUC, 392, f. 275r-275v (D. Tomás de Noronha) = A_{15} / BNL, 3106, f. 68r (an.) = A_{16} / TT, L, 241, f. 83v (D. Tomás de Noronha) = A_{17} / BA, 49-III-52, f. 81r (D. Tomás de Noronha) = A_{18} / BADE, FR1, CXIV/1-14d, f. 197r-197v (D. Tomás de Noronha) = A_{20} / BNL, 6269, f. 90r (an.) = A_{21} / BADE, FR1, CXIV/1-11d, f. 178v-179r (D. Tomás de Noronha) = A_{22} / BNL, 13217, f. 107v (D. Tomás de Noronha) = A_{23} / BADE, FM, 173, f. 157r (D. Tomás de Noronha) = A_{24} / BGUC, 370, f. 143v (D. Tomás de Noronha) = A_{27} / BNL, 4332, f. 136r (an.) = A_{28} / BNL, 4332, f. 149v (an.) = A_{29} / ADB, 373, f. 122v-123r (D. Tomás de Noronha) = A_{30} / BNL, 6204, p. 819 (an.) = A_{31} / TT, L, 840, f. 137r (D. Tomás de Noronha) = A_{32} / BGUC, 526, f. 196v (D. Tomás de Noronha) = B / LC, P, 168, p. 141 (an.) = C

Testemunhos impressos: *Fénix*, V, p. 228 (D. Tomás de Noronha) = A_{19} / AP, VI, p. 127 = A_{26}

Versão de A

Encarece uma fineza ao burlesco

Nunca sossegue mais que um bonifrate,
De ourina sobre mim se vaze um pote,
As galas que vestir sejam picote,
Com sede me dêem água em açafate;

5 Se jogar o xadrez seja eu o mate,

Leg. Soneto de pragas $A_1 A_3 A_{11} A_{14}$ A uma dama $A_4 A_9 A_{10}$ À morte de um amigo A_5 As pragas A_8 De pragas A_{12} Pragmas A_{13} Querendo mostrar firmeza numa despedida A_{18} Pragmas, se chorar mais por uma Dama cruel. Soneto de consoantes forçados A_{19} Pragmas que Dom Tomás escreveu a uma Dama A_{20} Desfavores de uma Senhora A_{22} A uma Dama que receava sem receber favor nenhum despedir-se A_{23} A uma Ingratidão A_{25} A uma Ingrata A_{26} A uma Dama que namorava e não admitia A_{27} A um requebro A_{30} Dos Impossíveis A_{31} Soneto burlesco A_{32} Soneto de Dom Tomás, de quem prometeu sempre chora pela Dama, feito em zombaria B Pragmas a si mesmo C *Falta em* $A_2 A_6 A_7 A_{15} A_{16} A_{17} A_{21} A_{24} A_{28} A_{29}$

1. Nunca sossegue mais] Nunca sossegue eu mais A_5 Não sossegue eu mais $A_{19} A_{24}$ C Não sossegue jamais $A_{22} A_{31}$
2. sobre mim se vaze] sobre mim se lance $A_2 A_{15}$ sobre mim caia $A_{11} A_{12}$ sobre mim se vá A_{23} em mim se vaze $A_{25} A_{26}$ se vaze sobre mim A_{30}
3. As galas] A gala $A_{23} A_{27} A_{28} A_{29} A_{32}$ A seda $A_{24} A_{31}$ C As sedas $A_{25} A_{26}$, que vestir] de vestir $A_{11} A_{12}$ que eu vestir $A_{19} A_{22}$, picote] um picote A_{30}
4. Com] E com A_{17} , me dêem] dêem-me B , em açafate] num açafate $A_1 A_8 A_{10} A_{14} A_{23} A_{27}$ por açafate $A_{11} A_{12}$ C em um açafate $A_{24} B$
5. o xadrez] ao xadrez $A_9 A_{18}$ eu o xadrez A_{30} , seja eu o] leve eu o $A_3 A_{13} A_{15} A_{16} A_{17}$ leve um A_9 seja eu $A_{11} A_{12}$ eu leve o $A_{18} A_{31}$ C me dêem um A_{19} eu seja o $A_{20} A_{23} A_{25} A_{26} A_{28} A_{29}$ seja o A_{21} eu seja $A_{24} A_{32}$ leve o A_{30}

2. ourina – Variante de *urina*.

3. gala – Roupas de luxo, de cerimónia.

picote – Pano grosseiro e áspero, de que se vestiam os camponeses.

E jogando as trezentas o capote,
Falem-me os consoantes para um mote
E sem o ser me tenham por orate;

Os licores que beba sejam mornos,
10 Os manjares que coma sejam frios
E não passeie mais rua que a dos fornos;

6. E jogando] Jogando $A_3 A_{21}$ E se jogar $A_{18} A_{28} A_{29} A_{30}$ Se jogar $A_{23} A_{24} A_{25} A_{26} A_{27} A_{31} A_{32}$ C, as trezentas] os trezentos A_9 os centos $A_{18} A_{30} A_{32}$ trezentas $A_{28} A_{29}$, o capote] um capote $A_9 A_{19} A_{30} B$

7. Falem-me os consoantes] Falem-me os conceitos A_4 Faltando-me consoantes A_{14} Os consoantes me falem $A_{15} A_{16} A_{18}$ Faltam-me os consoantes A_{17} Falem-me consoantes $A_{19} A_{22} A_{23} A_{27} A_{28} A_{31}$ Não ache consoante A_{29} Falem-me as consonâncias A_{30} Falte-me um consoante A_{32} , um mote] o mote $A_{25} A_{26} A_{31} C$

8. E sem o ser] E sem o ter $A_{25} A_{26}$ E sem os ter A_{31} Sem o ser C, me tenham] me julguem $A_{23} A_{24} A_{27} A_{28} A_{31} C$ me curem A_{29}
Falta este verso em A_{17}

9. Os licores] Os beberes A_{22} Licores $A_{28} A_{32}$, que beba] que beber $A_5 A_{13} A_{20} A_{21} A_{28} A_{30} A_{32} B$ que bebo $A_{25} A_{26}$, sejam] todos sejam A_{30} , mornos] mostos A_{16} bem mornos $A_{20} A_{21} A_{28} A_{32}$ frios C

10. Os manjares] Manjares $A_{28} A_{32}$, que coma] que comer $A_{20} A_{21} A_{28} A_{30} A_{32} B$ que como $A_{25} A_{26}$, sejam] todos sejam $A_{22} A_{30}$, frios] bem frios $A_{20} A_{21} A_{28} A_{32}$
Falta este verso em C

11. E não passeie] Não passeie $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_{11} A_{13} A_{16} A_{19} A_{20} A_{21} A_{24} A_{27} A_{28} A_{29} A_{31} A_{32}$ Nunca passe $A_7 A_{10}$ Não passe $A_8 A_{12} A_{15} A_{17} A_{22} A_{23} A_{25} A_{26} C$ E não passe $A_9 A_{18} A_{30}$ Nem passe A_{14} , mais rua] mais ruas $A_1 A_4 A_5 A_6 A_7 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{16} A_{21} A_{25} A_{27} A_{28} A_{30}$ por mais rua A_{22} mais em rua A_{31} por mais ruas C, que a] que as $A_{21} A_{26}$
Sem mais pás que aquelas que há nos Fornos B

6. capote – *Levar capote* significa não fazer nenhuma vaza num jogo de cartas.

7. consoantes – Rimas.

P{a}ra as chagas que tiver me faltem fios,
Na cabeça por plumas traga cornos,
Se meus olhos por ti não forem rios.

12. P{a}ra as chagas] Para as chagas $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{11} A_{12} A_{13} A_{15} A_{16} A_{17} A_{20} A_{21} A_{22} A_{25} A_{26} A_{30} B$ Às chagas $A_7 A_{10}$ Para as teias A_{14} Nas chagas A_{18} E para minhas chagas A_{19} Para as fontes $A_{23} A_{24} A_{27} A_{28} A_{32}$ Para a fonte $A_{29} A_{31} C$, que tiver] que tenha A_6 que tenho $A_{23} A_{24} A_{25} A_{26} A_{27} A_{28} A_{29} A_{31} A_{32} C$, me faltem] faltem $A_6 A_{19} A_{23} A_{24} A_{25} A_{26} A_{27} A_{28} A_{29} A_{31} A_{32} C$

13. Na cabeça por plumas] Por plumas na cabeça $A_{23} A_{24} A_{25} A_{26} A_{27} A_{28} A_{29} A_{31}$ Por gorra na cabeça C , traga] tenha $A_{25} A_{26}$

14. Se meus] Se os meus A_{23} , por ti não forem] por ti forem mais $A_8 A_{14} A_{32}$ por ti mais forem $A_{13} A_{19} A_{20} A_{21} A_{22} A_{23} A_{24} A_{25} A_{26} A_{27} A_{28} A_{31} C$ por vós não forem $A_{15} A_{16}$ não são para ti dous A_{29} por ti não são dous A_{30}

12. Esta aférese é imposta pela métrica.

12. fios – Os que se tiram do pano de linho velho para curar feridas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O poema seguinte é veiculado por um total de 31 testemunhos: 2 manuscritos principais, 26 manuscritos secundários e 3 impressos. Apenas os dois primeiros e um dos últimos (AP) atribuem o texto a Gregório. 13 dos manuscritos secundários e 2 impressos apontam para D. Tomás de Noronha. Quanto aos restantes testemunhos, 1 indica como autor Fernão Correia de Lacerda, 1 João Sucarelo, 1 Pena Correia (autor que não consegui identificar), 1 Vasconcelos (seguramente Francisco de Vasconcelos), enquanto nos outros 9 o soneto vem anónimo. Perante isto, parece-me bastante pacífico admitir que Noronha seja o autor do poema.

XXVIII.

Testemunhos manuscritos principais: BPMP, 1388, f. 19v-20r = A_{16} / BNRJ, 50.2.3, p. 294-295 = A_{17}
Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 321, f. 23v (D. Tomás de Noronha) = A / BGUC, 390, f. 60r-60v (D. Tomás de Noronha) = A_1 / BA, 51-II-24, f. 178r (an.) = A_2 / BPMP, 1121, [f. 12r] (Fernão Correia de Lacerda) = A_3 / BGUC, 359, f. 57r (an.) = A_4 / BGUC, 362, f. 220v-221r (D. Tomás de Noronha) = A_5 / LC, P, 9, [f. 157r] (D. Tomás de Noronha) = A_6 / ADB, 130, f. 128v (D. Tomás de Noronha) = A_7 / BADE, FR1, CXIV/1-13d, [f. 70r] (D. Tomás de Noronha) = A_8 / BGUC, 364, p. 42 (D. Tomás de Noronha) = A_9 / BNL, 4332, f. 39r (an.) = A_{10} / BNL, 4259, p. 88 (D. Tomás de Noronha) = A_{11} / BGUC, 555, p. 161 (an.) = A_{12} / BADE, FM, 304(a), f. 389r (Pena Correia) = A_{13} / BNL, 8599, p. 433 (an.) = A_{14} / BNL, 10894, p. 429 (an.) = A_{15} / BNL, 3581, f. 91v (an.) = A_{19} / ADB, 373, f. 122v (D. Tomás de Noronha) = A_{20} / BA, 49-III-52, f. 68r (D. Tomás de Noronha) = A_{21} / BGUC, 526, f. 59r-59v (Vasconcelos) = A_{22} / BGUC, 1636, p. 94 (D. Tomás de Noronha) = A_{23} / BA, 49-III-71, p. 5 (D. Tomás de Noronha) = B / BNL, 3106, f. 61r-61v (D. Tomás de Noronha) = B_1 / BPMP, 705, f. 25r (João Sucarelo) = C / LC, P, 252, p. 468 (an.) = D / BGUC, 392, f. 124r (an.) = E
Testemunhos impressos: AP, VI, p. 104 = A_{18} / Adelino Neves, p. 8-11 (D. Tomás de Noronha) = B / M. Remédios, p. 2 (D. Tomás de Noronha) = E_1

Versão de A

A uma dama pródiga de favores

Se assim, fermosa Helena, como és sol,
Não deras tantas mostras de ser lua,
Não te tivera o mundo por comã,
Nem quem tanto te quer por caracol.

- 5 Olha que já te traz a fama a rol,
Por ser tua brandura a todos ã,
E pode ser que corre já algã,

Leg. dama] mulher B_I , de favores] em seus favores $A_{16} A_{19}$

A uma Dama tão pródiga de seus favores que a todos os comunicava A_5 A uma Dama que amava a todos A_6 A uma Dama que favorecia muitos amantes, chamada Helena A_{12} À mesma Condessa A_{13} A Dama prodigiosa em seus favores A_{17} A Dama pródiga em seus favores A_{18} A uma Dama fácil em fazer favores A_{21} A uma Dama, que não ame a muitos amantes A_{22} A uma Dama mudável e pródiga de favores A_{23} A uma Dama que era muito fácil de se corresponder com todos B A uma dama por nome Helena, pródiga de seus favores *E Falta em C D*

1. Helena] dama $A_{16} A_{17} A_{18} A_{19}$, como és] como o $A_{12} E$

Se assim como és, fermosa Helena, Sol A_{20} Se assim, formosa, aquela que é um sol B Se assim, fermosa, aquela que é sol B_I

2. deras] dera B , tantas mostras] mostra tanto A_{15}

3. Não te] Não a $B B_I$ Não E , tivera o mundo] mostraras ao mundo C

4. Nem] A A_{12} Nem a C , quem tanto te quer] quem tanto quer A_9 quem te mais quer A_{13} tanto quem te quer A_{14} , caracol] girassol $A_9 C$

5. já te traz] já te trazia A_3 te traz já A_{20} te traz C

6. Por ser] Por ver $A_2 B$, tua brandura] tua lindeza A_{15} tua beleza $A_{16} A_{17} A_{18} A_{19} A_{21}$ a tua grandeza $E E_I$, ã] nua E_I

7. pode] poderá A_{15} , que corre já] que corre com A_4 que corra já $A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19} A_{20} A_{21} B$ já que corra A_{12} que corre por cá A_{13} que diga já A_{22} que seja como A_{23}

Já corre a fama e diz que Helena nua D E pode ser que ganhes sendo crua $E E_I$

Que acodes como peixe a todo anzol.

Ah, muda, muda, Helena, muda os modos,

10 E não sejas com isto como corça,
Que mais corre co{m} a seta que lastima.

Ama a quem te mais quer, não ames todos,

Que repartido o amor tem menos força

E a cousa que é comã não se estima.

8. Que acodes como peixe] Que corres como peixe A_{15} Que a todo o peixe acode A_{23} Que como peixe acodes B Acodes, Ninfa, peixe D Não acudindo como peixe $E E_1$, a todo anzol] ao anzol $A_2 A_3 B B_1 E E_1$ a todo o anzol $A_6 A_7 A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{19} A_{20} A_{21} A_{22}$ como anzol A_{23}

9. Ah, muda, muda, Helena] Oh, muda, muda, Helena $A_5 A_{23}$ Muda, muda, muda, Helena A_{10} Ah, muda, muda, muda, Helena A_{11} Ah, Helena, muda A_{13} Muda, Helena, muda A_{14} Ah, muda, muda $A_{16} A_{17} A_{18}$ Oh, muda, muda A_{19} Muda, muda, Helena C Oh, muda, Helena, muda D Ai, muda, muda, Helena $E E_1$, muda os modos] e melhora os modos $A_{16} A_{17} A_{18} A_{19}$ esses modos A_{23} esses teus modos C tantos modos D ai, muda os modos E

10. E não] Não $A_5 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{21} A_{23}$, sejas] sejam $A_{17} A_{19}$ te pareças $A_{21} A_{23}$, com isto como corça] com isto como a corça $A_5 A_6 A_{13} A_{18} B_1$ semelhante à veloz corça $A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11}$ em isto como a cerva A_{14} nisto com a corça $A_{21} A_{23}$ não, em isto como corça A_{22} com isso como a corça B tu como a corça C oh, não, como é a corça $E E_1$

11. co{m} a] com a $A A_2 A_3 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{17} A_{18} A_{19} A_{20} A_{22} A_{23} B_1 C D E E_1$, que lastima] que a lastima $A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_{12} A_{13} A_{15} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19} A_{20} A_{22} A_{23} B B_1 D E E_1$

12. a quem te mais quer] a quem mais te quer $A_1 A_5 B B_1$ quem te mais quer $A_4 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11}$ a quem te quer bem $A_6 A_{15} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19} A_{20} A_{23} D$ quem mais te quer C , não ames] não ames a $A_3 A_{17} A_{18} A_{20}$ e não a $A_{22} A_{23} B B_1 E E_1$

13. Que] Pois $A_{12} A_{13}$, o amor] amor $A_3 A_6 A_{17} A_{18} A_{19} C$

14. é comã] é mais comã E_1

11. Esta apócope é imposta pela métrica.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

O texto que se segue é transmitido por um total de 24 testemunhos: 1 manuscrito principal (a que haveria que acrescentar o desaparecido AC, IV), 22 manuscritos secundários e 1 impresso. Apenas o primeiro e o último atribuem o soneto a Gregório. Quanto aos restantes, 8 dão-no como sendo de D. Tomás de Noronha, 3 apontam para António Rebelo de Brito e 1 para João Sucarelo, enquanto os outros 10 não apresentam indicação de autoria. O autor mais provável parece portanto ser D. Tomás.

XXIX.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.1, p. 76 = *C*

Testemunhos manuscritos secundários: BA, 49-III-52, f. 82r (D. Tomás de Noronha) = *A* / BADE, FM, 173, f. 91v (an.) = *A₁* / BGUC, 1134, f. 186v (an.) = *A₂* / BNL, 8600, p. 440 (D. Tomás de Noronha) = *A₃* / BNL, 13217, f. 48r (António Rebelo de Brito) = *A₄* / BPMP, 1121, [f. 45r-45v] (D. Tomás de Noronha) = *A₅* / BL, Add, 30767, p. 16 (João Sucarelo) = *A₆* / BGUC, 321, f. 33r (António Rebelo de Brito) = *A₇* / BNL, 6269, f. 84r (an.) = *A₈* / BGUC, 390, f. 59v-60r (António Rebelo de Brito) = *A₉* / BNL, 3106, f. 49v (D. Tomás de Noronha) = *A₁₀* / BGUC, 359, f. 55r-55v (an.) = *A₁₁* / BADE, FM, 304(a), f. 389v (an.) = *A₁₂* / BNL, 4332, f. 137v (an.) = *A₁₃* / ADB, 130, f. 121v (an.) = *B* / BGUC, 362, f. 221r (D. Tomás de Noronha) = *D* / TT, L, 241, f. 87v (D. Tomás de Noronha) = *E* / ADB, 373, f. 122r (D. Tomás de Noronha) = *F* / BNL, 6204, p. 660 (an.) = *F₁* / BGUC, 3029, f. 193v-194r (an.) = *F₂* / ACL, 693A, f. 142r (an.) = *F₃* / BGUC, 526, f. 174r-174v (D. Tomás de Noronha) = *G*

Testemunho impresso: JA, p. 713-714 (que parte do desaparecido AC, IV, p. 131) = *H*

A versão de *H* está bastante afastada da base, pelo que será apresentada no espaço reservado ao rodapé.

Versão de *A*

A uma freira chamada Beatriz

Leg. chamada] por nome *F₃*

A certa freira que andava prenhe, por nome Beatriz *A₂* A uma freira *A₅ A₇ A₉ A₁₀ B D F F₁* A uma freira chamada Beatriz, pela tardança de dar entrada à pertensão do Autor *A₆* A uma Religiosa *A₈* A uma mulher *A₁₁* Ao casamento de certa dama por nome Brites *C* Burlesco *E* A uma freira que queria entrar no seu convento *G* *Falta em A₁ A₁₃*

Senhora Beatriz, foi o Demónio,
Este Amor, esta trampa, esta porfia,
Que não durmo de noite nem de dia.
Em cuidar neste seco matrimónio.

- 5 Já pus uma candeia a Santo António,
Porém vendo que Deus não me alumia,
Ou cuidam me negais a serventia,
Ou que não obra em vos meu antimónio.

Parece-vos que fico bem honrado,

-
1. Beatriz] Brites $A_9 A_{10} F$, foi] é F_2
2. trampa] teima F_1 afeição F_2
3. Que] Pois $A_3 A_{12} A_{13} F_1$, não durmo] não canso $A_{12} A_{13} F_1$
4. seco] negro C santo E cego F
6. Porém vendo] Mas vendo $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_7 A_8 A_9 A_{10} B$ Vendo $A_{11} D$ E vendo $A_{12} A_3 C F$ Mas vendo eu E E quem vê $F_1 F_2 F_3 G$, Deus não me alumia] Deus me não alumia A_1 pois Deus vos alumia A_2 pois Deus não vos lumia A_3 pois Deus vos não lumia A_4 Deus não vos alumia $A_5 A_{10} G$ em vós não alumia A_6 Deus não alumia $A_7 A_8 A_9$ vos Deus não alumia $A_{11} A_{12} A_{13} B F_1 F_2 F_3$ sua luz não me alumia C ele não me entendia D a Deus não alumia E Deus nos não alumia F
7. Ou cuidam] Ou cuido $A_1 A_2 A_3 A_4 A_{10} C$ Cuido que $A_5 B$ Creio que ou A_6 Ou cuidam que $A_8 D F$ Ou é que A_{11} Creio que $A_{12} A_{13}$ Ou que inda E Cuida que $F_1 F_2 F_3 G$, me negais a serventia] sou de natureza fria $F F_1 F_2 F_3 G$
8. Ou que não] Ou não $A_2 A_3 A_4 A_{10}$ Porque não $A_{12} A_{13}$ E que não $F F_1 F_2 F_3 G$, em vós] em mim E , meu] o meu $A_9 A_{10} A_{13}$
Ou que em vós não obra o meu antimónio D
9. Parece-vos] Parecendo A_1 , fico] estou $A_2 F_1 F_2 F_3 G$, bem honrado] mui bem honrado A_2 bem lembrado A_5 muito honrado A_6 mui honrado $A_{12} A_{13}$ bem aviado $F_1 F_2 F_3 G$
Não cuideis que eu estou bem aviado C

8. antimónio – Metal antigamente muito usado na medicina.

10 Que só por não violar essa clausura,
Me tem toda esta terra por capado?

Não sofro estes revezes da ventura:
Ou hei-de desistir do começado,
Ou hei-de esgravalhar na fechadura.

10. Que só por] Que por $A_2 A_3 A_4 A_5 A_{11} B F_1 F_2 F_3 G$ Pois por $A_6 A_{12} A_{13} C$, violar] violentar A_{11}
desfazer B romper $D F$ quebrar F_1 quebrantar $F_3 G$, essa clausura] esta clausura $A_7 A_8 A_{11} A_{12}$ esta
doçura B uma clausura $F_1 F_2 F_3 G$

11. Me tem] Me tenha $A_{10} A_{11} F_2$, toda esta terra] em toda esta terra A_7 esta terra toda $A_9 D$ toda essa
terra C cá nesta terra E toda a terra F_2

12. Não sofro] Mas só por E , estes] tais F_2 , revezes] recessos A_{10} , ventura] fortuna $A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} B$
 $D E F F_3$

Não sofro já injúria que é tão dura G

14. esgravalhar] esgravelhar $A_1 A_7 A_9 E$ esgaravatar $A_2 A_3 A_5$ esgravatar $A_4 B C D F F_2 F_3 G$ esgrabu-
lhar A_6 escaravelhar $A_8 F_1$ esgravenhar A_{10} esgaravelhar $A_{11} A_{13}$ escravelhar A_{12}

14. esgravalhar – Variante de *esgravelhar*.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Versão de *H*

Ao mesmo assunto e pelo mesmo motivo

Senhora Beatriz, foi o demónio

Este amor, esta raiva, esta porfia,
Pois não canso de noite nem de dia
Em cuidar nesse negro matrimónio.

5 Oh, se quisesse o Padre Santo António,
Que é Santo que aos perdidos alumia,
Resvelar-lhe a borrada serventia
Desse Noivo, essa purga, esse antimónio!

10 Parece-lhe que fico muito honrado
Em negar-me por velho essa clausura?
Menos mal me estaria o ser capado.

Não sofro esses revezes da ventura,
Mas antes prosseguindo o começado,
A chave lhe hei-de pôr na fechadura.

O próximo soneto é veiculado por 14 testemunhos: 2 manuscritos principais, 11 manuscritos secundários e 1 impresso. Só os dois primeiros e o último se pronunciam a favor de Gregório de Matos. Quanto aos restantes, 6 atribuem o poema a D. Tomás de Noronha, 2 a João Sucarelo, enquanto os outros 3 não apresentam indicação de autoria. Novamente, o autor mais provável parece ser portanto D. Tomás.

XXX.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.1A, p. 46-47 = B / AC, II, p. 187 = B_1

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 10894, p. 356-357 (D. Tomás de Noronha) = A / BADE, FM, 173, f. 90v-91r (D. Tomás de Noronha) = A_1 / BGUC, 526, f. 179v-180r (an.) = A_2 / BPMP, 1121, [f. 44v] (D. Tomás de Noronha) = A_3 / BGUC, 359, f. 131v-132r (D. Tomás de Noronha) = A_4 / BA, 51-II-24, f. 180r (an.) = A_5 / BNL, 3106, f. 59v (D. Tomás de Noronha) = A_6 / BGUC, 392, f. 276r (D. Tomás de Noronha) = A_7 / BNL, Pb, 133, f. 21v (an.) = A_8 / BGUC, 391, f. 252r (João Sucarelo) = C / BL, Add, 30767, p. 15 (João Sucarelo) = C_1

Testemunho impresso: JA, p. 657-658 = B_2

Versão de A

A uma Dama

Leg. Dama] Freira C

Soneto a uma Freira que por algumas vezes pôs os cornos ao amante; é feito em agudos A_2 A uma mulher que lhe demandava ciúmes. Ela era a que lhe punha os cornos A_6 A uma Dama que lhe punha os cornos e pedia ciúmes A_7 Sente o Autor as ingratidões da Freira Ortiga, imitando aquele Soneto de Dom Tomás de Noronha, feito a outra Freira, que principia «Soror Dona Barbata» B Queixa-se o Poeta à mesma Freira de suas ingratidões desprimorosas, imitando a D. Tomás de Noronha em um Soneto que fez a certa Freira que principia «Soror Dona Barbata» B_1 Queixa-se o Poeta à mesma Freira de suas ingratidões desprimorosas, imitando a D. Tomás de Noronha em um Soneto que fez a certa Freira que principia «Soror Dona Bárbara» B_2 A uma Dama que foi falsa ao seu Amante C_1
Falta em $A_1 A_3 A_4 A_5 A_8$

Senhora Mariana, em que vos pês,
Haveis de me escutar, por esta cruz,
Que isto de cornos nunca vo-los pus
E eu sei que mos pusestes mais de três.

5 Não sei quem vos tentou ou quem vos fez
Cruel que rigor tanto em vos produz,
Pois convosco não val, em mim não luz
Fé de Tudesco, amor de Português.

Se contra vós algum delito fiz
10 Que de vosso favor fora me traz,
Vós não podeis ser parte e mais juiz.

-
1. Senhora Mariana] Vós, Senhora Maria $C C_I$
2. Haveis de me escutar] Haveis-me de escutar $A_I A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 C$ Haveis-me de ouvir A_7 Haveis de me pagar $B_I B_2$
3. Que isto] Porque isto B Porque nisto $B_I B_2$, nunca vo-los] a vós nunca os $A_6 A_7$ nunca B nunca os $B_I B_2$
4. E eu sei] Eu sei $A_2 A_8$ E sei $B B_I B_2 C_I$, mos] me $A_2 A_3 A_7 B B_I B_2 C_I$
5. quem vos] que vos $A_6 A_8$, ou quem] ou que $A_6 A_7 A_8$
Não posso dar na causa que vos fez $C C_I$
6. Cruel que rigor tanto] Cruel e rigor tanto $A_5 C_I$ Que rigor tão cruel A_8 Cruel, rigor tanto C
7. Pois convosco não] Convosco já não $C C_I$, val, em mim não] val e em mim não $A_I A_6 A_7 B B_I B_2 C_I$
valem minha A_4 val A_5 val, nem em mim C
8. amor] e amor $B B_I B_2$
10. de vosso] do vosso $A_6 B B_I B_2$, favor] amor A_8

1. pês – Forma abreviada de *pese*.

Não queirais dar com tudo trás barrás,
Nem façais de mim tão xarisbaris
Que me armeis por diante e por detrás.

-
12. dar com tudo] dar contudo $A_8 B_2$ ser em tudo C_1 , trás barrás] a trás barrás $A_2 B B_1 B_2$ trás barás A_8
13. Nem façais de mim] Nem vos façais de mim $B B_1 B_2$ Nem também me façais C_1 , tão xarisbaris]
xarisbarris $A_1 A_7$ tão xarisbarris A_3 tão xisbaris $A_8 C$ xarrisbarris $B B_1 B_2$ tão xisbarris C_1
14. Que me armeis] Que armeis A_3

13. trás barrás – Talvez se trate de uma locução interjectiva.

14. xarisbaris – É possível que seja uma variante de *xisgaravis*, indivíduo intruso, importuno.

ABBA / ABBA / CDC / DCD. Trata-se de um soneto em agudos.

O poema que se segue é veiculado por um total de 27 testemunhos: 1 manuscrito principal (BNRJ, 50.2.3), 23 manuscritos secundários e 3 impressos. Apenas BNRJ, 50.2.3 e AP, que o segue, indicam Gregório de Matos como autor. Os outros 2 impressos e 13 dos manuscritos secundários atribuem o soneto a D. Tomás de Noronha. Quanto aos restantes 10 testemunhos, 1 afirma que o texto é de D. Tomás ou de D. Manuel de Meneses (autor de que não consta ter-se dedicado à poesia), 3 pronunciam-se a favor de Diogo de Sousa, enquanto nos outros 6 não há indicação de autoria. Perante estas informações, Noronha poderia ser considerado como o autor mais provável. Acontece no entanto que o poema parece referir-se a um acontecimento histórico ocorrido em 1657: o bloqueio do Tejo feito por uma esquadra holandesa de 40 navios. Ora, se é certa a informação de Barbosa Machado, que dá D. Tomás como falecido em 1651, o soneto não poderá ser dele. Por outro lado, também D. Manuel de Meneses e Diogo Camacho estariam já falecidos em 1657. A questão da autoria permanece assim em aberto.

XXXI.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 326-327 = B_6

Testemunhos manuscritos secundários: BA, 49-III-71, p. 26 (D. Tomás de Noronha) = A / BA, 49-III-52, f. 79v (D. Tomás de Noronha) = A_1 / BNL, 8594, f. 42r-42v (an.) = A_2 / BGUC, 338, f. 474r (D. Tomás de Noronha) = A_3 / BADE, FR1, CXIV/1-13d, [f. 67v] (D. Tomás de Noronha) = A_4 / BNL, 4259, p. 16-17 (D. Tomás de Noronha) = BNL, 4332, f. 60r (an.) = A_5 / BNL, 3106, f. 31v-32r (D. Tomás de Noronha) = A_6 / BGUC, 390, f. 291v-292r (D. Tomás de Noronha) = A_7 / BGUC, 526, f. 142r-142v (D. Tomás ou D. Manuel de Menezes) = A_8 / BNL, 8581, f. 3v (D. Tomás de Noronha) = A_9 / BGUC, 321, f. 31v (an.) = B / BGUC, 359, f. 58r (an.) = B_1 / BGUC, 388, f. 197v (D. Tomás de Noronha) = B_2 / BA, 49-III-52, f. 212v (D. Tomás de Noronha) = B_3 / BGUC, 391, f. 26v-27r (an.) = B_4 / ACL, 693A, f. 144r (an.) = B_5 / BGUC, 2829, f. 43r-43v (Diogo de Sousa) = C / BADE, FR1, CXII/1-36, f. 230v-231r (Diogo de Sousa) = BADE, FR1, CXII/1-36, f. 294r (Diogo de Sousa) = C_1 / BGUC, 362, f. 220r-220v (D. Tomás de Noronha) = D / BNL, 10894, p. 361 (D. Tomás de Noronha) = E / BNL, Pb, 133, f. 39r (D. Tomás de Noronha) = F

Testemunhos impressos: Adelino Neves, p. 60-64 (D. Tomás de Noronha) = A / M. Remédios, p. 5 (D. Tomás de Noronha) = B / AP, VI, p. 108 = B_7

Versão de *A*

No tempo do Autor, em que se receava a vinda dos Holandeses contra Portugal

Portugal, Portugal, és um sandeu,
Estás caduco já por esta cruz!
Tanto talão, balão, tanto truz, truz,
Só para quatro cus cheios de breu?

Leg. A Portugal com os Holandeses, quando se nos vieram pôr na barra com uma armada *A₁* Portugal com os Holandeses. Despropósitos *A₂* A Portugal, no tempo em que se temia a vinda dos Holandeses *A₃* A Portugal, no tempo em que se temia dos Holandeses a vinda *A₄* A Portugal, que se temia a vinda dos Holandeses *A₆* Quando se temia a vinda dos Holandeses *A₇* Feito a Portugal, que temia os Holandeses depois da perda da Baía *A₈* Na ocasião em que os Holandeses apareceram na barra de Lisboa *A₉* A muitos temores no Porto, com medo de uma nau de Holandeses *B* Quando os Holandeses vieram à vista do Porto *B₁* Aparecendo uma nau de Holandeses no Porto *B₂* Quando os Holandeses apareceram em Portugal *B₃* Ao apresto de Portugal contra os Holandeses *B₄* A Portugal, estando sujeito a Castela *B₆* *B₇* Soneto burlesco *C* Na ocasião em que se disse vinham os Holandeses sobre Lisboa, e o cabo que governava os nossos soldados era muito gordo *D* Sobre os aparelhos que se faziam contra os Holandeses, que tinham tomado a Baía *E* *Falta em A₅ B₅ C₁ F*

1. és] é *B₅* sois *C C₁ D*

2. Estás] Está *B₅* Estais *C C₁ D*

3. talão, balão] tambalalão *A₉* talabardão *B₆ B₇* Balão, balão *D* talão, talão *F*

4. Só para quatro] Para quarenta *B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₆ B₇ C C₁ D E*

Leg. Levando também em conta a informação fornecida pelas outras variantes, é bastante provável que o soneto se refira a um acontecimento ocorrido em 1657, no quadro das hostilidades que opunham Portugal à Holanda, na sequência da Restauração e da retomada de Pernambuco, quatro anos atrás: trata-se do bloqueio do Tejo feito por uma esquadra holandesa de 40 navios, que se prolongou por três meses.

5 Só para quatro cus? Tempo sei eu,
 Em que sem lança e menos arcabuz,
 Quebravas mais de quatrocentos cus,
 Com quantos aparelhos Deus lhes deu.

 Holanda será caça se cá vem;
10 E se Holanda for caça, o meu ruão
 Sabe correr a caça muito bem.

 Boto a tal de que tendes Capitão,

5. Só para quatro cus?] Para quatro cus A_1 Portugal, Portugal, A_9 Para quarenta cus, $B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5$
 $C C_1 E$ Vós a quarenta cus, $B_6 B_7 D$, Tempo] pois bem $B B_1 B_2 B_4 B_5$ quando D

6. Em que] Que $A_1 A_2 A_5 A_7 A_8 A_9 B_3 B_5 C_1$ Quem $B B_1 B_2 B_4$ Que tínheis quem $B_6 B_7$ Que tendes
quem D Quando F , sem lança] sem lanças $B_6 B_7$, e menos] nem menos $A_1 A_2 A_7 B_4 C_1$ nenhuma ou B
nenhuma nem $B_1 B_3 B_5$ espada ou B_2 ou $B_6 B_7$ nem D

7. Quebravas mais de] Para dar guerra a $B B_1 B_2$ Para dar carga a $B_3 B_4$ Para dar em B_5 Daria guerra a
 $B_6 B_7$ Quebráveis mais de $C C_1$ Para espetar a D Quebraste mais de F
.....-se vós mais de cem mil cus E

8. Com quantos aparelhos] Armado está com quanto $B B_1 B_2 B_4 B_5$ Armado está de quanto $B_3 D$ De
tudo armados quanto $B_6 B_7$ Armados com quanto E , lhes] lhe $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_7 A_8 A_9 B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5$
 $B_7 C_1 D E F$ te A_6 vos C

9. cá] lá $B_6 B_7$

Se cá vier Holanda será caça F

10. E se Holanda for caça] Se tendes medo a Holanda $B B_2 B_3 B_5 D$ Se tendes medo Holanda B_1 Se
tendes medo à caça $B_6 B_7$ Se temeis a Holanda E , o meu] o ruço B_7

11. correr a caça] correr o campo $B_1 B_2 B_3 B_5$ correr e caça $B_6 B_7$ andar à caça E caçar as lebres F

12. Boto a tal de que] Boto a tal que $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9$ Esforçai-vos, pois $B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5 B_6$
 B_7 Alegrai-vos, que $C C_1$ Em verdade que D Quanto mais que E

Mas tendes um capitão feito por praça F

10. ruão – Cavalo de pêlo branco com malhas escuras.

Que toda Holanda escassamente tem
Para forrar-lhe a perna de um calção.

-
13. Que] E que $C C_I$, toda a Holanda] toda Holanda $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5 B_6 B_7$
Holanda $C C_I$ em toda Holanda $D E$
Que nem toda Holanda basta bem F
14. forrar-lhe] lhe forrar $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7$ me forrar A_8 forrar $B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5 B_6 B_7 D E F$, de um] do
 B_4

ABBA / ABBA / CDC / DCD. Estamos perante um soneto em agudos.

Os três sonetos seguintes encontram-se em situação idêntica: todos sonetos enigmáticos, são transmitidos por um elevado número de testemunhos, maioritariamente manuscritos secundários em que vêm anónimos. Em todos os casos, a hipótese de autoria gregoriana é suportada apenas por 2 testemunhos: BNRJ, 50.2.3 e AP, que dele parte. Penso portanto que nenhum deles reúne condições para poder ser considerado do poeta baiano.

Este primeiro texto é veiculado por um total de 22 testemunhos: BNRJ, 50.2.3 e AP atribuem-no a Gregório; dos restantes 20 – todos manuscritos secundários –, 2 atribuem-no a Tomás Pinto Brandão, 1 dá-o como sendo do Conde da Ericeira (certamente D. Francisco Xavier de Meneses), ao passo que em todos os outros o poema vem sem indicação de autoria. Perante estes dados, a atitude mais sensata talvez seja reconhecer o poema como anónimo. Com efeito, nenhum dos outros dois nomes propostos – a que se junta ainda Pascoal Ribeiro, referido na legenda de uma das réplicas geradas pelo soneto em discussão – oferece credibilidade. No caso concreto de Pinto Brandão, o único dado seguro é que lhe pertence uma das respostas ao enigma, conforme explicarei nas notas finais.

XXXII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 274-275 = *B*

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 3581, f. 63v (an.) = *A* / BADE, FM, 39 – n.º 2, f. 1r (an.) = *A*₁ / BGUC, 1620, I, 3, p. 21 (an.) = *A*₂ / BNL, 6204, p. 790-791 (an.) = *A*₃ / BNRJ, 6, 1, 31, p. 87 (Tomás Pinto Brandão) = *A*₄ / BNRJ, I-14, 1, 25, f. 18r (an.) = *A*₅ / BPMP, 1407, f. 175v-176r (an.) = *A*₆ / BGUC, 1134, f. 288r (an.) = *A*₇ / BNL, 3314, p. 399-400 (an.) = *A*₈ / BPMP, 1398, f. 131v (an.) = *A*₉ / LC, P, 141, f. 188v (an.) = *A*₁₀ / TT, F, 47, p. 74-75 (Tomás Pinto Brandão) = *A*₁₁ / SMS, p. 321 (an.) = *A*₁₂ / BGUC, 1091, p. 213 (an.) = *A*₁₃ / ADB, 367, f. 124v (an.) = *A*₁₄ / BGUC, 1479, f. 15v (an.) = *A*₁₅ / BGUC, 1479, f. 45r (an.) = *A*₁₆ / TT, L, 1870, p. 25 (an.) = *A*₁₇ / BADE, FM, 388(a), f. 53v (an.) = *A*₁₈ / AHMC, B 52/6, p. 351 (Conde da Ericeira) = *A*₁₉

Testemunho impresso: AP, VI, p. 102 = *B*_I

Versão de *A*

Egnima que se deu a Tomás Pinto Brandão

Qual é a cousa no mundo mais amada
Que todos em geral aborrecemos?
Todo o bem que nos dá por mal o temos,
E tudo o que nos dá redundante em nada.

- 5 Do grande e do pequeno é desejada,
Navega sempre à vela mas sem remos,
Dos olhos corporais já nunca a vemos,

Leg. Enigma áulico A_3 Enigma $A_4 A_{10} A_{11} A_{13}$ Apareceu em Palácio este Egnima, sobre o qual discorreram vários Poetas A_5 Soneto enigmático $A_7 A_{14}$ Soneto-Egnima, que é o Peido A_8 Soneto enigmático. Responde-se, digo, pergunta-se A_9 Egnima A_{12} Soneto ou adivinhação A_{15} Adivinhação em um Soneto A_{16} Egnima de que se pede a explicação ao leitor $A_{17} A_{18}$ Soneto imaginático A_{19} Egnimático B Enigmático B_1 *Falta em $A_1 A_2 A_6$*

1. mais amada] a mais amada A_{12}

2. todos] todo A_{12} , em geral] geralmente $A_2 A_7 A_8 A_{13} A_{15} A_{16} A_{19}$

3. Todo o bem] E tudo A_{13}

Que por bem que nos dê redundante em nada $B B_1$

4. E tudo o que] E tudo que $A_6 A_{19}$ E todo o bem que A_{13} Tudo quanto A_{17} E tudo quanto A_{18} , redundante] resume A_{10}

E por muito que dê por mal o temos $B B_1$

5. grande] alto $A_{17} A_{18} A_{19}$, e do pequeno] e mais do baixo A_{18} e do baixo A_{19} , é desejada] desejada A_6 É do alto e do baixo desejada $B B_1$

6. Navega sempre à vela] Navega só com velas $A_1 A_2$ Navegação com velas $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{12} A_{14}$ Navega-se com velas $A_{10} A_{11} B B_1$ Navegação sem velas A_{13} Navegação com vela $A_{15} A_{16}$ Navega à vela $A_{17} A_{19}$ Navega à vela sempre A_{18} , mas sem] não com A_1 não tem A_2 mas com A_{13} e sem $A_{15} A_{16}$ mas porém sem A_{19}

7. Dos] C'os $A_1 A_{15} A_{19}$ Aos A_{14} Com os $A_{15} A_{16}$ Nos $B B_1$, já nunca] jamais $A_1 A_{12} A_{14}$ nunca $A_{15} A_{16}$

Nem foi de ninguém vista nem achada.

Não é pedra, nem pau, nem ar, nem vento,

10 Não é cousa criada nem nascida,

Nem é memória, voz ou pensamento.

Em cada um de nós anda escondida,

De sorte que sem ela um só momento

Conservar-se não pode a mesma vida.

8. Nem] Não $A_2 A_7 A_{13} A_{19}$, foi de ninguém] de ninguém foi A_1 foi nunca de ninguém $A_4 A_9 A_{11}$ de nenhum é A_{14}

9. Não é pedra, nem pau] Não é pau, não é pedra $A_1 A_2 A_3 A_4 A_7 A_{11} A_{15} A_{16} A_{17}$ Não é pau, nem é pedra $A_5 A_6 A_9 A_{18} A_{19}$ Não é pau, nem pedra $A_8 A_{10} A_{12} A_{13} A_{14}$, nem ar, nem vento] ar, nem vento $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{19}$ nem ar ou vento A_8 ou ar, nem vento A_{18}

10. Não] Nem $A_{15} A_{16} A_{18} A_{19}$, criada] achada A_{12}

11. Nem] Não $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{15} A_{17} A_{18} A_{19} B B_1$, voz] fala $A_{17} A_{18} A_{19} B B_1$, ou pensamento] nem pensamento $A_2 A_6 A_8 A_{12} A_{13} A_{15} A_{16}$

Na memória, nem pensamento A_{14}

12. Em] E em A_{10} Com A_{12} , cada um] cada qual $A_8 A_{17} A_{18} A_{19} B$, escondida] imprimida $A_{17} A_{19} B B_1$ oprimida A_{18}

13. que sem ela um] que com ela um A_{14} que ela um $A_{15} A_{16}$ que ela é um A_{17} que ela, enfim, é A_{18}

De feição que não pode um só momento $B B_1$

14. Conservar-se não pode] Não pode conservar-se $A_1 A_2 A_3 A_4 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12}$ Não se pode sustentar A_{13} Nem pode ser também A_{17} Não pode ser também A_{18} Não pode ter ser A_{19} , mesma] própria $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_8 A_9 A_{10} A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} A_{18} A_{19}$

Por ser, nem regimento a própria vida $B B_1$

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Este soneto é transmitido por um total de 21 testemunhos: 1 manuscrito principal, 18 secundários e 2 impressos. Apenas o primeiro e um dos últimos (AP) o atribuem a Gregório de Matos. Dos restantes 19, há 18 em que o poema vem anónimo, existindo um manuscrito secundário que aponta o Conde da Ericeira como autor.

XXXIII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 436-437 = A_{14}

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 1350, f. 99r (an.) = TT, L, 1070, f. 261r (an.) = A / BGUC, 398, f. 280r (an.) = A_1 / BNL, 3578, f. 267r (an.) = A_2 / BGUC, 331, f. 28r (an.) = A_3 / BA, 49-III-65, p. 53 (an.) = A_4 / BGUC, 555, p. 191-192 (an.) = A_5 / BNRJ, I-14, 1, 25, f. 157r (an.) = A_6 / BADE, FR1, CXII/1-10, f. 95r (an.) = A_7 / BGUC, 1350, f. 64v (an.) = A_8 / BNL, 8610, p. 74 (Conde da Ericeira) = A_{10} / BGUC, 1091, p. 214 (an.) = A_{11} / BGUC, 1350, f. 48r (an.) = A_{12} / BGUC, 388, f. 251r (an.) = A_{13} / BGUC, 382, f. 34r (an.) = A_{16} / BGUC, 1350, f. 59r (an.) = A_{17} / BNL, 3581, f. 71v (an.) = B / BGUC, 395, f. 183r-183v (an.) = C

Testemunhos impressos: Folheto, p. 1 (an.) = A_9 / AP, VI, p. 123 = A_{15}

Versão de A

Soneto enigmático

Sou pai de um filho o qual não é meu filho,
Porque sendo meu filho ele é meu pai;

Leg. Egnima A_4 A_{11} B A um enigma acróstico A_5 A São José Patriarca A_8 O Senhor São José é o que fala em este Soneto A_9 Soneto enigmático, em que por duplicados rodeios se explica São José A_{10} Adivinhação A_{12} A São José, egnimaticamente A_{13} Egnimático A_{14} Enigmático A_{15} Ao Santíssimo Patriarca São José A_{17} Eidem ignimatum C *Falta em A_1*

1. de um] de meu A_{17} , o qual] que A_6 A_{14} A_{15} A_{16} , não é] é A_{17}

2. ele é] é A_5

1-14. Estamos perante um soneto contínuo, que se caracteriza pela utilização de duas únicas rimas.

Eu não lhe dei o ser sendo seu pai,
Ele mo deu a mim sendo meu filho.

- 5 Fui sempre casto e tenho-o por meu filho,
Sou {a}inda virge{m} e diz que sou seu pai;
Eu sei mui bem que é filho de outro pai,
E não posso negar que ele é meu filho.

- Não sou primeiro que ele e sou seu pai,
10 Porque sendo primeiro este meu filho,

3. não lhe dei] lhe não dei $A_5 A_{12}$, seu pai] meu filho B

4. mo deu a mim] me deu a mim $A_5 A_{14}$ me deu o ser A_{16} , meu filho] seu filho A_6 seu pai B

5. e tenho-o por meu filho] e tive-o por meu filho A_4 e o tenho por meu filho A_5 e tinha-o por meu filho A_6 e diz que é meu filho $A_9 A_{10}$ e o tinham por meu filho $A_{14} A_{15}$ tinha-o por filho A_{16} e diz que sou seu pai C

Em C a posição dos v. 5 e 6 está invertida

6. Sou {a}inda virge{m}] Sou ainda virgem $A A_1 A_2 A_3 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{10} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} B$ Sou inda virgem $A_5 C$ Ainda sou virgem $A_{11} A_{12}$, diz que sou seu pai] diz sou seu pai A_{16} diz que ele é meu filho C

7. Eu sei] Sei C , mui bem] muito bem $A_2 A_5 A_9 A_{14} A_{15} C$ bem A_4 , que é filho] que ele é filho $A_3 A_4 A_5$ que filho A_9 , de outro] doutro $A_{10} A_{11}$

8. que ele é] que é $A_{14} A_{16}$

9. Não sou] Eu não sou $A_9 A_{10}$ Nasci A_{13} , primeiro que] primeiro do que A_9 , e sou] sou A_{13}

10. sendo primeiro] primeiro foi $A_7 A_8 A_{17} B$ sendo mais moço A_{12} , este meu] este é meu $A_1 A_{12}$ ele é $A_{11} A_{14} A_{15}$ que este meu A_{16} ele meu A_{17}

6. A aférese e a apócope são impostas pela métrica. Acolhi assim a lição de A_4 .

É [o] filho primeiro que seu pai.

Hei-de morrer primeiro que meu filho,
E não herdando o filho os bens do pai,
O pai é que há-de herdar os bens do filho.

11. É [o] filho primeiro] É filho primeiro $A A_1$ E é filho primeiro $A_7 A_8 A_{17} B$ É filho enfim primeiro A_{11} E filho mais primeiro A_{12} Ele é filho primeiro A_{13}

12. que meu] que o meu $A_3 A_5$ que este A_{13}

13. não herdando] não há-de herdar A_{11} não herdar $A_{13} C$

14. O pai é que] O pai é o que A_3 Há-de inda o pai A_{10} Que o pai é que A_{13}

11. A métrica torna obrigatória a presença do artigo, pelo que decidi adoptar a lição de outras variantes.

ABBA / ABBA / BAB / ABA

O próximo poema é transmitido por um total de 14 testemunhos: 1 manuscrito principal (BNRJ, 50.2.3), 11 manuscritos secundários e 2 impressos (Vademeco e AP). Como acontecia com os dois poemas anteriores, apenas o primeiro e o último testemunhos atribuem o texto a Gregório de Matos. À exceção do outro impresso, que o dá como sendo de Supico, todos os restantes, os manuscritos secundários, veiculam o soneto como anónimo. Uma pista adicional para a determinação da autoria é fornecida por uma anotação acrescentada à legenda de BPMP, 950, segundo a qual o texto seria uma tradução do italiano feita pelo P.º Fr. Francisco Xavier, franciscano.

XXXIV.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 437-438 = A_{10}

Testemunhos manuscritos secundários: BA, 54-X-12 – n.º 36 (an.) = A / TT, L, 1804, p. 231 (an.) = A_2 / BGUC, 555, p. 161 (an.) = A_3 / BA, 49-III-65, p. 54 (an.) = A_4 / ADB, 100, f. 64v-65r (an.) = A_5 / BGUC, 1620, I, 3, p. 21 (an.) = A_6 / BGUC, 353, p. 130 (an.) = A_7 / BADE, FR1, CXII/1-2d, f. 54r (an.) = A_8 / TT, L, 2103, f. 29r (an.) = A_9 / BGUC, 403, f. 3r (an.) = A_{12} / BPMP, 950, [f. 84r] (an.) = B

Testemunhos impressos: Vademeco, p. 61 (Supico) = A_I / AP, VI, p. 124 = A_{11}

A versão de B está algo distante da base, pelo que será apresentada no espaço reservado ao rodapé.

Versão de A

Illud de littera M celeberrimum est

Eu não sou criador nem criatura,

Leg. A letra –M– Soneto enigmático A_I Egnima A_2 A_4 A_5 A_{12} Em metáfora de enigma A_3 Soneto enigmático A_7 Adivinhação A_8 Egnimático A_9 A_{10} Enigmático A_{11} *Falta em A_6 Em A_7 , ao lado, vem a seguinte resposta, aliás errada:* o tempo

1. nem criatura] nem sou criatura A_2 A_{10} A_{11} A_{12}

Leg. Tradução: «Aquele acerca da letra M é celeberrimo».

Nem fui visto jamais entre os viventes;
Entre os homens me vês e não me sentes,
Sou morto e nunca estive em sepultura.

- 5 No mundo faço a principal figura,
Crer que sou água ou ar, tu nunca intentes;
Se dizes que sou terra ou fogo mentes,
Mas entre os elementos me procura.

- 10 Bem no meio do tempo e muito interno,
No mesmo tempo estou, sem ser passado
Nem presente, futuro, nem eterno.

Sou primeiro ao morrer sem ser gerado,

-
2. fui visto jamais] jamais fui visto A_6 fui já visto A_7 fui nunca já visto A_{12} , entre os viventes] entre viventes A_3
3. Entre] Se entre $A_7 A_8$, me vês] vês-me A_5 , e não] mas não A_9
4. Sou] Estou A_6 , nunca estive] nunca assisti A_5 nunca estou A_9
6. água ou ar] terra ou ar $A_4 A_{12}$ ar ou água A_6 , tu nunca] nunca $A_6 A_8$
7. terra ou fogo] fogo ou terra A_4 fogo ou água A_{12}
8. elementos] alimentos A_9
9. Bem] Lá A_6 , e muito] e no A_3 e bem no $A_4 A_{12}$ e mui A_8 e mais A_9
10. No mesmo tempo] Do mesmo tempo $A_4 A_{12}$ Com o mesmo tempo A_6 No mesmo $A_{10} A_{11}$, passado] mudado $A_{10} A_{11}$
11. Nem presente, futuro] Não presente nem futuro $A_5 A_8$ Não sou presente, futuro A_6 Não presente, futuro A_9 Nem presente ou futuro A_{12} , nem eterno] ou eterno A_{10} e o eterno A_{11}
12. Sou primeiro] Sou o primeiro $A_1 A_8 A_9$, ao morrer] a morrer $A_4 A_6 A_8 A_{10} A_{11}$

C{om} o Demónio estou sem ser no Inferno,
E estou no Empíreo sem me haver salvado.

13. C{om} o Demónio] Com o Demónio $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_7 A_9 A_{12}$ Com Demónio $A_6 A_8$ Com os Demónios $A_{10} A_{11}$, sem ser] sem estar A_5

14. E estou no] Estou no $A_3 A_{10} A_{11}$ E no $A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{12}$, sem me haver salvado] sem glória ter gozado $A_7 A_8 A_9$

13. Esta apócope é imposta pela métrica.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Versão de *B*

À letra *M* fez um curioso o seguinte soneto

Eu não sou criador nem criatura,
Nem fui jamais visto entre os viventes;
Entre os homens me vês e não me sentes,
Sou morto e nunca estive em sepultura.

5 No Mundo faço a principal figura,
Crer que sou água ou ar, tu nunca intentes;
Se dizes que sou terra ou fogo mentes,
Mas entre os eleMentos me procura.

Leg. *À frente, a letra diferente, vem a seguinte anotação:* que o P.^e Fr. Francisco Xavier, franciscano, traduziu do Italiano

10 Lá no meio do teMpo, e muito interno,
C'o mesmo teMpo estou, sem ser gerado,
Presente, passado, futuro e eterno.

Estou no Empíreo, sem me haver salvado,
C'o DeMónio estou, sem estar no Inferno,
No *liMbo* estou, sem nunca *haver pecado*.

Nota

Sou primeiro ao Morrer, sem ser gerado,
Com o DeMónio estou, sem ser no Inferno,
E no Empíreo, sem me haver salvado.

-
11. O verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-8-10.
13. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-8-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O poema seguinte é transmitido por um total de 31 testemunhos: 1 manuscrito principal (BNRJ, 50.2.3), 29 manuscritos secundários e 1 impresso (AP, que segue o manuscrito principal). Apenas o primeiro e o último testemunhos atribuem o texto a Gregório de Matos; em 28 dos manuscritos secundários, o soneto vem anónimo, ao passo que o outro o dá como sendo de Lope de Vega (informação que se afigura inverosímil). Perante esta situação, creio que a única atitude possível é a de considerar o texto anónimo.

O poema é particularmente engenhoso: apresentado como soneto que uma dama dirige aos seus três amantes, joga com a pontuação, que, devidamente manipulada, permite de facto que cada um dos pretendentes o interprete a seu favor. Apenas três dos manuscritos secundários – BGUC, 526, BNL, 3106 e BNL, 4259 – fornecem três versões diferentemente pontuadas, ajustadas portanto a cada um dos amantes. Nos restantes testemunhos, o tratamento da pontuação varia. Atendendo a estas circunstâncias e ao elevadíssimo número de testemunhos em causa, optei por apresentar uma proposta de edição não pontuada. Pelas mesmas razões, optei também por omitir do rodapé as legendas das duas últimas variantes de pontuação dos três manuscritos secundários referidos.

XXXV.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 330-331 = B_6

Testemunhos manuscritos secundários: LC, P, 9, [f. 122r] (an.) = A / BNL, 3106, f. 124r-124v (an.) = BNL, 3106, f. 124v-125r (an.) = BNL, 3106, f. 125r-125v (an.) = A_1 / BNL, 4259, p. 73-74 (an.) = A_2 / BNL, 4259, p. 74 (an.) = A_3 / BNL, 4259, p. 73 (an.) = A_4 / BGUC, 526, f. 45r-45v (an.) = A_5 / BGUC, 526, f. 45v-46r (an.) = A_6 / BGUC, 526, f. 46r-46v (an.) = A_7 / BNL, 13044, p. 11 (an.) = A_8 / BGUC, 1080, f. 37v-38r (an.) = A_9 / BADE, FM, 304(a), f. 392r-392v (an.) = A_{10} / BNL, 4332, f. 66v (an.) = A_{11} / BNL, 3582, f. 175v (Lope de Vega) = A_{12} / ACL, 693A, f. 17r (an.) = A_{13} / BGUC, 331, f. 19r (an.) = A_{14} / BNL, 4332, f. 66r (an.) = A_{15} / BGUC, 405, f. 156r (an.) = B / BL, E, 660, f. 19r (an.) = B_1 / ADB, 130, f. 68r (an.) = B_2 / ACL, 436V, f. 39r (an.) = B_3 / BGUC, 362, f. 397r (an.) = B_4 / BGUC, 353, p. 47 (an.) = B_5 / BADE, FR2, Ar. I-29, II, p. 55 (an.) = C / BMPel, 268, p. 117 (an.) = D / BGUC, 1636, p. 28 (an.) = E / BGUC, 1553, f. 97r-97v (an.) = F / ADB, 373, f. 48v (an.) = F_1

Testemunho impresso: AP, VI, p. 110 = B_7

Versão de A

Lido o Soneto seguinte na forma de seus pontos, vírgulas e interrogações, se dirige a três sujeitos: a El-Rei com este sinal ^{*}, a Valério com este ⁺, e a Ricardo com [^]

Soneto de engenho

Ricardo mira el vivo fuego en que ardo

Por ti ^{**^} Valerio ⁺ dame pena [^] y calma ^{*}

Lo que me ofrece el Rey ^{+^} recibe esta alma

Leg. Soneto de uma Dama, o qual lido por três amantes cada um cuidara que fora feito em seu favor e desprezo dos outros. Chamavam-se Ricardo, Valério, Rei *A₁* Soneto que uma Dama chamada Nise, servida de três amantes, Valério, Ricardo e Rei, lançou, o qual lido por qualquer deles cria que fora feito só para ele *A₄ A₁₅* Soneto de uma Dama para três amantes a quem diz que muito ama, e lido por qualquer deles o pode tomar por si e nele declarando os seus nomes *A₅* Soneto feito por uma dama chamada Nise, a qual queria bem a dous cavalheiros, a um chamado Ricardo, a outro Valério, e a El-Rei, e a cada um per si se pode tomar *A₉* Soneto que mandou uma Dama a três amantes, chamado um El-Rei, outro Ricardo e Valério outro, e cada um deles o leu para si *A₁₀* Soneto de Lope de Vega que se lê para três *A₁₂* Soneto em que uma Dama escolhe um de três amantes, e cada qual dos nomeados pode ser o escolhido e o reprovado *A₁₃* Soneto que desengaña tres pretendientes *A₁₄* Soneto que uma dama fez tendo presentes a três amantes que a galanteavam, admitindo e despedindo a cada de per si *B* Soneto que mandou uma Dama a três amantes, os quais leram cada um a seu favor *B₁* Pertendiam três amantes uma Dama; esta lhe[s] fez este Soneto, que cada um interpretou em seu favor *B₂* Soneto que se lê de três formas *B₃* Soneto de três sentidos *B₄* Soneto de uma Dama a três amantes, com que como se fosse para cada um só *B₅* A uma Dama, aceitando três amantes *B₆ B₇* Soneto que mandou uma Dama a três amantes, e cada um o tomava por si *C* De una Dama a tres galáns, llamandolos por un mismo Soneto *E* Soneto que fez uma Dama a três amantes, no qual os engana a todos três *F* Soneto que fez uma Dama a três amantes, com o qual os enganava *F₁* Falta em *A₈ D*

1. vivo fuego] fuego *B₅ B₆ B₇ E*, ardo] me ardo *B B₁ B₅ B₆ B₇ E*

2. Por ti] Por vos *F F₁*, dame] me da *A₄ A₁₅ B₁ B₂ B₃*, y calma] el alma *A₉* y alma *B₆ B₇*

3. ofrece] oferece *A₃ A₄ A₉ A₁₀ A₁₂ A₁₃ B₄ B₅* escribe *B B₁ B₂ B₃ D E*, esta alma] el alma *A₁₂ B B₁ B₂ B₃ B₄ B₅ B₆ B₇ C D E* esta *A₁₅*

Que para dueño tal la tengo y guardo ^{*+^}

- 5 Si amor rendiendo un ánimo gallardo
Le roba el cuerpo el mío se desalma
Por el Rey mismo ^{*} no ^{+^} será la palma
Para Valerio ⁺ no ^{+^} para Ricardo ^{*^}

- Advierte que hoy en mi ventana espero
10 Al mismo que por dueño elegir quise ^{*^}
Valerio ⁺ que no me hable ^{*} solo quiero [^]

El Rey ^{*^} para mi esposo mal me dice [^]
Ricardo ^{*+} a quien en mi elección prefiero

-
4. Que para] Alma para que A_{15} Que como a B_5 Que por su $C F F_1$, dueño] dono $B_6 B_7$, tengo] quiero A_8 estimo $B B_1 B_2 B_3 B_4 B_5 B_6 B_7 C D E$
5. Si amor] Amor A_{14} Si el amor B_2 , rendiendo un ánimo] vendiendo un ánimo A_{15} rediendo a un ánimo $B_6 B_7$ vendado de un ánimo D , gallardo] ...ardo B_7
6. el cuerpo] el mío A_{13} el suyo A_{14} y el alma D , el mío] el mismo $A_{10} A_{11} A_{12}$ el cuerpo A_{13} el alma $B B_4 B_5 B_6 C E F F_1$ y el alma $B_1 B_2 B_3$, se desalma] la desalma $B_6 B_7$
7. Por] Para $A_8 A_{12} B B_2 B_3 B_4 B_5 B_6 B_7 C D E F_1$, el Rey mismo] Valerio D
8. Valerio] el Rey mismo D
9. que hoy] que $B_5 E$ que yo $B_6 B_7 D$, en mi ventana] en la ventana B_4 a mi ventana $B_6 B_7$
10. Al mismo] Aquél $B B_1 B_2 B_3 E$ El mismo $B_6 B_7$, por dueño elegir] para dueño elegir $A_6 A_7 B B_1 B_2 B_3$ elegir por dueño $B_4 B_5 B_6 B_7 C E$ para mi dueño elegir D
11. Valerio] A Valerio B_2 , que no me] no me $A_7 A_8$ que me E , solo] como $B_6 B_7$ no lo E
12. El Rey] Ricardo $F F_1$, para] por $A_5 A_6$
13. Ricardo] El Rey $F F_1$, a quien en mi elección] a quien mi elección $A_2 A_4 B_1$ en quien mi amor B_2 aquél que en mi elección B_3 en quien en mi elección $B_4 F$ en quien mi elección $B_6 B_7 F_1$ el que en mi elección D quien en mi elección E

El mismo cielo le eternize Nise

14. El mismo cielo] El cielo todo A_8 El cielo A_{12} A quien el cielo B_5 Mil años el cielo C Para mi dueño el cielo E , le eternize Nise] le eternize en Nise $A_5 A_6 A_7 F_1$ eternize Nise A_9 le eternize $A_{11} A_{15} B_2$ me lo eternize A_{14} le ternize Nise $B_6 B_7$ lo eternize E le ternize en Nise F

ABBA / ABBA / CDC / D'CD

A situação do próximo soneto é semelhante à dos anteriores. Com efeito, a hipótese de autoria gregoriana é suportada apenas por 3 testemunhos: os manuscritos principais BNRJ, 50.2.3 e BPMP, 1388, e o impresso AP, que parte do primeiro. Quanto aos restantes 27 testemunhos, todos manuscritos secundários, há 23 em que o poema vem anónimo, enquanto 2 outros o atribuem a D. Tomás de Noronha, 1 a João Sucarelo e 1 a Félix Barreiros (autor de que não consegui encontrar referência). Perante este panorama, creio que não restam dúvidas de que o texto não pode ser considerado de Gregório de Matos.

XXXVI.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.3, p. 329-330 = *B* / BPMP, 1388, f. 27r = *G*

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 1134, f. 186r (Dr. Félix Barreiros) = *A* / BNL, 10894, p. 316 (an.) = *A*₁ / BNL, 3582, f. 175v-176r (an.) = *A*₂ / ADB, 130, f. 47r-47v (an.) = *A*₃ / BGUC, 392, f. 259r-259v (an.) = *A*₄ / ADB, 596, p. 100 (an.) = *A*₅ / BADE, FM, 304(a), f. 396v (an.) = *A*₆ / BGUC, 392, f. 113r (an.) = *A*₇ / BMPel, 268, p. 154 (an.) = *A*₈ / LC, P, 87, f. 106r (an.) = *A*₉ / BPMP, 1194, [f. 18v] (an.) = *A*₁₀ / BGUC, 2829, f. 15v-16r (an.) = *A*₁₁ / BGUC, 391, f. 229v-230r (João Sucarelo) = *A*₁₂ / BADE, FM, 173, f. 295r-295v (an.) = *A*₁₃ / BNL, 6204, p. 816 (an.) = *A*₁₄ / BPMP, 1045, f. 10r (an.) = *A*₁₅ / ADB, 100, f. 56r (D. Tomás de Noronha) = *A*₁₆ / BGUC, 318, f. 73r (D. Tomás de Noronha) = *A*₁₇ / BGUC, 383, f. 83v (an.) = *A*₁₈ / BNL, 13217, f. 77r (an.) = *C* / BADE, FR1, CV/2-6, III, f. 55v (an.) = *D* / BNL, 1650, p. 343-344 (an.) = *E* / BGUC, 395, f. 253v (an.) = *F* / BGUC, 526, f. 191v (an.) = *H* / BADE, FR1, CXII/1-2d, f. 53v (an.) = *I* / BGUC, 359, f. 58v (an.) = *J* / BNL, 3106, f. 65v (an.) = *L*

Testemunhos impressos: AP, VI, p. 109 = *B*₁

As versões de *H*, *I* e *J* estão bastante afastadas da base, pelo que serão apresentadas no espaço reservado ao rodapé.

Versão de *A*

A uma mulher que passando um Estudante lhe disse «bonus, bona, bonum»
Bien malus, mala, malum te llevaste,
Por el bonus, bona, bonum que dijiste,

Leg. mulher] Dama $A_2 A_3 A_8$ mulher de Coimbra A_5 , lhe disse] disse A_8

Passando certo estudante em Coimbra junto de uma mulher, a qual lhe disse «bonus, bona, bonum» e se escondeu, a tempo que o estudante lhe dizia «malus, mala, malum» A_1 Passando um estudante, lhe disse uma mulher de uma janela «bonus, bona, bonum» e se recolheu, e o estudante lhe respondeu este Soneto A_4 Passando uma mulher por um estudante, disse «bonus, bona, bonum» A_6 A uma dama que disse a um estudante «bonus, bona, bonum» e se recolheu A_7 A uma dama que disse a um Estudante «bonus, bona, bonum» A_9 De um Escolástico, a quem uma Dama disse «bonus, bona, bonum» e se retirou A_{10} A uma Senhora que chamou um estudante «bonus, bona, bonum» e logo se escondeu A_{11} De João Sucarelo, que sendo estudante passou por uma Dama que estava em uma janela, muito brioso; a Dama vendo-o passar, lhe disse «bonus, bona, bonum» A_{12} A uma Dama que estando à janela, disse a um Estudante que passara por baixo: «Ah, Senhor Licenciado, bonus, bona, bonum», e fugiu para dentro a rir A_{13} A uma Dama que chegando à janela e vendo passar pela rua um Estudante, lhe disse: «Ah, Senhor Licenciado, bonus, bona, bonum», e se recolheu rindo-se A_{14} A uma Dama que aparecendo a uma janela, disse a certo estudante que passava: «Ah, Senhor Estudante, bonus, bona, bonum?», e logo se recolheu rindo-se A_{15} A uma Dama que da janela disse a um estudante «bonus, bona, bonum» e se escondeu A_{16} Soneto de Dom Tomás de Noronha a uma Dama que passando pela sua rua, lhe disse «bonus, bona, bonum» A_{17} Feito pelos nominativos A_{18} A uma Ingratidão B A uma Ingrata B_1 A uma mulher que lhe perguntou «bonus, bona, bonum» sendo estudante em Coimbra C A uma Dama que passando-lhe por baixo da janela um estudante, lhe disse lá da janela: «Ah, Senhor Licenciado, bonus, bona, bonum», e se escondeu para dentro, pondo-se a rir E A uma Dama que chegando à janela a tempo que passava um Estudante, lhe disse «bonus, bona, bonum» e se recolheu, rindo-se F A uma mulher em Coimbra a qual passando um estudante, lhe disse «bonus, bona, bonum» e se escondeu, a tempo que o estudante lhe dizia «malus, mala, malum» L *Falta em D G*

1. Bien malus] Buen malus $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_{15} F L$ Dizer malus A_{10} Bueno malus A_{16} Quam malus C , te llevaste] me llevaste A_2 te llamaste $A_6 C D$ me llamaste E

2. Por el] Por $A_8 A_9 A_{11} A_{12} A_{16} A_{18}$ Nel $B B_1 D E G$ Quam C , dijiste] perdiste $A_{12} A_{17}$

1.-14. Cada verso do soneto está apoiado num adjectivo ou pronome latino no nominativo – que nem sempre o é, conforme notarei –, usado nas formas masculina, feminina e neutra.

2. Este verso apresenta 11 sílabas métricas.

Pues totus, tota, totum te escondiste
Y solus, sola, solum me dejaste.

- 5 Y tantus, tanta, tantum me agravaste,
Con quantus, quanta, quantum te reíste,
Pues tergus, terga, tergum me volviste
Y uter, utra, utrum me quitaste.

Si nullus, nulla, nullum nos mirara,

-
3. Pues] Pues de A_{18} Pois B_I , totus, a, um] situs, a, um A_{17} , escondiste] fuiste $A_8 A_9$
4. Y solus] Y tan solus F
5. Y tantus] Tantus $A_7 A_{10} C D E F$ Si tantus $A_{11} A_{16} L$, me] te $B B_I G$
6. Con quantus] Quantus $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8 A_9 A_{11} A_{12} A_{13} A_{14} A_{15} A_{16} A_{17} C D E F L$ Bien quantus A_{10} Y quantus A_{18} El quantus $B B_I G$, te reíste] me huíste A_7 me viste A_{18}
7. Pues tergus] Pois tergus $A_{16} B_I$ Tergus C , me volviste] te volviste $A_9 A_{12} A_{16}$ me vertiste C revolviste G
Pues tan brevior et brevius te volviste F
8. Y uter, a, um] Et uter, a, um A_{10} Y uterque, utraque, utrumque $A_{11} A_{16}$ Uterque, utraque, utrumque A_{18} , me quitaste] te quitaste A_{18} me tornaste $B B_I$ abraçaste G
9.-14. *Estas duas estrofes estão riscadas em L*
9. nullus, a, um] malus, a, um $A_{13} A_{14} A_{15} B B_I D E G$ unus, a, um $C F$, nos] te $A_{12} B B_I F$ os $A_{13} A_{14} A_{18} D E G$, mirara] miraste G

3. situs, a, um (A_{17}) – Colocado.

7. tergus, a, um – Este adjectivo não existe. Trata-se de uma criação, feita a partir do substantivo *tergum*, que significa dorso, costas.

brevior, brevius (F) – Nominativo do comparativo de superioridade do adjectivo *brevis*, *e*.

8. uter, a, um – (Pron. int.) qual dos dois?

-que ($A_{11} A_{16} A_{18}$) – E.

10 Yo lætus, læta, lætum como es justo,
In lectus, lecta, lectum te pusiera.

Con el meus, mea, meum te picara,
Porque tuus, tua, tuum con más gusto,
El bonus, bona, bonum repetiera.

10. Yo lætus] Eu lætus *A*₁₀ In lætus *A*₁₈ Y lætus *B* Lætus *B*₁, como es justo] con más gusto *A*₇ *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *D E* con más susto *B G* com mais susto *B*₁ y con más gusto *F*

11. In] Em *A*₄ *A*₁₂ *A*₁₆ *C* En *A*₅ *A*₈ *A*₁₃ *A*₁₇ *D E*, lectus, a, um] lutus, a, um *A*₁₇ lævus, a, um *B* levus, a, um *B*₁ retus, a, um *G*, te] me *A*₁₇ os *D E*, pusiera] quisiera *A*₁₁

12. Con el] Y con el *A*₃ *A*₅ *A*₁₂ *A*₁₈ Y con *A*₇ *A*₁₁ *F G* Et cum *A*₁₀ Con *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ E con el *A*₁₇ E con *B* *B*₁ Com *C D E*, te picara] repicara *G*

13. Porque] Para que el *A*₈ *A*₉ *A*₁₂ *A*₁₃ *A*₁₄ *A*₁₅ *A*₁₇ Para que *A*₁₀ *F* Por *A*₁₆ Que *B* *B*₁ Porque el *D* Que el *G*, tuus, a, um] suus, a, um *A*₁₁ *A*₁₆ *A*₁₈ attus, a, um *F*, con más gusto] com mais gusto *A*₁₈ sin más susto *D E* sin disgusto *F*

13. Este verso tem 11 sílabas.

attus, a, um (*F*) – Desconheço esta forma.

14. El] In *C*, repetiera] te repetiera *E*

10. lætus, a, um – Alegre, contente.

11. lectus, a, um – Embora exista o adjectivo (escolhido, distinto), é um caso igual ao do v. 7: é uma inovação que parte do substantivo *lectus*, leito, cama.

lutus, a, um (*A*₁₇) – Talvez se trate de uma criação a partir de *lutum*, lodo, lama.

lævus, a, um (*B*) – Esquerdo, infeliz.

retus, a, um (*G*) – Talvez se trate de uma forma criada com base em *rete*, rede.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

Versão de *H*

Soneto de um estudante respondendo desonestamente a uma Dama que da janela lhe chamou «bonus, bona, bonum» e se meteu para dentro, feito por palavras latinas

Malus, mala, malum declaraste
El bonus, bona, bonum que dijiste,
Tergus, terga, tergum me volviste
Y solus, sola, solum me dejaste.

5 Tantus, tanta, tantum me agravaste
Quantus, quanta, quantum te partiste,
Pues totus, tota, totum te escondiste
Y neuter, neutra, neutrum te miraste.

Si alter, altera, alterum te hallara,
10 Yo lætus, læta, lætum, ya sin susto
Y amatus, amata, amatum me mirara.

Navus, nava, navum, a todo o custo,
Com meus, mea, meum te picara,
En tuus, tua, tuum con bien gusto.

1., 3. e 6. Estes versos apresentam 9 sílabas.

5. A acentuação deste verso é menos comum: 5-7-10.

8. neuter, a, um – Nenhum.

9. alter, a, um – Outro.

11. Este verso tem 11 sílabas.

12. A acentuação deste verso é pouco comum: 5-8-10.

navus, a, um – Diligente, activo.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

Versão de I

A uma Dama a quem disse um estudante «bonus, bona, bonum», e ela repetindo se
foi da janela

Bom malus, mala, malum me levaste,
Por bonus, bona, bonum que disseste,
Pois totus, tota, totum te volveste
E solus, sola, solum me deixaste.

5 E tantus, tanta, tantum me agravaste
Quantus, quanta, quantum te riste,
Pois terqus, terga, tergum me deste,
Quando uter, utra, utrum me tiraste.

E se nullus, nulla, nullum me mirara,
10 Eu lætus, læta, lætum (como é justo)
Logo no lectus, lecta, lectum te pusera.

Com o meus, mea, meum te picara,
E totus, tota, totum, sem mais susto,
O bonus, bona, bonum te dissera.

6. Este verso tem 8 sílabas.

7. O verso apresenta 9 sílabas.

9. Este verso tem 11 sílabas.

11. O verso apresenta 12 sílabas.

ABBA / AB'BA / CDE / CDE

Versão de *J*

A uma Dama que da janela disse a um estudante «bonus, bona, bonum»

Se malus, mala, malum lhe chamara,
Quando bonus, bona, bonum lhe chamou
E o totus, tota, totum se pasinou,
Por um solus, sola, solum a estimara.

5 Se tantus, tanta, tantum não gostara
De quantus, quanta, quantum se inflamou,
Pois a terqus, terga, tergum tanto amou,
Uter, utraque, utrumque me agradara.

10 Se nullus, nulla, nullum respondera,
Mui lætus, læta, lætum me ficara,
Se em lectus, lecta, lectum se estendera.

Por o meus, mea, meum que declara,
O suus, sua, suum se perdera
E com bonus, bona, bonum se achara.

2.. O verso tem 11 sílabas métricas.

4., 7. e 8. Estes versos apresentam 11 sílabas métricas.

14. A acentuação deste verso é menos comum: 3-5-7-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O soneto seguinte é transmitido por um total de 21 testemunhos: 1 manuscrito principal, que o atribui a Gregório; 19 manuscritos secundários, dos quais 7 o dão como sendo de Francisco Mascarenhas Henriques, 1 de Manuel de Magalhães (autor que não consegui identificar), enquanto nos 11 restantes o poema vem anónimo; 1 impresso, que o atribui a Francisco Mascarenhas. Perante este panorama, o texto não reúne condições mínimas para ser considerado do poeta baiano, parecendo bastante provável que o seu autor seja Francisco Mascarenhas Henriques.

XXXVII.

Testemunho manuscrito principal: BA, 50-I-2, p. 883 = A_8

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 12962, p. 15 (Francisco Mascarenhas Henriques) = A / BA, 50-I-3, p. 19 (Francisco Mascarenhas Henriques) = A_1 / BADE, FM, 35 – n.º 4, f. 3v (Francisco Mascarenhas) = A_2 / BGUC, 370, f. 156v (Francisco Mascarenhas) = A_4 / BNL, 8599, p. 421 (an.) = A_5 / LC, P, 168, p. 152 (Francisco Mascarenhas Henriques) = A_6 / BPMP, 950, [f. 80v] (Francisco Mascarenhas) = A_7 / BGUC, 1091, p. 256 (an.) = A_9 / BGUC, 1134, f. 287v (an.) = A_{10} / ADB, 154, f. 80v-81r (Francisco Mascarenhas Henriques) = A_{11} / BGUC, 526, f. 230r-230v (an.) = A_{12} / BNL, 8633, f. 74v (an.) = A_{13} / BGUC, 2829, f. 8r (an.) = A_{14} / BNL, 1650, p. 351 (Manuel de Magalhães) = A_{15} / BGUC, 388, f. 291v (an.) = A_{16} / BGUC, 392, f. 55r (an.) = B / BGUC, 555, p. 160 (an.) = C / BGUC, 1479, f. 22v (an.) = D / BNL, 3581, f. 62v (an.) = D_1

Testemunho impresso: Jornal Poetico, p. 304 (Francisco Mascarenhas) = A_3

Versão de A

Ao Excelentíssimo Marquês de Fronteira, sendo Provedor dos expostos ou enfeitados no antigo Real Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa

Marquês, esses pimpolhos animados,
Nos actos criminosos concebidos,

Leg. Real Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa] Hospital Real de Todos-os-Santos A_1

Ao Marquês de Fronteira, D. João Mascarenhas, Provedor do Hospital Real e protector dos meninos enfeitados A_2 Ao Marquês de Fronteira, D. João de Mascarenhas, sendo Provedor da Santa Casa da Misericórdia; foi benigno Protector dos Enfeitados; e a esta grande piedade fez Francisco de Mascarenhas o seguinte Soneto A_3 Ao Marquês de Fronteira, sendo Provedor do Hospital A_4 Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Marquês de Valença, sendo Provedor da Roda dos Enfeitados A_5 Ao Marquês da Fronteira, sendo Provedor dos Enfeitados A_6 A_{14} Do Marquês de Valença Velho, a outro Marquês, que entrava a ser Provedor do Hospital de Lisboa A_7 Ao Marquês da Fronteira, sendo Provedor do hospital dos enfeitados A_8 Ao Marquês de Valença, sendo Provedor da Misericórdia de Lisboa A_9 Ao Marquês de Fronteira, sendo Provedor do hospital dos enfeitados A_{10} Ao Marquês de Fronteira, sendo tesoureiro do hospital A_{11} Ao Marquês de Alegrete, sendo Provedor do Hospital que trata dos enfeitados A_{12} Ao Marquês da Fronteira, sendo Provedor do Hospital e dos enfeitados A_{15} Ao Marquês da Fronteira, saindo Provedor dos enfeitados A_{16} Ao Marquês de Fronteira, sendo Provedor dos enfeitados B Ao Excelentíssimo Marquês de Marialva, sendo Provedor dos enfeitados na Roda do Hospital C No tempo que foi o Marquês de Marialva Provedor da Misericórdia, todo se empenhou na protecção dos Enfeitados D Ao Excelentíssimo Marquês de Marialva, sendo Provedor do Hospital D_1 *Falta em* A_{13}

2. Nos actos criminosos] Em actos criminosos A_{12} A_{14} C Nas actas criminosas D_1

3.-4. *Em C a ordem destes versos está trocada*

Leg. Marquês de Fronteira – Suponho que se tratará de D. João Mascarenhas, 1.º Marquês de Fronteira e 2.º Conde da Torre (Lisboa, 18 de Julho de 1663 – *ibid.*, 16 de Setembro de 1681). Foi um dos mais distintos generais das guerras da Restauração, tendo ocupado os postos de mestre-de-campo-general da Estremadura e do Minho e de general de cavalaria do Alentejo, integrando também os Conselhos de Estado e da Guerra. Não consegui confirmar se desempenhou de facto as funções de provedor (ou tesoureiro) do Hospital de Todos-os-Santos.

A_7 – Uma nota lateral informa: «Foi ao Marquês de Fronteira, D. João Mascarenhas».

Ganham convosco o nome de Escolhidos,
Perdem convosco o nome de Enjeitados.

- 5 Dos carinhos dos Pais repudiados,
 Dos afagos das Mães destituídos,
 Desprezos tudo ao tempo de nacidos,
 Carícias tudo ao tempo de gerados.

- Obra a maldade culpas insolentes,
10 Que enquanto da Piedade sois coluna,
 Os Enjeitados viverão contentes.

Seu Pai segundo sois (sorte oportuna!),

3. Escolhidos] admitidos $A_9 A_{10}$ enjeitados B

4. Perdem] E perdem $A_5 D_1$, convosco] connosco A_1

Falta este verso em B

5. Dos carinhos] Dos afagos $A_4 A_{13} A_{15}$ Dos agrados A_5 Das carícias $A_{14} D$ Dos afectos D_1 , dos Pais] das Mães $A_{12} A_{14} A_{16}$

6. Dos afagos] Dos carinhos $A_4 A_5 A_{13} A_{14} A_{15} D_1$ Dos afectos D , das Mães] dos Pais $A_{12} A_{14} A_{16}$

7.-8. *Em C D D₁ a ordem destes versos está trocada*

7. Desprezos] Desprezo $A_2 A_3 A_5 A_7 A_8 A_9 A_{14} A_{15} A_{16} D$ Repúdio D_1 , nacidos] paridos $A_8 B$

8. Carícias] Carinho A_9 Afagos D

9. Obre a maldade] Obre maldade A_{14} Cubra a maldade de A_{15} Cumpra a maldade A_{16}

10. Que enquanto] Que quando A_6 Enquanto A_8 Mas quando C , da Piedade sois] da piedade fores A_7 vós da piedade sois A_{12} do hospital vós sois $A_{15} A_{16}$ dos Enjeitados sois C

12. Seu Pai segundo] Segundo seu pai A_{11} E segundo seu Pai A_{12} Seu segundo Pai A_{13}

Pois têm em vós os tenros Inocentes,
Na Roda do Hospital a da Fortuna.

13. Pois têm em vós] Pois têm convosco $A_4 A_{13}$ Pois têm agora $A_6 A_9 A_{10} A_{11}$ Acharão esses A_{12} Pois
acharão em vós A_{15} Que achem em vós A_{16} Pois terão C Pois em vós têm D_1 , os tenros Inocentes]
tenros inocentes A_{12} os inocentes A_{15}

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O próximo soneto é veiculado por um total de 17 testemunhos: 1 manuscrito principal, que indica Gregório como autor; 14 manuscritos secundários, dos quais 6 o atribuem a Francisco de Vasconcelos, 2 a Fonseca Soares, enquanto nos restantes 6 o poema vem anónimo; 2 impressos – AP, que parte do manuscrito principal e edita o texto em nome de Gregório, e a *Fénix*, que o atribui a Vasconcelos. O soneto não pode portanto ser considerado do poeta baiano, parecendo bastante provável que o seu autor seja Francisco de Vasconcelos.

XXXVIII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 438-439 = *C*

Testemunhos manuscritos secundários: LC, P, 18, I, p. 51 (Francisco de Vasconcelos) = *A* / ADB, 130, f. 198r (an.) = *A*₂ / ADB, 154, f. 74v-75r (an.) = *A*₃ / BDM, XCIV, f. 35r (A. Fonseca Soares) = *A*₄ / ACL, 581A, f. 9r (Francisco de Vasconcelos) = *A*₅ / BNL, 3235, f. 105r (A. Fonseca Soares) = *A*₆ / BADE, FR1, CXIV/1-11d, f. 82r (an.) = *A*₇ / BNL, 9321, f. 274v (Francisco de Vasconcelos) = *A*₈ / BPMP, 712, [f. 212v] (an.) = *A*₉ / BGUC, 555, p. 155 (an.) = *A*₁₀ / BGUC, 3029, f. 143v-144r (Francisco de Vasconcelos) = *A*₁₁ / TT, L, 1819, p. 7 (Francisco de Vasconcelos Coutinho) = *B* / BPMP, 1407, f. 2r (an.) = *D* / LC, P, 87, f. 98r (Francisco de Vasconcelos) = *E*

Testemunhos impressos: *Fénix*, III, p. 241 (Francisco de Vasconcelos) = *A*₁ / AP, VI, p. 114 = *C*₁

Versão de *A*

Borrascas de Amor

Vasto mar, triste Tróia, irado Noto,

Nace o pranto, arde o amor, crece o suspiro,

Leg. de] del *A*₃ *A*₉ do *A*₅ *A*₆ *A*₈ *A*₁₁ *B*

Vendo-se entre confusões nascidas de si mesmo *A*₁ A semelhança do Amor e suas durações *A*₁₀

Curioso *C* *C*₁ Falta em *A*₂ *E*

1. mar] amor *D*

2. Nace] Geme *A*₄ Cresce *A*₅ Vence *A*₆, amor] mar *E*

1. Noto – O vento quente do sul.

Pois Céus busco, Astros sigo, bens aspiro,
Etnas guardo, Euros rompo, Nilos broto.

5 Sem Norte, sem discurso, sem piloto,
Cego à luz, vivo ao raio, exposto ao tiro,
Luzes bebo, ares corto, escolhos giro,
Clície amante, águia cega e lenho roto.

Se Etnas verto, ares queimo, horrores toco,
10 Baste o ardor, pare o arpão, cesse o tromento,

3. Céus busco, Astros sigo] Céus sigo, astros busco A_9 seus busco astros quando A_{11} , bens] a bens A_1
 A_{11} C C_1

Falta este verso em D

4. Etnas] E Etnas A_8 Atenas E , Euros rompo] Nilos rompo A_{10} , Nilos broto] e Nilos broto A_4 A_6 Nilos
busco A_7 Euros broto A_{10}

Falta este verso em B

5. discurso, sem] discurso e sem A_1 A_2 A_4 C

6. exposto ao tiro] exposto A_8

7. escolhos] escolho C C_1

8. Clície] Eclipse C C_1 , amante, águia] a mente e águia C_1 , e lenho roto] lenho roto A_5 A_7 B alento
raro A_{11} e senho roto C_1

Falta este verso em D

9.-11. *Em E falta esta estrofe*

9. Se Etnas] Etnas A_{11} D S'Etnas C E Etnas C_1

10. arpão, cesse] arpão e cesse A_2 arpão, cresça D

Falta este verso em C C₁

4. e 9. Etna – Vulcão da Sicília.

Euro – O vento do sudoeste.

8. Clície – Donzela amada pelo Sol, que a repudiou em troca do amor de Leucótoe. Clície denunciou
os amores da sua rival ao pai dela e seria encerrada num poço, onde viria a morrer.

Cego amor, doce agrado, incêndio loco.

Vê que na dita, na ânsia e no lamento,
Leve o bem, viva a dor, o alívio pouco,
Morre flor, Fénix vive, acaba vento.

12. dita, na] dita e na *E*, ânsia e no] ânsia, no *A*₃ *A*₄ *A*₆ *A*₁₀ *B* ausência e no *E*

13. Leve] Cesse *A*₁₁ Se vê *D*, viva] rica *D*, o alívio] e alívio *A*₂ el alívio *A*₃

14. Morre flor] Morre a flor *A*₉ *A*₁₀ Nasce flor *A*₁₁, vive] viva *C*₁, acaba vento] e acaba vento *A*₂ acaba o vento *A*₁₀ *C* *C*₁

14. Fénix – Ave fabulosa que, na tradição egípcia, durava séculos e, quando queimada, renascia das próprias cinzas.

O próximo soneto é transmitido por um total de 5 testemunhos: 1 manuscrito principal (BNRJ, 50.2.3), 4 manuscritos secundários e 1 impresso (AP, que parte do primeiro manuscrito). Apenas o primeiro e o último testemunhos apontam Gregório de Matos como autor; em todos os outros o poema vem anónimo. A estes dados junta-se ainda uma informação histórica: a avaliar pela legenda, o texto terá sido motivado pela condenação do Doutor António Leitão Homem, Lente de Prima, às mãos da Inquisição, facto ocorrido a 5 de Maio de 1624, muito antes portanto do nascimento de Gregório. Perante este conjunto de dados, a autoria gregoriana parece-me altamente improvável: por um lado, o elenco de testemunhos oferece uma fraca base de apoio a essa hipótese, tanto mais que BNRJ, 50.2.3 comete com frequência erros de atribuição; por outro lado, é pouco verosímil que, décadas depois, o vate baiano elaborasse um poema sobre um acontecimento entretanto esquecido.

XXXIX.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 403-404 = A_1

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 13219, f. 108v-109r (an.) = A / BNL, 938, f. 245v (an.) = B / BPMP, 1045, f. 9r (an.) = C / BADE, FR1, CXII/1-2d, f. 46r (an.) = D / BGUC, 1091, p. 233 (an.) = E

Testemunho impresso: AP, VI, p. 117 = A_2

Versão de A

A António Homem, Lente de Prima, quando o prenderam por Judeu

Quando um primário excelente Lente
Contra a fé cai em desconcerto certo,
Que está quem menos for esperto perto
De negar a Deus que presente sente;

Leg. A António Homem Leitão, Lente de Prima $A_1 A_2$ Soneto feito a este António Homem B Outro António Homem C A António Homem, Lente de Prima em Coimbra, quando saiu a queimar D A António Homem, Lente de Coimbra, que morreu queimado sendo clérigo, pelo judaísmo E

2. Contra a fé] Na fé D

3. Que está quem menos for] Está ao menos B Está a quem não é tão C Está o que não é tão $D E$

4. De negar a Deus] De seguir ao Deus B Cair no erro C De seguir o erro E

De seguir o erro que sente sente D

Leg. António Homem – Nascido em Coimbra, a 7 de Julho de 1564, o Doutor António Leitão Homem foi um notável juriconsulto canónico. Formado em 1584, inicia em 1592 uma carreira de professor universitário, que culminaria com a subida à cadeira de Véspera, em 1610, e à de Prima, em 1614. Foi também Cónego doutoral da Sé de Coimbra. Acusado de judaísmo e de sodomia, viria a ser preso pela Inquisição, a 18 de Dezembro de 1619. A sentença confirmaria as acusações, ordenando que fosse morto por garrote e que o seu cadáver fosse queimado. A execução ocorreu no auto-de-fé de 5 de Maio de 1624, na Ribeira velha de Lisboa. A casa em que morava em Coimbra foi demolida, levantando-se no local um padrão destinado a recordar a condenação daquele que ficaria conhecido por “*præceptor infelix*”. Este acontecimento gerou outras composições literárias, parte das quais foi inventariada por António José Teixeira (1895-1902).

1-14. Estamos perante um soneto de consoantes reflexos, ou de rimas dobradas, caracterizado pelo efeito de rima ecóica no final dos versos, resultante do uso como palavra de rima de um termo foneticamente contido no anterior.

11. Esta aférese é imposta pela métrica.

4. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-8-10.

5 Mas quando a hebreia negligente gente,
Vendo em um calvário descoberto aberto
E em um presepe de deserto certo,
O nega tão abertamente mente;

Povo a quem o Céu uma bezerra cerra,
10 Deixai do vosso velho estudo tudo,
Segui a Lei p{a}ra ser guardada dada;

Que pasmo quando em tal descuido cuido,

5. Mas quando a] Mas qual a $A_1 A_2$ Mas quem é da $B D$ Mas quem é de C Mas que é da E , negligente] e negligente $B D E$

6. Vendo em um] Vendo um $A_1 A_2$, calvário descoberto] calvário A_2

Que com estar em um presépio deserto certo B Que estando no deserto certo C Que estando na figura do deserto certo $D E$ vendo-se com bom respeito peito E

7. E em] Em $A_1 A_2$, presepe] presépio $A_1 A_2$

E num calvário descoberto aberto B Que vendo-se o bem reperto perto $C E$ vendo-se do bem esperto perto $D E$ na fé segura do deserto certo E

8. O nega] E nega $A_1 A_2$ Ainda o nega B Nega a Jesus $C D E$, tão abertamente] tão claramente B tão clemente $C D$ que tão clemente E

9. a quem o Céu] a que o Céu C a quem escolheu D que escolheu E , cerra] berra $A_1 A_2$ erra E

10. do vosso velho] de vosso velho $A_1 A_2$ do vosso C

11. Segui a Lei] E segui a Lei $B C E$ chegai à Lei D , p{a}ra] para $A A_1 A_2 B C D E$, guardada dada] guardada C herdada dada D

12. Que pasmo quando] Que quando E

6. e 9. Estes versos têm 11 sílabas métricas.

7. presepe – Variante de *presépio*.

9. Alusão ao episódio do bezerro de ouro (Êx., 32): perante a demora de Moisés no Sinai, os israelitas forçaram Aarão a fabricar-lhes um bezerro de ouro, a que renderam culto.

Vendo que o sábio maior da terra erra,
A ciência sem Deus tornada nada.

13. o sábio maior] o sábio melhor $A_1 A_2$ o Lente maior B um Lente mor C um sem amor D um bom Lente, o melhor E

14. A ciência] E a ciência $A_1 A_2 B C D$ Mas ciência E , sem Deus tornada] se tornada em nada $A_1 A_2$ tem tornada D

13. A acentuação deste verso é menos comum: 4-7-10.

ABBA / ABBA / CDE / DCE

O próximo soneto é veiculado por um total de 10 testemunhos, não havendo entre eles unanimidade quanto à autoria. Apenas 3 se pronunciam a favor de Gregório de Matos: 1 manuscrito principal (BI, L.15-2) e 2 impressos (AP, que segue o manuscrito referido, e JA, que parte do desaparecido AC, IV). Quanto aos restantes, todos manuscritos secundários, 3 indicam Diogo Gomes de Figueiredo como autor, ao passo que nos outros 4 o poema vem anónimo.

Face ao exposto, entendo que o poema não é de Gregório: em primeiro lugar, porque não há uniformidade de atribuição entre os testemunhos que o veiculam; em segundo lugar, porque o número dos manuscritos principais que o dão como sendo do baiano é claramente insuficiente. Quanto à sua autoria efectiva, tudo leva a crer que o soneto seja de Diogo Gomes de Figueiredo.

XL.

Testemunho manuscrito principal: BI, L.15-2, II, p. 34 = A_6

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 395, f. 112r (Diogo Gomes de Figueiredo) = A / BADE, FR2, Ar. I-29, II, p. 51 (an.) = A_1 / BGUC, 526, f. 37r-37v (Diogo Gomes de Figueiredo) = A_2 / BGUC, 1636, p. 24 (Diogo Gomes) = A_4 / BGUC, 1134, f. 273r-273v (an.) = A_5 / BGUC, 395, f. 180r-180v (an.) = B / BGUC, 353, p. 139 (an.) = B_1

Testemunhos impressos: JA, p. 406 (que parte do desaparecido AC, IV, p. 12) = A_3 / AP, II, p. 19 = A_6

Versão de A

Por Diogo Gomes de Figueiredo, a um amante temido

Leg. A um amante temido A_1 A_4 Soneto de Diogo Gomes de Figueiredo, de quem quer padecer antes calando A_2 Segunda impaciência do Poeta A_3 A um amante, temendo-se de outro A_5 Sentindo o Autor o não poder declarar-se com D. Ângela, por não perder a amizade da casa A_6 À morte do Senhor D. Rodrigo da Costa, digníssimo consorte da Senhora D. Leonora Josefa de Vilhena, se achara na 3.^a parte da *Fenis Renascida*, f. 224, um tão bem merecido como preexcelso Soneto, posto que a notícia do ass.^o [assunto] fosse falsa. Um que receia publicar o seu afecto B A uma Senhora, Religiosa em Santa Mónica, querendo muito [o] amante e receando publicar-lhe o seu amor, porque este não fosse mal pago B_1

Leg. (B) D. Rodrigo da Costa – Foi Governador da Índia por duas vezes: 1686-1690, 1707-1712. Foi também Governador-geral do Brasil, entre 1702 e 1705.

Crece o desejo, falta o sofrimento,
Sofrendo morro, morro desejando,
Por uma e outra parte estou penando,
Sem poder dar alívio a meu tromento.

- 5 Se quero declarar meu pensamento,
Está-me um gesto grave acobardando,
E tenho por melhor morrer calando
Que fiar-me de um nécio atrevimento.

- 10 Quem pretende alcançar espera e cala,
Porque quem temerário se abalança
Muitas vezes amor o desiguala.

Pois se aquele que espera sempre alcança,
Quero ter por melhor morrer sem fala
Que falando perder toda a esperança.

-
1. o desejo, falta] o desejo e falta A_4
2. morro, morro desejando] morro, e morro desejando A_4 morro desejando $B B_1$
4. a meu] ao meu A_6
5. um gesto] um gosto $A_5 A_6 B B_1$
11. Muitas vezes amor] Muitas vezes o amor $A_2 A_3 A_6 B B_1$
12. Eu por não dar a meu amor fiança B E por não dar a meu amor fiança B_1
14. toda a esperança] toda esperança A_3

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O soneto seguinte é transmitido por um total de 4 testemunhos: 1 manuscrito principal e 3 manuscritos secundários. O primeiro, BNRJ, 50.2.3, é o único que atribui o poema a Gregório de Matos. Acontece porém que o texto em causa – juntamente com outros cinco – vem no final do códice e não consta do respectivo índice, o que desde logo reforça as dúvidas relativas à validade desta atribuição. Dos 3 restantes testemunhos, o soneto vem anónimo em 2, ao passo que um outro o atribui a Jerónimo Rodrigues de Castro, que deve assim ser considerado como autor mais provável.

XLI.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 451-452 = A_2

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 353, p. 128 (Jerónimo Rodrigues de Castro) = A / BGUC, 395, f. 180v (an.) = A_1 / BGUC, 395, f. 246v (an.) = A_3

Versão de A

Coração, que te falta? O meu alento.
Quem foi que to usurpou? A morte ímpia.
O que te levou nele? Uma alegria.
O que só te deixou? Um sentimento.

5 Assim sofrendo estás? Duro tromento.
Que foi a antiga glória? Fantesia.
Em que se converteu? Em tirania.
O que não logras já? Contentamento.

Leg. A um afecto tão leal como desgraçado no merecer A_1 A uma saudade A_3

2. to usurpou] te usurpou A_2 , A morte ímpia] A tirania A_3

6. antiga glória] glória antiga A_3

8. logras] logra A_2 A_3

Como sentes a ausência? Em puro pranto.
10 O que mais te lastima? A pena forte.
Não tens alívio algum? Só tenho encanto.

Justamente lamentas dessa sorte,
Saudoso padecendo com espanto
Tirania, tromento, pranto e morte.

-
9. a ausência] ausência A_2 , Em puro pranto] E a pur portento A_2
10. mais te lastima] te lastima mais A_3
11. encanto] enquanto A_2
12. dessa] desta $A_2 A_3$
14. pranto e morte] pena e glória A_1

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O próximo soneto deve ser considerado de Tomás Pinto Brandão. Há apenas 1 manuscrito principal – BNRJ, 50.2.4 – que o dá como sendo de Gregório de Matos. Os outros 2 testemunhos – manuscritos secundários – atribuem-no a Brandão, sendo que um deles, BNL, 8589, é dotado de particular autoridade, dado tratar-se de um dos volumes de um códice integralmente dedicado à recolha da obra desse autor.

XLII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.4, f. 246r = B_I

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 8589, p. 146 (Tomás Pinto Brandão) = A / BNRJ, 6, 1, 31, p. 86 (Tomás Pinto Brandão) = B

Versão de A

A uma semidona da casa do Duque que dizia que os Poetas eram sevandijas, sendo ela pequena e feia

Dentro do meu sossego me inquieta
Uma tal Dona Beata tão maldita,
Que por ser bem doninha e bem gamita,
Mais do que para a porta, é para a greta.

Leg. A uma Dama muito pequenina de certa casa que disse que os Poetas eram sevandijas B A uma Dama muito pequenina a qual disse que os Poetas eram sevandijas B_I

1. do meu sossego] nos meus miolos $B B_I$

2. Uma tal Dona] Uma Dona B Uma Dama B_I

3. bem doninha e bem gamita] mui donita e mui gasguita B mui daninha ou bem gasguita B_I

4. Não é Dona de porta, é só de greta $B B_I$

3. gamita – Talvez se trate de uma criação do poeta, a partir de *gamo* (mamífero ruminante, semelhante ao veado).

gasguita ($B B_I$) – Que fala com dificuldade.

- 5 Diz que é ser sevandija o ser Poeta.
 Isto quem? Uma Dona Caganita!
 (Com perdão do Falcão) Dona Gurita,
 Dona Cu, Dona Sesso e Dona Teta.
- Por andeja, por chata e por pequena,
- 10 Esta pobre Pígemeia, esta Peona,
 A ser Dona de nada se condena.
- Enfim, Dona Bugia, Dona Mona,
 Se Alma não és de Dona que anda em pena,
 Deves ser (com perdão) Bufo de Dona.

6. Dona] Dama *B_I*

9. por chata e por pequena] sutil, chata e pequena *B B_I*

12. Bugia, Dona] Bugia ou Dona *B* Bugia e Dona *B_I*

14. Apenas podes ser peido de Dona *B B_I*

7. gurita – Égua.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O próximo soneto, embora suscite algumas dúvidas relativas ao estabelecimento da sua autoria, não reúne as condições indispensáveis para poder ser considerado de Gregório de Matos. Transmitido por um total de 9 testemunhos, apenas 3 manuscritos principais – dos menos representativos – e 1 impresso o atribuem ao baiano: BNRJ, 50.1.11 (e AP, que o segue), BI, L.15-2 e BADE, FM, 587. Os restantes testemunhos correspondem a manuscritos secundários, não havendo unanimidade de atribuição: em 2, o poema é dado como sendo de Pedro Duarte Ferrão; 1 atribui-o a António da Fonseca Soares; e em 2 não há indicação de autoria.

Perante este panorama, só me parece prudente admitir que o poema não seja de Gregório: em primeiro lugar, porque não há uniformidade de atribuição entre os testemunhos que o veiculam; em segundo lugar, porque o número e a importância dos manuscritos principais que o dão como sendo do baiano é claramente insuficiente. Quanto à determinação da sua autoria efectiva, penso que os elementos disponíveis, ainda que atribuam o favoritismo a Pedro Duarte Ferrão, não autorizam uma conclusão final.

XLIII.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.1.11, p. 68 = A_5 / BI, L.15-2, I, p. 20 = A_7 / BADE, FM, 587, p. 69 = A_8

Testemunhos manuscritos secundários: BGUC, 389, f. 136v (Pedro Duarte Ferrão) = A / TT, L, 1804, p. 47 (Pedro Duarte Ferrão) = A_1 / AHMC, B 52/6, p. 308-309 (an.) = A_2 / BNL, 13097, p. 567 (A. Fonseca Soares) = A_3 / BGUC, 555, p. 186 (an.) = A_4

Testemunho impresso: AP, I, p. 113 = A_6

Versão de A

Apartando-se uma mariposa duma luz, se pôs aos pés dum crucifixo

Leg. A uma borboleta que apartando-se de uma luz, se pôs em um crucifixo A_1 A uma mariposa que apartando-se de uma luz, se pôs aos pés de um crucifixo A_2 A_4 A uma Mariposa que deixando uma luz, se pôs aos pés de um Santo Cristo A_3 A uma Mariposa que deixando de se pôr em uma luz, se pôs aos pés de Jesus Cristo A_5 A_6 A_8 A uma Mariposa que deixando de girar uma luz, se foi pôr aos pés de uma Imagem de Jesus Cristo A_7

Oh, que discreta na eleição andaste,
Felice Mariposa, e que entendida,
Pois duma breve chama despedida
Em todo um Céu de luzes te abrasaste!

- 5 Hoje das mãos da morte te livraste,
Pondo-te aos Sacros pés do Autor da vida,
Onde Fénis em rosas incendiada,
De Mariposa o breve ser mudaste.

- Luzir sem risco poderás agora,
10 Pois vivente do Sol a ser vieste,
Do claro Sol a quem o mundo adora.

A muito, ó Mariposa, te atreveste,
Mas vendo-te com asas não se ignora

-
1. andaste] andastes $A_4 A_5 A_8$
2. entendida] advertida $A_3 A_5 A_6 A_7 A_8$
3. duma] de uma $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 A_8$
4. abrasaste] abrasastes $A_4 A_5 A_8$
5. das mãos] da mão A_2 , livraste] livrastes $A_4 A_5 A_8$
7. em rosas] em rosa $A_5 A_6$ em chamas $A_7 A_8$
8. mudaste] mudastes $A_4 A_5 A_8$ tomaste A_7
9. sem risco] sem riscos A_4
10. vieste] viestes $A_4 A_5 A_8$
11. a quem o mundo adora] do mundo a quem adora A_4
12. atreveste] atrevestes $A_4 A_5 A_8$
13. Mas] E A_4 , não se ignora] quem ignora $A_3 A_5 A_6 A_7 A_8$

Que imitar aos Serafins quiseste.

14. Que] De que A_1 , quiseste] quiseses $A_4 A_5$

Que aos Serafins só imitar quiseste? A_7 Que aos Serafins só imitar quiseses? A_8

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O soneto seguinte é transmitido por um total de 13 testemunhos: 2 manuscritos principais, 10 secundários e 1 impresso. Apenas 2 o atribuem a Gregório de Matos: BNRJ, 50.2.3 e AP, que dele parte. Não me parecem portanto reunidas as condições que permitam considerar a autoria gregoriana como minimamente credível, tanto mais que um dos manuscritos principais – BA, 50-I-2 – dá o poema como sendo de outro autor. O estabelecimento da autoria efectiva do texto parece-me tarefa impossível, face aos elementos disponíveis: em 7 dos testemunhos manuscritos secundários, o poema vem anónimo, ao passo que nos restantes são apontados 3 autores diferentes: António Barbosa Bacelar, António da Fonseca Soares e o Dr. Tomé Peixoto.

XLIV.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.3, p. 447-448 = B / BA, 50-I-2, p. 547 (alheio) = D

Testemunhos manuscritos secundários: ADB, 373, f. 120v (an.) = A / BNL, 13217, f. 140v (A. Barbosa Bacelar) = A_1 / BA, 49-III-49, f. 491v-492r (A. Fonseca Soares) = A_2 / BNL, Pb, 132, f. 42r (an.) = A_3 / BNL, 13217, f. 96r-96v (Dr. Tomé Peixoto) = A_4 / BGUC, 390, f. 291v (an.) = A_5 / BNL, 6204, p. 723 (an.) = A_6 / ACL, 693A, f. 17v (an.) = A_7 / BADE, FM, 173, f. 50v-51r (an.) = A_8 / BGUC, 526, f. 222v-223r (an.) = C

Testemunho impresso: AP, VI, p. 128 = B_I

A versão de D está bastante afastada da base, pelo que será apresentada no espaço reservado ao rodapé.

Versão de A

Humana ostentação da luz divina

Leg. Soneto em que se define a fermosura de uma Dama A_2 À fermosura A_4 A uma Dama A_5 A uma Dama fermosa A_6 A uma fermosura A_8 B B_I Soneto a uma Dama, encarecendo-a de fermosa, por quem a ama e a acha dura C

1. Humana] Uma A_I B B_I Em uma A_8 , da luz] de luz A_I A_2 A_3 A_4 A_6 A_7 B B_I da lei A_8

Em véu de humanidade milagrosa,
Ou sejas Serafim por mais fermosa,
Ou deixes de ser Céu por cristalina;

- 5 Nos olhos com que abrasas peregrina,
Nas faces com que alegrias deleitosa,
Para jardim te basta uma só rosa,
Para Sol te sobeja uma menina;

- Amor, morto por ti, de amor não mata,
10 Tu viva sem amor matas de amores,
Tendo para vencer maior tesouro

Por setas de metal dedos de prata,
Por lira de marfim arcos de flores,

-
2. Em véu de] Te envia a A_8 Em véu da B_1 Como vejo C
3. Ou sejas] Ou sejas $A_2 A_3 A_4 A_5$ Sendo C
4. Ou deixes de ser Céu] Ou desejes ser Céu $A_1 A_8 B B_1$ Ou desejes ser do Céu A_2 Ou desejes ser Céu $A_3 A_4 A_5$ Ou deixes de ser A_6 Vejo podeis ser Céu C
5. com que abrasas] com abraços A_4 com que abraças $B B_1$ com que obras C
6. Nas faces] Na face $A_3 A_7 C$ de sobeja B_1
9. Amor, morto por ti,] Amor por ti A_5 O Amor já por ti C
10. Tu viva sem amor] Tu viva sem amor, $A_1 A_6 A_7$ Tu viva? Sem amor A_8 Tu viva sem amar B Tu, viva sem amar, B_1 , matas] mata B
11. maior tesouro] com maior tesouro $A_1 A_4$ com maior louro $A_6 A_7$ maior Louro C
12. metal] cristal $B B_1$
13. lira] lua $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7 C$, arcos] arco A_2
Em $B B_1$ falta este verso; B_1 , contudo, afirma que a falha é do v. 11

Por cordas de algodão cabelos de ouro.

14. cordas de algodão] cordão de algodão A_3 prisões da vontade C
ABBA / ABBA / CDE/ CDE

Versão de D

Soneto de outro Autor

Belo prodígio, bela flor divina,
Em véu de humanidade,
Que sendo Serafim por mais formosa,
Vos considero um Céu por cristalina;

5 Nos olhos com que abrasas perigrina,
Nas faces com que alegras deleitosa,
Pera jardim bastava uma só rosa,
Pera sol vos bastava uma menina;

10 Amor, morto por vós, de amor não mata,
Vós vivendo de Amor, matais d'amores,
Prenda adorada a quem por vós padece;

Pois estando sem a vida ingrata,
Este meu coração sente os rigores,
Quem sem vós outra cousa não merece.

2. O verso está incompleto.

12. A acentuação deste verso é menos comum: 3-7-10.

ABBA / ABBA / CDE/ CDE

O próximo soneto é transmitido por um total de 8 testemunhos: 1 manuscrito principal, 5 manuscritos secundários e 2 impressos. Apenas 2 deles o atribuem a Gregório de Matos: BNRJ, 50.2.3 e AP, que dele parte. O poema vem anónimo em todos os manuscritos secundários, ao passo que o outro impresso – a *Fénix* – o dá como sendo de Francisco de Vasconcelos. Perante estes elementos, não me parecem estar reunidas as condições para que o texto possa ser considerado de Gregório: só 1 testemunho manuscrito suporta esta hipótese, e, tratando-se de BNRJ, 50.2.3, a sua autoridade é escassa; por outro lado, há uma fonte impressa do primeiro quartel do século XVIII que o atribui a um poeta contemporâneo.

XLV.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 418-419 = B_1

Testemunhos manuscritos secundários: LC, P, 9, [f. 160v] (an.) = A / BGUC, 555, p. 175 (an.) = A_2 /

BGUC, 393, f. 285r (an.) = A_3 / BGUC, 398, f. 269v-270r (an.) = B / BGUC, 526, f. 66v (an.) = C

Testemunhos impressos: *Fénix*, III, p. 250 (Francisco de Vasconcelos) = A_1 / AP, VI, p. 119 = B_2

Versão de A

A um passarinho cantando

Ramalhete animado, flor do vento,
Que alegremente teus ciúmes choras,

Leg. passarinho cantando] rouxinol cantando A_1 passarinho A_2 passarinho que cantava no campo A_3

Soneto a um passarinho B Soneto de quem chora ver-se deixado da Dama, falando com a flor que com a aurora se vai melhorando C

1. animado, flor] do ar e flor $B B_1 B_2 C$

2. alegremente] animadamente $B B_1 B_2 C$, teus ciúmes] teu ciúme $B C$

Tu cantando teu mal, teu mal milhoras,
Eu chorando meu mal, meu mal aumento.

- 5 Eu digo minha dor ao sofrimento,
 Tu cantas teu pesar a quem namoras,
 Tu esperas o bem todas as horas,
 Eu temo qualquer mal todo o momento:

- Ambos agora estamos padecendo
10 Por decreto cruel de um deus menino;
 Mas eu padeço mais só porque entendo:

-
3. cantando teu mal] com lágrimas já C
4. chorando meu mal] cantando meu mal $A_2 B_1 B_2$ com suspiros já C , aumento] lamento $A_3 B B_1 B_2 C$
5. digo] mostro C , sofrimento] sentimento $B B_1 B_2$
6. Tu cantas teu] E tu o teu C
7. Tu esperas o bem] Eu temo qualquer mal $B B_1 B_2$ Eu lamento meu mal C , todas as horas] todas horas A_1
8. todo] cada A_2
 Tu esperas o bem cada momento $B B_1 B_2 C$
9. agora estamos] estamos agora A_3
10. de um] do $A_1 A_3$
 Por injusto intento mas divino $B B_1$ Por injusto intento mais divino B_2 Por decreto fatal, porém Divino C
11. só porque] porque $B B_1 B_2$
 Porque choro meu mal já padecendo C

10. deus menino – Cupido, deus romano que personifica o desejo amoroso.

Pois é tão duro e raro meu destino
Que tu choras o mal que estás sofrendo,
E eu choro o mal que sofro e que imagino.

12. Pois] Que A_1 Porque A_2 , raro meu] cruel o meu A_1 raro o meu $A_2 A_3 B B_1 B_2 C$

13. sofrendo] querendo C

14. E eu] Eu $A_1 B_2$, o mal] um mal A_2 , que sofro e que] que sofro e A_2 que passo e $B B_1 B_2$
Eu choro e chorarei o que imagino C

Os cinco sonetos que se seguem são transmitidos por 1 único manuscrito principal – BNRJ, 50.2.3 –, a partir do qual seriam editados por AP. Um deles é ainda veiculado por 1 manuscrito secundário, que não fornece qualquer indicação de autoria. Às reservas de princípio que esta situação suscita, acresce a circunstância de os poemas não constarem do índice do manuscrito principal que os transmite e em que, significativamente, ocupam o último lugar.

A este grupo junta-se ainda o soneto «Coração, que te falta? O meu alento», que ocupa outro lugar nesta edição pelo facto de ser conhecido o seu presumível autor.

XLVI.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 448-449 = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 129 = *A_I*

Versão de *A*

Combatido de amor estou vivendo,
Sem jamais alcançar, prenda querida,
Um pequeno alívio a tanta lida
Quanta hoje por vós estou padecendo.

5 E se a mais minha pena for crescendo,
Para mais de amor me ter ferida,
Achareis em meu corpo alma perdida,
No melhor que julgava florecendo.

4. estou] vou *A_I*

6. ferida] ferido *A A_I*

6. A avaliar pelo esquema rimático, deve tratar-se de uma gralha do copista.

E se cuidais que da morte os favores
10 Mais castigos me põem ao pensamento,
Contra a mesma saudade de amores;

Na esperança da morte me avivento,
Que se a vida esperar vossos favores,
Maior morte terei por meu tormento.

9. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 4-7-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

XLVII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 449-450 = *A*

Testemunho manuscrito secundário: BGUC, 1521, f. 189r (an.) = *A_I*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 130 = *A*

Versão de *A*

Eu sou [a] Taramela vivo e morto
Que por ti me imagino morto e vivo,
Mas não cuides que vivo porque vivo,
Pois ainda que vivo, vivo morto.

5 Na cova de um desdém me enterres morto,
No aceno de um favor me alentas vivo,
Se me afagas desperto como vivo,
Se me agastes esfrio como morto.

Nesta batalha pois de morto e vivo,
10 Na vida de um favor me alentes morto,
Na morte de um desdém me enterres vivo.

1. sou [a] Taramela] sou Taramela *A*, vivo morto] e vivo morto *A_I*

3. que vivo] que eu vivo *A_I*

8. Se me agastes] Se te agastas *A_I*

11. me enterres] me mates *A_I*

1. A métrica e a acentuação do verso recomendam a presença do determinante, pelo que acolhi a lição de *A_I*.

1-14. Estamos perante um soneto contínuo, que se caracteriza pela utilização de duas únicas rimas.

Sou enfim morto vivo e um vivo morto,
Se qual Fénix nas cinzas, quando vivo,
Mariposa nas chamas, quando morto.

12. e um vivo] e vivo A_I

14. nas chamas] me chama A_I

13. Fénix – Ave fabulosa que, na tradição egípcia, durava séculos e, quando queimada, renascia das próprias cinzas.

ABBA / ABBA / BAB / ABA

XLVIII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 450-451 = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 131 = *A_I*

Versão de *A*

Manjerona flamante, em cuja mão
Te puseram os extremos da ventura,
Como prenda na terra serás pura,
Dos amantes perpétua estimação.

5 Eternamente as águas lograrão
Dessa tua peregrina formosura;
Em mim firme acharás vontade pura,
Sempre viva em meu peito te acharão.

Teus ecos de meus vivas podem tanto
10 Aplaudir o teu nome com vitória,
Celebrada serás sempre enquanto

Com expressos triunfos na memória,
Desde amor, que te é firme e fiel tanto,
Defensor com firmeza em tua glória.

11. sempre enquanto] sempre e enquanto *A_I*

13. Desde] Deste *A_I*

2. Este verso apresenta 11 sílabas métricas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

XLIX.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 452-453 = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 132 = *A_I*

Versão de *A*

Ausente de ti, pérola querida,
Sou concha solitária sem valor,
Sou sua fonte, sou muchada flor,
Sou vara de inclemência combatida.

- 5 Gemendo passo a vida entristecida
Por não ver desse sol o resplendor;
Feita pomba hieroglífica da dor,
Não rindo, mas gemendo passo a vida.

{Zomba} de mim meu triste fado e a sorte zomba

- 10 Nos impulsos mortais de um prejuízo,
Donde os meus tristes olhos sempre à bomba.

7. Feita] Feito *A_I*, hieroglífica] jeroglífica *A A_I*

9. {Zomba} de mim] Zomba de mim *A A_I*

7. A grafia de *A A_I* faria com que o verso ficasse com 11 sílabas.

10. A primeira forma verbal é desnecessária do ponto de vista sintático. Além disso, a sua manutenção originaria duas sílabas adicionais.

Aqui nesta ausência sem juízo,
Como concha, como vara ou como pomba,
Sem pérola fonte, flor sem sol meu riso.

11. Onde os] Dando A_I

14. Sem pérola, fonte, flor, sem sol, meu riso A_I

13. e 14. Ambos os versos apresentam 11 sílabas métricas.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

L.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 453-454 = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 133 = *A_I*

Versão de *A*

Oh, já fulmino no amor maior tromento!
Oh, já invento no amor novas crueldades!
As penas me hão-de ser contentamento,
As mágoas me hão-de ser suavidades.

5 Não temas que me possa ser violento
De infeliz padecer penalidades,
Antes amo e estimo as saudades
Pelo que me conduz o pensamento.

Venham penas, pesares, ânsias, dores,
10 Que protesto o não ser mais esquivo,
Antes sofrerei martírios por favores.

1. fulmino] flumino *A*

7. amo e estimo] amo, estimo *A_I*

1. Suponho que se trata de uma gralha do copista.

1. e 11. Estes versos apresentam 11 sílabas métricas.

3-4. Pelas indicações fornecidas pelo esquema rimático, é provável que a ordem destes versos esteja invertida.

Sendo feliz meu amor tão excessivo,
Pois se ausente já vivo dos rigores,
{Inda} no longe da lembrança perto vivo.

14. {Inda} no] Inda no *A A_I*

14. Sem esta emenda, o verso ficaria com 12 sílabas.

ABAB / ABBA / CDC / DCD

O soneto seguinte é transmitido por 4 testemunhos: 3 (2 manuscritos principais e 1 impresso, que segue um deles) atribuem-no a Gregório de Matos, ao passo que o outro – um manuscrito secundário – o dá como sendo do “Dr. Gonçalo Soares”. Este último testemunho já estava publicado por Luís Silveira (1942, p. 561), que contudo cometeu alguns lapsos na sua transcrição.

Por várias razões, entendo que o texto não reúne condições para integrar o cânone gregoriano: em primeiro lugar há uma discrepância de atribuição entre os testemunhos; por outro lado, os testemunhos que apontam para o poeta baiano são em número escasso e oferecem pouca credibilidade (BNRJ, 50.2.3 comete com muita frequência erros de atribuição, ao passo que BNRJ, 50.2.1 é uma cópia recente de um original não identificado); por último, o poema é uma descrição de Sergipe del Rei, não havendo informação fidedigna que demonstre que Gregório alguma vez aí esteve. Quanto à determinação da autoria efectiva do poema, as informações disponíveis são insuficientes. Admitindo que o “Dr. Gonçalo Soares” corresponda a Gonçalo Soares da Franca, contemporâneo (posto que mais novo) e amigo de Gregório, é possível que seja esse o autor do soneto.

Há divergências significativas entre as várias versões do poema, designadamente entre a do manuscrito secundário e as restantes. Optei por tomar a primeira como versão base, pelo facto de se tratar de um documento provavelmente mais antigo e de oferecer uma versão mais coerente do texto.

LI.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.1, p. 99 = B / BNRJ, 50.2.3, p. 311-312 = B_I

Testemunho manuscrito secundário: BADE, FR2, Ar. I-29, II, p. 65 (Dr. Gonçalo Soares) = A

Testemunho impresso: AP, IV, p. 70 = B

Versão de A

Descrição de Sergipe del Rei

Leg. Descrição de] Descrição da cidade de B A descrição da cidade de B_I

Dez dúzias de casebres remendados,
Seis becos com mentrastos entupidos,
Trinta soldados rotos e despídos,
Cinco Igrejas, dez Frades, três Letrados;

- 5 Seis curados sem cura amancebados,
Um Juiz com bigodes, sem ouvidos,
Doze presos de piolhos carcomidos
E dous Meirinhos por comer cansados;

- 10 Mulatas com capotes de baeta,
Palmilhas de tamanca, como Frade{s},
Saías de chita, cintas de racheta;

-
1. Dez] Três *B B_I*
2. com mentrastos] de mentrastos *B* de mentratos *B_I*
3. Trinta] Quinze *B B_I*
4. Doze porcos na praça bem criados *B* Três porcos na Praça bem criados *B_I*
5. Dois conventos, seis frades, três letrados *B B_I*
7. Doze] Três *B B_I*
8. Por comer dois meirinhos esfaimados *B B_I*
9. Mulatas com capotes] Damas com sapatos *B* As Damas com sapatos *B_I*
10. Palmilhas] Palmilha *B B_I*, Frade{s}] Frades *A*
11. Saías] Saia *B B_I*, cintas] cinta *B B_I*

10. Deve tratar-se de uma gralha do copista, como o parece demonstrar o esquema rimático.

2. mentrasto – Variante de *mentastro*; hortelã silvestre.
5. curado – Curato; cargo do cura; povoação pastoreada por um cura.

Muito feijão, que faz ventosidade,
Muito enredo, trapaça, embuste, treta,
De Sergipe del Rei é a cidade.

12. Muito] O *B E B_I*, que faz] que só faz *B B_I*

13. Farinha de pipoca, pão que greta *B B_I*

14. Rei é] Rei esta é *B B_I*

13. pipoca (*B B_I*) – Variedade de milho de grão pequeno.

A situação do próximo soneto é um tanto diferente dos casos anteriores, dado que as atribuições favoráveis a Gregório de Matos são mais numerosas e o panorama oferecido pelos testemunhos inventariados é menos claro. O poema é veiculado por um total de 17 testemunhos: 6 manuscritos principais (a que haveria ainda que juntar AC, IV, desaparecido), que dão Gregório como autor; 8 manuscritos secundários, metade dos quais atribui o texto a Bacelar, ao passo que nos restantes ele vem anónimo; 3 impressos, 2 dos quais se inclinam para Gregório, enquanto o terceiro se pronuncia a favor de Bacelar. Perante isto, parece-me que o poema não reúne as condições indispensáveis para ser considerado do autor baiano: é certo que, do ponto de vista quantitativo, os testemunhos a seu favor são em maior número; mas a verdade é que existe uma tradição manuscrita razoavelmente forte que aponta para outro poeta contemporâneo. Não remeto assim o poema para a secção dos duvidosos, colocando-o antes na categoria dos excluídos.

LII.

Testemunhos manuscritos principais: BNRJ, 50.2.5, p. 15 = LC, P, 253, f. 3v = *A* / BNL, 13025, p. 4-5 = *A*₃ / BI, L.15-2, IV, p. 10 = *A*₈ / BPMP, 1388, f. 27r-27v = *B* / BNRJ, 50.2.3, p. 328-329 = *C*

Testemunhos manuscritos secundários: BNL, 9321, f. 287v (A. Barbosa Bacelar) = *A*₄ / TT, L, 1659, f. 121r (an.) = *A*₅ / LC, P, 18, II, p. 13 (A. Barbosa Bacelar) = BADE, FM, 173, f. 294r (an.) = *A*₆ / BGUC, 3029, f. 160r-160v (an.) = *A*₇ / BGUC, 383, f. 119v (A. Barbosa Bacelar) = *D* / ADB, 130, f. 126r (A. Barbosa Bacelar) = *D*₁ / BGUC, 526, f. 119r-119v (an.) = *E*

Testemunhos impressos: AP, II, p. 66 = *A*₁ / JA, p. 521 (que parte do desaparecido AC, IV, p. 87) = *A*₂ / M. do Céu Fonseca, p. 234 (A. Barbosa Bacelar) = *D*

Versão de *A*

A una Dama

Leg. Segunda lisonja, em que excede sua esposa a toda a natureza *A*₂ Ao mesmo assunto, excedendo na lisonja a natureza *A*₃ Encarecendo a fermosura de sua Dama *A*₄ A uma hermosura *A*₅ A uma Beleza *A*₆ A uma Dama *A*₇ Sobre a hermosura de la dicha Silvia *A*₈ En que se encarece la hermosura de una Dama *B* A uma Dama por nome Gila *C* En louvor de una Dama *D* À beleza de uma Dama *D*₁ Soneto de quem encarece a fermosura de Guila Dama

¿Ves, Gila, aquel farol, de cuya fuente
Mana la luz que al Orbe se deriva?
¿Ves, Gila, aquella antorcha fugitiva,
Que es de la negra noche presidente?

5 ¿Ves del prado la pompa floreciente?
 ¿Miras daquel jazmín la pompa altiva?
 ¿Ves la rosa, que en púrpuras se aviva?
 ¿Ves el clavel, que en granas se desmiente?

 Vuelve acá, Gila; mira la nevada,
10 Voraz campaña dese mar, que ahora

1. Gila] Guila $D_I E$, aquel] ese $D D_I$, fuente] frente $A_3 A_8$

2. se deriva] mas altiva E

A variante de E está sobreposta a uma outra lição, riscada: se deriva

3. Gila] Guila $D_I E$

4. de la negra noche] de la escura noche $A_4 A_5 A_6 A_7 B$ da escura noche C de la noche muda $D D_I E$

5. Deja el cielo, ve el prado floreciente $D D_I$ Deja al cielo, ve el campo floreciente E

6.-7. *A ordem destes versos está trocada em E*

6. Miras] Mira $D D_I$, daquel] de aquel $A_4 A_6 A_7 A_8 C D D_I$, altiva?] altiva: $D D_I$

¿Ves el Jazmín que en nieve se deriva? E

7. en púrpuras] en púrpura $A_7 D D_I E$

De la azucena ves la nieve viva? B

8. en granas] en sangue D en sangre $D_I E$

El claver no...a rubí permanente C

9. Vuelve] Ven E , Gila] Guila $D_I E$

10. Voraz campaña dese mar] Campaña dese mar voraz D_I

3. antorcha – Brandão, círio, tocha.

8. grana – Grão.

10. campaña – Campanha, campina.

Cristalinos aljófares destila:

¿Ves esa espuma en nieve transformada?

¿Ves esas perlas que lloró la Aurora?

¡Pues todo es nada con tu rostro, Gila!

12. esa] esta *D*, transformada] transparente *B*

13. esas] estas *D*, lloró] llora *A_I* *C*, la Aurora] el Aurora *D_I*

14. con tu rostro, Gila.] sin tu rosto, ó Gila! *A₈* con tu rostro, Guila. *D_I* *E*

ABBA / ABBA / CDE / CDE

C — SONETOS COM REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

POSTERIORES A GREGÓRIO DE MATOS

O próximo poema é veiculado por 2 únicos manuscritos principais, que serviram de base aos 2 testemunhos impressos conhecidos. Fazendo fé na legenda, o soneto foi inspirado pelo falecimento do Padre António Vieira, que, como é sabido, ocorreu na Baía, a 18 de Julho de 1697. Ora, ainda que o estabelecimento da data da morte de Gregório de Matos continue envolto em alguma incerteza, dispomos de uma proposta bastante credível, avançada por Fernando da Rocha Peres: 26 de Novembro de 1695. Do confronto destas duas datas resulta evidente que o texto não pode ser considerado do poeta baiano, conclusão que é reforçada pelo escasso número de testemunhos que o veiculam.

LIII.

Testemunhos manuscritos principais: BI, L.15-2, II, p. 51 = *A* / AC, II, p. 77 = *B* / BADE, FM, 303, f. 316r = *B_I*

Testemunhos impressos: AP, II, p. 151 = *A* / JA, p. 1231 = *B*

Versão de *A*

À morte do famigerado Lusitano, o grande Padre António Vieira

Corpo a corpo, à campanha embravecida,
Braço a braço, à batalha rigorosa,
Sai Vieira com sanha belicosa,
De impaciente a Morte sai vestida.

5 Investem-se cruéis, e na investida
A Morte se admirou menos lustrosa

Leg. À morte do Padre António Vieira *B B_I*

3. belicosa] rigorosa *B_I*

Que Vieira, com força portentosa,
Sua força cruel prostrou vencida.

Porém, vendo ele então que se na empresa
10 Vencia a própria Morte, ninguém nega
Que seus foros perdia a Natureza;

Porque ela se exercite, bruta e cega,
Em devorar as vidas com fereza,
Ao seu poder Vieira a sua entrega.

8. força] ira *B B_I*

9. vendo ele] ele vendo *B B_I*, que se na] que na *B B_I*

10. Vencia a própria Morte] Deixava a morte à morte *B B_I*, ninguém] e ninguém *B*

12. Porque ela] E porque *B B_I*

14. Ao seu] A seu *B B_I*, Vieira] rendido *B B_I*

O soneto seguinte é transmitido por um total de 7 testemunhos: 1 manuscrito principal, 5 manuscritos secundários e 1 impresso. Destes, apenas o primeiro e o último (que se baseia naquele) atribuem o texto a Gregório de Matos. Quanto aos restantes 5 testemunhos, o poema vem anónimo em 4 deles, ao passo que o outro o atribui ao Conde da Ericeira, que só pode ser D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde desse título. Atribuindo crédito à legenda, o soneto refere-se a um acontecimento ocorrido a 9 de Setembro de 1703: a saída em auto-de-fé do advogado Jorge Mendes Nobre, historicamente documentada. Com base nesta indicação – que aliás confirma a suspeita que o simples exame das indicações de atribuição dos testemunhos deixava transparecer –, o soneto não pode ser incluído no cânone gregoriano. Quanto à determinação da sua autoria efectiva, creio que é arriscado assumir uma posição definitiva face aos elementos disponíveis. Apesar disso, não me parece descabido admitir como provável autor D. Francisco Xavier de Meneses.

LIV.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 441-442 = *B*

Testemunhos manuscritos secundários: BADE, FM, 395, f. 112r-112v (Conde da Ericeira) = *A* / BGUC, 380, f. 154v (an.) = *A*₁ / ADB, 154, f. 167v-168r (an.) = *A*₂ / BGUC, 318, f. 112v (an.) = *A*₃ / BGUC, 405, f. 266r (an.) = *A*₄

Testemunho impresso: AP, VI, p. 125 = *B*₁

Versão de *A*

Ao Licenciado Jorge Mendes Nobre

Não quisestes seguir a fé de Abraão,
Houveste-vos com Deus como Caim,
{E} não vos arrependestes qual David,

Leg. Soneto que se fez a Jorge Mendes Nobre, Letrado, em Lisboa que prenderam [*ilegível*] saiu no auto-da-fé o ano de 1703 A_1 A Jorge Mendes Sola, capitão de cavalos, que saiu sambenitado no auto-da-fé que se celebrou na cidade de Lisboa aos 9 de Setembro de 1703 anos A_2 Soneto ao Licenciado Jorge Mendes Nobre, que saiu no auto-da-fé do ano de 1703 A_3 A Jorge Mendes Nobre, que saiu no auto-da-fé de 1703 A_4 A um preso, que estava para se ir a queimar $B B_1$

1. fé] Lei A_1

2. Houveste-vos] E houveste-vos A_4

3. {E} não] E não A_2

3. Sem a supressão da copulativa, o verso ficaria com 11 sílabas e com um esquema de acentuação pouco comum.

Leg. Jorge Mendes Nobre – Nascido por volta de 1660 no seio de uma família de cristãos-novos – o seu tio homónimo também seria apanhado nas malhas da Inquisição –, formou-se em Direito e terá chegado a atingir certo prestígio como advogado. De acordo com António Baião (1953), seria preso, sob a acusação de judaísmo, a 23 de Agosto de 1703. Acabaria por ser condenado a ir no auto-de-fé de 9 de Setembro de 1703, recebendo como sentença a confiscação dos bens, a proibição de advogar e o degredo para Miranda por um período de seis anos. Camilo Castelo Branco utilizou esta figura na novela *A Caveira da Mártir* (1875-1876). Nas notas, o romancista fornece uma série de informações adicionais, transcrevendo inclusive alguns poemas alusivos ao acontecimento. Entre eles, contam-se os sonetos «A Christo foi traidor, como Absalão» e «Já fui, mas não serei Absalão».

1. Abraão – Patriarca hebreu, descendente de Sem, marido de Sara e pai de Isaac e de Ismael. Foi escolhido por Deus para fundador do povo eleito e para transmissor das promessas de salvação messiânica.

2. Caim – Filho primogénito de Adão e Eva. Mataria o seu irmão Abel por inveja, sendo por isso amaldiçoado por Deus.

3. David – Profeta e segundo rei de Israel. Durante uma campanha contra os Amonitas, cometeu adultério com Betsabé e criou condições para que o seu marido, Urias, fosse morto em combate. Reprendido pelo profeta Natão, viria a exprimir sincero arrependimento.

Mas tão rebelde sois como Absalão.

- 5 Herdastes de Saul a inclinação,
 Não vos mandou Moisés fazer assim;
 Oh, não o sejais como até ‘qui,
 Não sejais infiel como Labão.

- Se haveis mal entendido a Daniel,
10 Vede o que do Messias diz Jacob,

4. Mas tão rebelde sois] Antes fostes tão cruel *B B_I*

5. Herdastes] Herdaste *B B_I*

6. Não vos mandou] E vos mandou *B B_I*

7. não o sejais como] não o façais como *A_I* não sigais os erros que *A₂ A₃ A₄* deixais os erros que *B* deixai os erros que *B_I*, ‘qui] aqui *A_I A₂ B B_I*

8. Não sejais infiel] Sempre fostes cruel *B B_I*, Labão] Balão *A₂ A₃ A₄*

9. haveis mal] não heis *B B_I*

10. do Messias diz Jacob] diz Messias e Jacob *B B_I*

4. Absalão – Era o terceiro filho de David. Ainda em vida do pai, organizou um exército, fez-se proclamar rei e marchou contra Jerusalém. Viria a ser morto por Joab, um general de David, contra as ordens deste.

5. Saul – Primeiro rei de Israel. Suicidou-se ao ser vencido pelos Filisteus.

6. Moisés – Foi o primeiro líder da nação hebraica, libertando o seu povo do cativeiro egípcio. Foi também o mediador da aliança de Javé, passando a actuar como legislador, no âmbito moral, social e litúrgico.

8. Labão – Pai de Raquel e de Lia. Pretendendo casar com a primeira, Jacob serviu-o como pastor durante sete anos. Contudo, no final do tempo, Labão entregou-lhe Lia, forçando Jacob a servi-lo durante mais sete anos em troca da mão de Raquel.

Balão (*A₂ A₃ A₄*) – Balaão, adivinho das margens do Eufrates. Solicitado por Balac, rei de Moab, a destroçar os israelitas com maldições, seria obrigado por Deus a retroceder.

9. Daniel – Um dos quatro grandes profetas.

10. Jacob – Um dos patriarcas bíblicos, filho de Isaac e de Rebeca, e pai dos epónimos das dozes tribos de Israel.

Isaías, Ageu e Ezequiel.

Deixai temeridades de Membrot,
Se não quereis viver sempre em Babel,
Escapareis do fogo como Lot.

11. Ageu e Ezequiel] Ageu, Ezequiel A_2 Eliseu e Ezequiel $B B_I$

E Isaías achou em Ezequiel A_I

12. Deixai temeridades] Deixai as temeridades $A_I B_I$ Deixais as temeridades B , Membrot] Nembrot A_I
 $A_3 A_4$ Nebrot B Nebró B_I

13. Se não quereis] Não queirais A_I E não queirais $B B_I$, sempre] como A_4 mais $B B_I$

14. Escapareis] E escapareis $A_2 A_3 A_4$ E cegareis B_I

11. Isaías – O primeiro dos quatro grandes profetas hebreus do Antigo Testamento.

Ageu – É o primeiro dos profetas a seguir ao exílio da Babilónia e ocupa o décimo lugar na série dos “Profetas Menores”.

Ezequiel – Outro profeta. Deportado com a família para a Babilónia, aí exerceu a sua missão de renovação do judaísmo.

Eliseu ($B B_I$) – Também profeta. Foi discípulo e continuador de Elias.

12. Membrot (ou Nembrot) – Não consegui encontrar nenhuma referência a este nome.

13. Babel – Edifício gigantesco que os descendentes de Noé quiseram construir para chegar até ao céu. Deus frustrou-lhes os intentos, confundindo-lhes as línguas.

14. Lot – Sobrinho de Abraão. Em Sodoma, apesar da depravação geral, manteve-se puro, sendo salvo por Deus, juntamente com as suas filhas. A sua mulher, contudo, seria transformada em estátua de sal por ter desafiado a proibição de olhar para trás.

ABB'A / ABB'A / CDC / DCD Note-se que, nas quadras, há uma rima incompleta, fenómeno que aliás não é incomum na poesia da época.

As razões para a exclusão do próximo soneto do cânone gregoriano são ainda mais evidentes que as do texto anterior. Por um lado, ele é transmitido apenas por 3 testemunhos – 1 manuscrito principal, 1 secundário e 1 impresso (que parte do primeiro, introduzindo-lhe correcções) –, sendo que em nenhum deles vem explicitamente atribuído a Gregório: tratando-se embora de uma convenção literária, a verdade é que, no primeiro e no último testemunhos, o texto é dado como resposta do preso, isto é, de Jorge Mendes Nobre. O manuscrito secundário, por sua vez, omite tal declaração, que fica subentendida. Por outro lado, o texto continua a referir-se a um acontecimento histórico bastante posterior à morte do poeta baiano.

LV.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 443-444 = *B*

Testemunho manuscrito secundário: BGUC, 405, f. 267r (an.) = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 126 = *A_I*

Versão de *A*

Se eu não quis seguir a fé de Abraão
E me houve com Deus como Caim,
Hoje me arrependo qual David,
Por me não parecer como Absalão.

Leg. Resposta pelo mesmo preso *A_I B*

1. Se eu não] Se não *A_I B*

4. como] com *A_I*

1-14. Este soneto é feito “pelos mesmos consoantes” do anterior. Aliás, ultrapassa um pouco essa técnica, na medida em que não se limita a usar as mesmas rimas, senão as mesmas palavras de rima.

1. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-7-10.

5 Se herdei de Saul a inclinação
 E me não mandou Moisés fazer assim,
 Foi por andar tão cego até 'qui
 Que me julgam todos por Balão.

 Muito mal entendi a Daniel,
10 Pois vejo o que do Messias diz Jacob,
 Isaías, Ageu, Ezaquiel.

 Deixo as temeridades de Nembrot,
 Nem já quero viver mais em Babel,
 Por escapar do fogo como Lot.

7. até 'qui] que até aqui $A_1 B$

8. Que me julgam] Me julgavam $A_1 B$

9. Muito mal entendi] Se não hei entendido $A_1 B$

Em B, a posição deste verso está permutada com a do v. 12

10. Vejo o que diz Messias e Jacob $A_1 B$

11. Ageu, Ezaquiel] Eliseu e Ezaquiel $A_1 B$

12. Nembrot] Nebró A_1 Nebro B

13. Nem já quero viver mais] E não quero mais viver $A_1 B$

6. O verso tem 11 sílabas métricas.

ABB'A / ABB'A / CDC / DCD

O soneto seguinte é transmitido apenas por um manuscrito principal, a partir do qual seria editado – com alguns lapsos – por AP. Tanto na legenda como no corpo do poema há alusões de natureza histórica que apontam para a participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha, facto posterior à morte de Gregório de Matos.

LVI.

Testemunho manuscrito principal: BI, L.15-2, III, p. 1 = *A*

Testemunho impresso: AP, II, p. 70 = *A_I*

Versão de *A*

Ao valor de El-Rei D. Pedro II de Portugal sobre os ameaços de França, a respeito de Castela com Carlos III

Do ardor estais contra Castela armado
Dos mais luzidos Troncos Portugueses,
Que esses raios do Sol em seus arneses

2. Troncos] Troços *A_I*

3. arneses] ternezes *A_I*

Leg. D. Pedro II, “O Pacífico”, foi o 23.º rei de Portugal e o 2.º da Quarta Dinastia. Tendo vivido entre 1648 e 1706, governou a partir de 1668, inicialmente como regente. A legenda alude à participação portuguesa na Guerra da Sucessão de Espanha. O rei espanhol Carlos II morreu em 1699, não deixando descendentes. Perfilaram-se então como principais pretendentes Filipe, duque de Anjou e neto de Luís XIV, e o arquiduque austríaco Carlos, neto do imperador Leopoldo. Portugal, que inicialmente aderiu ao bloco francês, acabaria por participar na Grande Aliança contra a França, que incluía a Inglaterra, os Países Baixos e a Áustria. A intervenção portuguesa decorreu entre 1704 e 1711 e levou à devastação de parte do Alentejo e da Beira. O tratado de Utreque, em 1713, pôs termo ao conflito e o grande vencedor foi a Inglaterra.

3. arnês – Antiga armadura completa de um guerreiro.

Setas fulminam contra Marte irado.

- 5 Sois, Senhor, de alto Espírito animado,
 Tanto que nesta Acção {a}inda os Franceses,
 Chegando a acometer por duas vezes,
 Vosso valor temeram afamado.

- Louve este Reino a Deus, agradecido
10 De um Príncipe lhe dar por defensor
 De sublimadas prendas guarnecido:

 De Justiça, Prudência e de Valor,
 Dádiva, enfim, a um Rei que foi nascido
 Para do Mundo todo ser Senhor.

6. {a}inda] ainda $A A_I$

13. a um Rei] a Rei A_I

6. Se não admitíssemos esta aférese, o verso ficaria com 11 sílabas.

4. Marte – Deus romano da guerra.

6-8. Alusão às campanhas das tropas franco-espanholas, em Maio e Junho de 1704. Invadindo Portugal, conquistaram, na Beira, Salvaterra do Extremo, Segura, Penha-Garcia, Zebreira, Monsanto, Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, ao passo que, no Alentejo, tomaram Castelo de Vide e Portalegre e destruíram Santo Aleixo e Aldeia Nova de S. Bento.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O poema que se segue é transmitido por 6 manuscritos principais, que serviram de base aos 2 testemunhos impressos arrolados. Atribuindo crédito à legenda, o soneto é motivado pela morte de D. Feliciano de Milão, freira bernarda de Odivelas, ocorrida, segundo Barbosa Machado, em 1705. O texto não reúne portanto condições para poder integrar o cânone gregoriano.

LVII.

Testemunhos manuscritos principais: AC, II, p. 161 = *A* / BNL, 3576, f. 39v = *A*₁ / ADB, 591, II, f. 27r = *A*₂ / BGUC, 353, p. 290 = *A*₃ / BPMP, 1388, f. 46r = *A*₄ / BI, L.15-2, II, p. 4 = *B*
Testemunhos impressos: JA, p. 1222 = *A* / AP, II, p. 150 = *B*

Versão de *A*

À morte da Excelentíssima Portuguesa D. Feliciano de Milão, Religiosa do
Convento da Rosa

Ana, felice foste, ou Feliciano,
Que só por ver com Deus teu sp'rito unido,

Leg. À morte de D. Feliciano, Freira do Convento da Rosa *A*₁ A uma Freira por nome Dona Feliciano, quando morreu *A*₂ *A*₃ À morte de uma Freira por nome Feliciano *A*₄ À morte da Freira Dona Feliciano *B*

1. ou Feliciano] Feliciano *B*

2. Que] Pois *A*₁ *A*₂ *A*₃ *A*₄ *B*, com Deus] a Deus *B*, teu sp'rito] teu espírito *A*₁ teu espírito *A*₂ *A*₃ *A*₄ o espírito *B*

Leg. D. Feliciano de Milão – De acordo com Diogo Barbosa Machado (1747, vol. II, p. 3), nasceu em Lisboa, a 8 de Outubro de 1632, vindo a falecer na mesma cidade em 1705. Foi freira bernarda no Real Convento de S. Dinis de Odivelas, destacando-se, no domínio literário, pela agudeza dos seus apotegmas – parte dos quais publicada – e pelos numerosos versos que terá composto.

Te desunes de um corpo que eu duvido
Se é corpo ou se matéria soberana.

5 Hoje que habitas gloriosa e ufana
Esse reino de luz que hás merecido,
Não te espantes de um choro enternecido
Que de meus saüdosos olhos mana.

Pois já descansa em paz e já repousa
10 Tua alma venturosa, e a branda terra
Te guarda o sono que romper não ousa.

Peregrino, o temor hoje desterra,
Chega e diz e ternuras a essa lousa
Que tão religioso corpo encerra.

3. eu duvido] eu o duvido $A_1 A_2 A_3 A_4$

4. se matéria] se é matéria $A_1 A_2 A_3 A_4 B$

5. gloriosa e ufana] nessa glória ufana A_4 tão gloriosa e ufana B

7. choro] coro A_3

8. de meus] dos meus A_1 destes meus B

12. Peregrino] Ó Peregrino B , o temor hoje] o vão temor $A_2 A_3 B$ teu vão temor A_4

13. e diz e] e dizes A_1 diz $A_2 A_3 A_4$

Ponderando que tão celeste loisa B

14. Que tão] Tão B , encerra] em si encerra B

8. A diérese é imposta pela métrica.

A fazer fé na legenda, este soneto não pode pertencer a Gregório de Matos, na medida em que celebra a morte do general de cavalaria António Dultra da Silva e esse facto ocorreu em 1710.

LVIII.

Testemunho manuscrito principal: BNRJ, 50.2.3, p. 277-278 = *A*

Testemunho impresso: AP, VI, p. 103 = *A_I*

Versão de *A*

À morte do Capitão de Cavalos António Dultra da Silva, que defendendo a pátria com a espada na mão, acabou a vida

Lamenta a terra, repete e mais o rio
Da morte iníqua o rapto violento;
Já despreza a memória o sofrimento,
Que já da Pátria acabou o nobre brio.

- 5 Aquele Herói, a quem o sangue conduziu
Ser Marte no valor, Fénix no alento,

Leg. Capitão de Cavalos – O mesmo que capitão de ginetes, isto é, general de cavalaria.

António Dultra da Silva – Apenas consegui apurar que morreu em Setembro de 1710, durante os combates contra a expedição naval francesa chefiada por Duclerc que atacava o Rio de Janeiro desde 11 de Agosto. A informação é de Rodolfo Garcia (Varnhagen: 1975, p. 289).

1. Tal como está, o verso apresenta 11 sílabas métricas. Uma correcção possível seria: «Lamenta a terra e mais repete o rio». Note-se que a rima obriga a uma estranha sinérese em *rio* e *brio*.

5. Este verso tem 12 sílabas métricas. Uma correcção possível seria: «Aquele Herói *que* o sangue conduziu».

Cada hora nos aviva o sentimento,
Na saudade que deixou quando caiu.

Este foi o Dultra, que além de humano,
10 Terror de Jove foi na valentia,
No assombro novo César Lusitano.

Raio sendo da Francesa Monarquia,
No estrago recebendo [o] próprio dano,
Lustre deu à Pátria em que vivia.

13. [o] próprio] próprio *A*

13. Parece tratar-se de um lapso do copista.

8. O verso apresenta 11 sílabas.

9. A acentuação deste verso é pouco comum: 5-8-10.

12. Este verso tem 11 sílabas.

14. A acentuação deste verso também é algo irregular: 1-(3)-4-5-10.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

O próximo soneto – ao que suponho, inédito – não reúne o mínimo de condições para poder ser considerado de Gregório de Matos. Transmitido por um único testemunho, ainda por cima um manuscrito secundário, apresenta uma legenda em que vem uma indicação de autoria que não é absolutamente clara: na tradição do soneto de cabo roto, é omitida a sílaba final do apelido. Mas a prova definitiva vem no próprio corpo do poema. Se bem logrei decodificar as referências históricas que ele apresenta, tudo aponta para factos relativos ao reinado de D. João V, numa época portanto muito posterior à morte de Gregório.

LIX.

Testemunho manuscrito secundário: BGUC, 392, f. 155r

Em Louvor da Capé- e seus sequa-
Por Gregório de Ma-

No limbo jaz o douto Cardea-

1-14. Estamos perante um soneto de cabo roto, modalidade especial de soneto em agudos que consiste na eliminação das sílabas postónicas finais dos versos. Se bem logrei identificar as sílabas em falta, a receita não terá sido aplicada de forma exacta: reconstituindo os vocábulos em causa na legenda, obtemos *Capela*, *sequazes* e *Matos*; nos restantes versos, *Cardeal*, *Moscoso*, *governou*, *Patriarca*, *fatal*, *inclinou*, *tornou*, *autoridade*, *devenio*, *rapazia*, *correio*, *desígnio*, *correcto* e *accipere*. Note-se que os v. 1, 3, 5, 6 e 7 terminam com vocábulos oxítonos, o que não permite elidir nenhuma sílaba, optando-se nesses casos pela eliminação de um fonema. Observe-se também que, nos v. 9 e 11, só surge grafada a vogal do ditongo da sílaba tónica.

Leg. Capé-[la] – Referência provável à capela real de D. João V, situada nos Paços da Ribeira, elevada pelo Papa Clemente XI, em 1716, a Colegiada de S. Tomé. A 7 de Novembro do mesmo ano, a igreja passaria a basílica patriarcal, com extraordinárias graças e privilégios para os seus cónegos.

1. o douto Cardea-[l] – Suponho que se refere a D. Tomás de Almeida (1670-1754), que, depois de ter sido bispo de Lamego e do Porto, viria a ser escolhido, a 4 de Dezembro de 1716, por D. João V para primeiro patriarca de Lisboa. Mais tarde, em 1737, seria feito cardeal por Clemente XII.

E no Céu o Senhor Gaspar Mosco-,
No Inferno, o que a bula gove[r]no-
Porque Lisboa tenha um Patria-.

- 5 Destes só três governam um Rei fata-,
Que a fazer vários Bispos se inclino-;
Sancristão da Capela se torno-,
Porque assim tenha mais autorida-.

Delírio foi mui grande e devene-

3. De acordo com a minha proposta de leitura da palavra em causa, tratar-se-á de uma gralha.

2. Gaspar Mosco-[so] – Trata-se de D. Gaspar Moscoso da Silva (1685-1752), mais conhecido por Frei Gaspar da Encarnação. Franciscano professo no Convento de Varatojo e deão da Sé de Lisboa, destacou-se sobretudo como reformador da Congregação dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz e como ministro de D. João V, na parte final do seu reinado (1747-1750).

3-4. Referência ao *motu proprio* (e não bula, propriamente dita) *In supremo Apostolatus solio* de Clemente XI, de 7 de Novembro de 1716, pela qual a cidade e diocese de Lisboa foi dividida em duas partes, ficando reservada a ocidental à colegiada, agora elevada à categoria de igreja metropolitana, e recebendo o seu arcebispo o título de Patriarca de Lisboa Ocidental.

5. três – Suponho que a primeira das personalidades referidas será D. João da Mota e Silva, mais conhecido por Cardeal da Mota (1691-1747). Nomeado por D. João V cónego magistral da Colegiada de S. Tomé, viria a receber a púrpura cardinalícia em 1727. Colaborador próximo do rei, tornar-se-ia, a partir da morte de Diogo Mendonça Corte Real, em 1736, uma espécie de primeiro-ministro, apesar de nunca ter sido nomeado para o cargo. As outras duas personalidades serão o já referido Frei Gaspar da Encarnação e o cónego Pedro da Mota e Silva, irmão do Cardeal da Mota, que, entre outros cargos, foi Secretário dos Negócios do Reino entre 1736 e 1756.

rei – D. João V, *O Magnânimo* (1689-1750), foi o 24.º rei de Portugal, tendo governado a partir de 1706. Conseguiu estreitar as relações com a Santa Sé, dela obtendo grandes privilégios, como a concessão do título de patriarca ao bispo de Lisboa.

10 Este que lhe pediu a rapazi-,
 Que a Roma fez mandar o seu corre-.

 Mas foi parto fatal do seu desi-
 E o Papa lhe pôs tudo corre-,
 Porque devoto é do verbo *acci*-.

10. rapazi[a] – Conjunto de rapazes; o mesmo que rapazio.

11. o seu corre-[io] – Suponho que se refere a Pedro da Mota e Silva, que em 1721 foi presidente da embaixada de Roma, e depois, entre 1722 e 1728, enviado extraordinário na mesma cidade.

O próximo soneto é transmitido por um total de 9 testemunhos. 5 deles atribuem-no a Gregório: os 3 manuscritos principais e os 2 impressos, que deles partem. Quanto aos restantes 4, todos manuscritos secundários, há 3 em que o poema vem anónimo e 1 que o atribui a Frei Lucas de Santa Catarina. Outro dado fundamental para a determinação da autoria tem a ver com a legenda de uma das versões em que o texto vem sem indicação de autoria. Segundo ela, o poema refere-se «À prisão de João Baptista de São Miguel, aliás *Frei Joanico*, preso e castigado em 1732». Embora não tenha conseguido confirmar a validade desta informação, creio que ela deve ser levada em conta, o que me força a excluir o soneto do cânone gregoriano, tanto mais que os testemunhos que o atribuem ao poeta baiano são em número escasso.

LX.

Testemunhos manuscritos principais: AC, III, p. 256-257 = A_3 / BPMP, 1388, f. 23v-24r = A_5 / BNRJ, 50.2.3, p. 270-271 = A_6

Testemunhos manuscritos secundários: BA, 49-III-66, f. 43r (an.) = A / BA, 49-III-61, p. 335 (an.) = A_1 / BADE, FR1, CXIV/1-14d, f. 15r (Fr. Lucas) = BNL, 6269, f. 42r (an.) = A_2

Testemunhos impressos: JA, p. 242 = A_4 / AP, VI, p. 100 = A_7

Versão de A

À prisão de João Baptista de São Miguel, aliás *Frei Joanico*, preso e castigado em 1732, por culpas que declara o seguinte Soneto Jocosério

Furão das tripas, sanguessuga humana,
Cuja condição grave, meiga e pia,

Leg. À dúbia e justa prisão do dito Frei Joanico A_1 À dúbia e infausta prisão do grande Joanico, primeiro deste nome A_2 Ao célebre Frei Joanico, compreendido em Lisboa em crimes de sodomita A_3 A_4 A Frei Joanico, na sua justa prisão A_5 A_6 A_7

Sendo cristel dos soltos algum dia,
Hoje ourinol dos presos vive ufana.

- 5 O fero algoz já descortês profana
Tua imagem do nicho da enxovia,
Que esse amargoso trago em profecia
Como a lombriga racional te dana.

- Ah, Joanico fatal, em que horoscopos
10 (Ou porque à costa, ou porque avante deste)
Da camândula Irmão quebraste os copos?

Enfim, pangaio humano te perdeste,
Ou porque a dar vieste nos *cachopos*,

-
3. cristel] cristal $A_6 A_7$, soltos] soutos $A_3 A_5 A_6 A_7$ Santos A_4
5. O fero algoz] Fero o algoz $A_2 A_6 A_7$ Fero algoz $A_3 A_4$ Feroz o algoz A_5
6. Tua] Sua $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7$, do nicho] no nicho $A_1 A_2$ do nincho $A_6 A_7$
7. esse amargoso] esse é amargou A_6 esse é amargo A_7 , trago] traje $A_3 A_4 A_5$ otraje A_6 ultraje A_7
8. Como] Com $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7$, te dana] se dana $A_3 A_4 A_5 A_6 A_7$
10. avante] d'avante A_2 , deste] destes A_6
11. Da camândula] De camândula A_7 , copos?] copos. $A_3 A_4 A_6 A_7$
12. Enfim, pangaio] Enfim, papagaio $A_3 A_4 A_6 A_7$ Tu, papagaio A_5
13. a dar vieste] enfim darias $A_2 A_3 A_4 A_5 A_6 A_7$

3. cristel – Variante de *clister*.

11. camândula – Morais regista o vocábulo no plural, com o sentido de rosário grosso.

12. pangaio – Pequena embarcação africana e asiática a remos.

13. cachopo – Penedo à flor da água; baixio; escolho.

Ou porque *in culis mundi* te meteste.

14. in culis] em culus A_2 em culis $A_1 A_3 A_4 A_5$

14. *in culis mundi* – Expressão alatinada, que significa “nos cus do mundo”.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

III. ANOTAÇÃO COMPLEMENTAR

DE ALGUNS SONETOS

VI. «Filhós, fatias, sonhos, mal-assadas»

Uma definição de Entrudo com muitos pontos de contacto encontra-se no seguinte soneto, que vem sem indicação de autoria em BNL, Pb, 130, f. 109r:

Soneto que manda uma Senhora a um sujeito nesta festa do Entrudo

Fazer sonhos, filhós e lançar pulhas,
Tocar buzinas, apodos às golpelhas,
Laranjadas e tanhos às molhelhas,
Coser rabos nas velhas com agulhas;

Dar mil esguichadelas, fazer bulhas,
Enfarinhar os rostos e as gadelhas,
Minuetes dançar, fazer parelhas,
Brincando com as moças em patrulhas;

Andar como um boneco mal fardado,
Parecer mais basbaque que sisudo,
Metendo à bizzarria o descambado;

Estas as festas são que não aludo,
Fora o mais que não digo, e dou por dado
A Vossa Mercê agora por Entrudo.

IX. «Neste pomo que a China agradecida»

No mesmo tomo II da *Academia dos Singulares de Lisboa*, p. 387 e 388, há dois outros sonetos de André Nunes da Silva versando o tema em causa. Como se depreende do início do «Romance em o qual o Presidente passado, António Serrão de Crasto, deu os assuntos para esta última Academia» (p. 385), a laranja-da-china foi o assunto imposto ao autor na 18.^a sessão, realizada a 19 de Fevereiro de 1665:

Pois hoje sou Presidente
De tão insigne Academia,
Cada qual dos Singulares
Nos assuntos me obedeça.

Porque eu os vou repartindo
Como me dá na cabeça,
Cada um tome o que lhe cabe,
Que boa fazenda leva.

Ao senhor Pedro Duarte
Um soneto se decreta,
Em que louve a quem no mundo
A cama inventou primeira.

Louve o senhor André Nunes,
Com sua limada pena,
Em um soneto as laranjas
Da China lisas e belas.

Apresento então os outros dois sonetos de André Nunes da Silva:

Em louvor da laranja-da-china

Soneto de André Nunes da Silva

Nesse pomo, em que a China nada ingrata
O tesouro nos deu mais estimado,
Descobre a vista com subtil cuidado
Ouro no fruto, o que na flor foi prata;

Em sua flor, da Aurora sempre grata,
Se emprega liberal o belo agrado,
E em seu fruto gentil Febo empenhado,
Ao passo que se goza, se retrata;

Ó árvore feliz, não tronco bruto,
A quem a Aurora estima, o Sol adora,
Dura e vive, apesar do tempo astuto;

Pois em ti vemos, e em ti logra Flora,
Se o resplendor do Sol no áureo fruto,
Na profunda flor a luz da Aurora.

Assunto: à laranja-da-china

Soneto de André Nunes da Silva

A laranja da China celebrada
Para assunto me dais de sonetinho?

Sou eu, Serrão, colérico ou sanguinho?
Isto por ser entrudo, é laranjada?

Estou {a}inda esquentado da passada,
Com que da morte estive tão vizinho?
Que tem comigo a árvore de espinho?
Que tem comigo a fruta sazoadada?

Porém discretamente procedestes,
Em mim o assunto está como de Lope,
Quando por Presidente me elegestes;

Razão é que a laranja a mim me tope,
Que como a purga na lição me destes,
Na laranja me destes o xarope.

XXX. «Senhora Mariana, em que vos pês»

Conforme o indicam as legendas de *B B₁ B₂*, há um soneto bastante próximo deste, iniciado pelo verso «Soror Dona Barbata, em que vos pês». A sua autoria não é incontroversa: vem atribuído a João Sucarelo em ACL, 693A, f. 145v, BA, 49-III-49, f. 461v, BNL, 10894, p. 490-491, BNL, 13221, p. 70 e BPMP, 755, f. 12v-13r; é dado como de Bacelar em BNL, 1650, p. 132 e M. do Céu Fonseca, p. 227; e vem anónimo em ACL, 581A, f. 7v, BADE, FR2, Ar. I-29, II, p. 3 e BNL, 6204, p. 681. Edito-o de seguida, a partir da versão de BPMP, 755, f. 12v-13r:

A Maria do Espírito Santo, freira conversa de Celas

Soror Dona Barbata, em que vos pês,

Haveis-mo de pagar por esta cruz;
Hei-vos de pôr as mãos, pois lhe não pus
Ao vosso frade os cornos desta vez.

Ser amante não tira o ser cortês,
Ser firme acções grosseiras não produz;
Mas se ouro não é tudo o que luz,
Não perde o ano o que perdeu o mês.

Se contra vós algum delito fiz
Em fazer o que todo o mundo faz,
Vós não podeis ser parte e mais juiz.

Mas por esta carinha de rapaz,
Que se o vosso Bernardo o contradiz,
Que é um refinadíssimo palmaz.

XXXII. «Qual é a cousa no mundo mais amada»

Este soneto gerou uma série de respostas, sob formas diversas. Por um lado, temos sonetos feitos “pelos mesmos consoantes”: «A graça do presente mais amada», que vem em TT, F, 48, p. 7, atribuído a Tomás Pinto Brandão; «A idade, enquanto vem, é sempre amada», atribuído ao mesmo autor em BADE, FM, 388(a), f. 54r e sem indicação de autoria em BNL, 3240, f. 117r e TT, L, 1870, p. 26; «É a felicidade a cousa amada», atribuído ao Conde da Ericeira em BPMP, 1398, f. 132r; «Não há cousa melhor que uma cagada», atribuído a Pinto Brandão em BNL, 3240, f. 117v, BNL, 3581, f. 64r, BNRJ, I-14, 1, 25, f. 18v, BNRJ, 6, 1, 31, p. 88, TT, F, 47, p. 75-76 e TT, L, 1805, f. 134v, figurando anónimo em BNL,

6204, p. 796. Este último texto geraria a réplica anónima, também sob a forma de soneto, «Poeta porco, só para cagada», que vem em BNL, 3581, f. 64v. O soneto enigmático mereceu também uma glosa em oitava-rima, iniciada pelo verso «De tantas cousas a que anela e aspira», que é dada como sendo de Francisco Leitão Ferreira em BNRJ, I-14, 1, 25, f. 21r-25v, ao passo que em BNL, 6204, p. 791-796 figura sem indicação de autoria. Por fim, em BPMP, 1407, f. 175v-200v há um longo texto em prosa, intitulado “Resposta que escreveu hum Am.º a outro sobre a explicação deste Soneto pello Doutor João Mendes da Sylva”.

XL. «Crece o desejo, falta o sofrimento»

Há uma versão castelhana muito próxima deste soneto que vem, sem indicação de autoria, em BGUC, 2829, f. 14v-15r:

Crece el deseo, falta el sufrimiento,
Sufriendo muero, muero deseando,
Por una y otra parte estoy penando,
Sin poder dar alivio a mi tormento;

Si quiero declarar mi pensamiento
Imposibles me estan acobardando,
Y juzgo por mejor morir callando,
Que fiar de mujer es fiar del viento;

Quien pretende alcanzar, espera y cansa,
Que amor talvez ha sido mentiroso
Aquél que temerario se abalanza;

Y si solo el que espera siempre alcanza
Muera callando, amor, que el ser dichoso
Consiste en no perder una esperança.

É este o soneto a que se refere a legenda de *B*, publicado sem indicação de autoria na *Fenis Renascida*, III, p. 224:

A D. Rodrigo da Costa, Governador da Índia e nela falecido

Lá donde em braços de safir luzente
Nasce em braços da Aurora essa luz pura,
Rodrigo feneceu, porque a ventura
Sempre encontrou o ocaso no Oriente.

Das mantilhas de Febo transparente
Mortalha fez no Costa a Parca dura;
Que é bem tenha entre as luzes sepultura
Quem Raio soube ser da adusta gente.

Entre os berços do Sol morre Rodrigo,
Porque é pensão dos fados vividores
Ver uma luz nascida e logo posta.

Tenha pois lá no Oriente o seu jazigo,
Que era força morrendo entre esplendores,
Fosse o berço do Sol tumba do Costa.

LIV. «Não quisestes seguir a fé de Abraão» e LV. «Se eu não quis seguir a fé de Abraão»

Para além dos poemas publicados por Camilo Castelo Branco em *A Caveira da Mártir*, há outras composições inéditas alusivas ao tema da prisão do cristão-novo Jorge Mendes Nobre. O repositório mais completo que conheço é BGUC, 380.

LX. «Furão das tripas, sanguessuga humana»

Há pelo menos mais quatro poemas sobre o mesmo tema: o romance «Contrariando o libelo», que figura anónimo em ADB, 100, f. 46r-51r; o poema em décimas «Diz o vulgo em modos vários», que vem atribuído a Frei Lucas de Santa Catarina em BADE, FR1, CXIV/1-14d, f. 15r-15v e sem indicação de autoria em BA, 49-III-61, p. 336; e os romances «Feito o processo das culpas» e «Ouvi-me um pouco, Senhores», que vêm anónimos em BPMP, 1410, f. 131v-134v e 134v-136r.

IV. INFORMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

SOBRE OS AUTORES DOS SONETOS EXCLUÍDOS

1. André Nunes da Silva

Segundo Diogo Barbosa Machado (1731, vol. I, pp. 156-158), nasceu em Lisboa, a 30 de Novembro de 1630, vindo a falecer nessa mesma cidade a 3 de Maio de 1705. Em tenra idade, terá ido com os seus pais para o Rio de Janeiro, onde frequentaria o colégio dos Jesuítas. Regressaria a Portugal em Julho de 1650, com o objectivo de frequentar o curso de Direito Canónico na Universidade de Coimbra. Obteria o grau de bacharel em 1656, sendo mais tarde ordenado sacerdote.

Enquanto poeta, destacou-se como membro da Academia dos Singulares e da Academia dos Generosos. Publicou em vida as seguintes obras: *Poesias Varias*, Lisboa, Domingos Carneiro, 1671; *Hecatombe Sacra ou Sacrificio de cem victimas, em cem sonetos, em que se conthem as principais acções da vida do glorioso Patriarcha S. Caetano Thiene*, Lisboa, Officina de Miguel Deslandes, 1686; *Voto Metrico, e Aniversario, de cincoenta sonetos á Purissima Conceyçam da Virgem Maria Nossa Senhora*, Lisboa, Officina de Manoel Lopes Ferreira, 1695 (2.^a ed., Lisboa, Officina de Paschoal da Sylva, 1716).

Três orações e doze sonetos seus foram incluídos nos dois volumes da Academia dos Singulares, de 1665 e 1668. Além disso, Barbosa Machado refere-se a uma canção à vitória do Ameixial começada pelo verso «Glorioso Conde a cuja Fama o mundo», que saiu no volume *Applauzos Academicos e rellação do felice successo da celebre victoria do Ameixial*, publicado por Jacob van Velsen, em Amsterdão, em 1673. Acontece contudo que este último poema vem sem indicação

de autoria. No tomo V da *Fénis Renascida*, há um soneto seu: «Neste golfo de bronze liquidado» (p. 267).

Ainda segundo Machado, terá deixado uma série de obras manuscritas, entre as quais diversos poemas, traduções, tratados e sermões.

2. António Barbosa Bacelar

Nasceu em Lisboa, em 1610, falecendo nessa mesma cidade a 15 de Fevereiro de 1663. Formado em Direito Civil pela Universidade de Coimbra, aí exerceu durante alguns anos o magistério como adjunto. Preterido num concurso, acabaria por abandonar a carreira universitária, ingressando na magistratura. Começou por ser nomeado Corregedor de Castelo Branco, passando depois a Provedor de Évora, Desembargador da Relação do Porto e, finalmente, da Casa da Suplicação.

As suas principais composições poéticas foram publicadas postumamente, na *Fénis Renascida* e no *Postilhão de Apolo*. Uma boa parte continua inédita, incluindo obras em prosa. Recentemente, uma destas, a novela *Desafio Venturoso*, foi editada por Ana Hatherly (1991).

3. António da Fonseca Soares

Nasceu na Vidigueira, a 25 de Junho de 1631. Depois de ter estudado Latim e Filosofia em Évora, decidiu assentar praça de soldado em Moura, iniciando uma vida de estroina, que acabaria por ficar marcada pelo homicídio de um rival. Na sequência do incidente, decidiria partir para a Baía. Alguns anos depois, por causa de uma crise religiosa, volta a Portugal com a intenção de ingressar na Ordem de São Francisco. O propósito não seria contudo cumprido de imediato: só depois de

uma grave enfermidade, em 1662, ingressa no convento franciscano de Évora, onde viria a professar a 19 de Maio do ano seguinte. Adoptando o nome de Frei António das Chagas, inicia uma nova fase da sua vida, marcada pela devoção e pelo fervor apostólico. Viria a falecer a 20 de Outubro de 1682.

A sua obra apresenta duas facetas completamente distintas: a profana e a espiritual. A primeira, anterior a 1662, faz dele um dos poetas mais prolíficos do barroco português, ainda que a maior parte das composições tenha permanecido inédita. De facto, apenas uma pequena porção sairia postumamente na *Fenis Renascida*. A segunda, igualmente muito numerosa – e de que o título mais conhecido e apreciado é *Cartas Espirituaes* (de 1684 e 1687) –, apresenta-o como um dos grandes prosadores da época. O levantamento bibliográfico e o estudo mais completos das obras deste autor devem-se a Maria de Lourdes Belchior Pontes (1950 e 1953).

4. António Rebelo de Brito

Quase nada se sabe sobre este autor. Barbosa Machado (1731, vol. I, p. 366) é o único bibliógrafo que lhe faz referência, mas informa apenas que era natural de Braga e que foi um insigne poeta, tanto em português como em latim. Quanto à sua obra, refere quatro poemas, incluídos em obras colectivas: três sonetos, um epigrama e um poema latino.

5. António Serrão de Crasto

De acordo com Barbosa Machado (1731, vol. I, p. 387), nasceu em Lisboa, em 1610. Boticário de profissão e cristão-novo, seria preso pela Inquisição em 1672, permanecendo encarcerado até 1682. Segundo Camilo Castelo Branco (1883), aca-

bou a vida na miséria, agravada pela cegueira, sendo recolhido ao Hospital Real em 1685, onde morreria em data desconhecida.

Como poeta, foi membro da Academia dos Singulares de Lisboa, havendo um grande número de poemas seus nos dois tomos que reúnem os trabalhos dessa agremiação: 2 orações, 20 sonetos, 37 romances, 12 glosas e 2 poemas em décimas. Para além de alguns dispersos e de outros poemas de autoria não confirmada, há um número considerável de inéditos que se encontram em miscelâneas manuscritas da época, inventariados por Heitor Gomes Teixeira (1977). Escreveu ainda – durante o encarceramento determinado pelo Santo Ofício – o poema satírico *Os Ratos da Inquisição*, editado por Camilo em 1883.

6. Frei Bernardo de Brito

Segundo Diogo Barbosa Machado (1731, vol. I, p. 524), este monge cisterciense, chamado no século Baltasar de Brito de Andrade, nasceu em Almeida, a 20 de Agosto de 1569. Depois de ter feito estudos em Roma, professou no Convento de Alcobaça em 1585. Alguns anos depois, em 1606, obteve a licenciatura em Teologia na Universidade de Coimbra. Nomeado cronista da sua congregação, ser-lhe-ia também atribuído, em 1616, o lugar de cronista-mor do Reino. Viria a falecer a 27 de Fevereiro de 1617.

Da sua obra, destacam-se os trabalhos de história, designadamente os dois tomos da *Monarchia Lusitana* (de 1597 e 1609), a *Geografia Antiga da Lusitania* (de 1597), o *Elogio dos Reis de Portugal* (de 1603) e a *Primeira Parte da Chronica de Cister* (de 1602). Como poeta, apenas deu ao prelo a *Silvia de Lysardo*, editada em 1597 sem o nome do autor e reimpressa em 1626, 1632, 1668 e 1784. A circunstância de a *princeps* vir sem indicação de autoria chegou a gerar alguma discussão em torno da paternidade da obra, mas a afirmação do contemporâneo

Manuel de Faria e Sousa em favor de Frei Bernardo de Brito parece afastar quaisquer dúvidas.

Segundo Barbosa Machado, o autor terá deixado ainda manuscritos diversos trabalhos de história.

7. Bernardo Vieira Ravasco

Irmão do P.^o António Vieira, nasceu em 1617 em São Salvador da Baía, aí falecendo também, a 20 de Julho de 1697. De acordo com Diogo Barbosa Machado (1731, vol. I, pp. 537-539), destacou-se no campo militar e político. No primeiro domínio, ocupou durante 14 anos os postos de Alferes e Capitão da Infantaria, praticando alguns actos de relevo. No segundo, por nomeação de D. João IV, exerceu o cargo de Secretário de Estado e Guerra do Brasil desde 1650 até à sua morte. D. Pedro II viria ainda a fazê-lo fidalgo da sua casa e alcaide-mor de Assunção de Cabo Frio. Quanto à sua obra literária, deixou manuscritos uma «Descrição Topographica, Ecclesiastica, Civil, e Natural do Estado do Brazil» e dois discursos políticos. Além disso, segundo Barbosa Machado, «Teve natural genio para a Poetia que practicou com tanta felicidade que os seus versos erão conhecidos pela elegancia do metro, e fineza dos pensamentos, sem que tivessem o seu nome». Ainda segundo Machado, teria deixado inéditas «*Poesias Portuguesas, e Castellhanas* de varios metros, das quais se podião formar 4. Tomos de justa grandeza, escritas da propria mão do Author, como as vio meu Irmão o Doutor Ignacio Barboza Machado, quando exercitava o lugar de Juiz de fóra, e Provedor da Cidade da Bahia». Esta afirmação não foi contudo provada até hoje: à excepção de três poemas publicados no tomo V da *Fenis* e de alguns outros que surgem em miscelâneas manuscritas barrocas, pouco mais se conhece do labor poético deste autor.

8. Diogo de Sousa

Quase nada se sabe sobre a biografia deste poeta, à excepção de que seria natural de Pereira, nos arredores de Coimbra. Crê-se que terá nascido na segunda metade do século XVI e falecido na primeira do seguinte.

É tido como autor do poema satírico *Jornada às Cortes do Parnaso*, publicado pela primeira vez em 1728, no tomo V da *Fénis*, em nome de Diogo Camacho. Deste texto saiu em 1996 uma edição crítica, preparada por Valeria Tocco.

9. Diogo Gomes de Figueiredo

São bastante escassas as informações disponíveis sobre este poeta seiscentista. O único bibliógrafo que a ele se refere é Barbosa Machado (1731, vol. I, pp. 654-656). De acordo com essa fonte, Figueiredo nasceu em Lisboa, em data desconhecida, aí falecendo também, a 30 de Setembro de 1685. Ter-se-á destacado sobretudo na actividade militar, participando activamente nas batalhas que se seguiram à Restauração. Em 1650 já ocupava o posto de Mestre de Campo, vindo a ser mais tarde promovido a General de Artilharia.

Ainda segundo Barbosa Machado, participou na Academia dos Instantâneos, promovida pelo Bispo do Porto, D. Fernão Correia de Lacerda. Para além de várias obras – em verso e prosa – que terá deixado manuscritas, publicou uma ode em castelhano iniciada pelo verso «Subiose a las estrellas», incluída em *Memorias Funebres. Sentidas pellos ingenhos Portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde. Offerecidas a Senhora Dona Luiza Maria de Faro Condessa de Pena-*

guiam, Lisboa, Officina Craesbekiana, 1650, f. 35r-37v. Segundo a informação de Machado, que não consegui confirmar, publicou também uma «Canção à morte do Mestre de Campo General Andre de Albuquerque com hum mote glosado ao mesmo Assumpto», incluída no Panegírico que a este herói dedicou o Dr. João de Medeiros Correia (Lisboa, Domingos Carneiro, 1661).

Ainda de acordo com Barbosa Machado, Diogo Gomes de Figueiredo teve um filho com o mesmo nome, falecido em Lisboa, a 12 de Fevereiro de 1684, que se destacou como Tenente-General da Artilharia do Reino e como genealogista.

10. P.^o Eusébio de Matos

Irmão de Gregório de Matos, nasceu na Baía, em 1629, aí falecendo também, em 1692. Entrou para a Companhia de Jesus em 1644, fazendo o último voto em 1644. Anos mais tarde, em 1677, passaria para os Carmelitas. Segundo Barbosa Machado (1731, vol. I, p. 745), «Foy insigne Prégador assim em a subtileza dos discursos, como na vehemencia dos affectos: Poeta vulgar, e Latino, cujos versos serão tão discretos, como elegantes: Musico por arte, e natureza compondo as letras que acomodava aos preceitos da Solfa: Arithmetico grande sendo sempre eleito para arbitro das mayores Contas: Pintor engenhoso do qual se conservam com estimação particular muitos dibuxos».

De acordo com Machado, estão publicadas as seguintes obras suas: *Practicas prégadas no Collegio da Bahia nas sextas feiras de Quaresma à noite mostrandose em todas o Ecce homo*, Lisboa, João da Costa, 1677; *Sermão da Soledade, e lagrimas de Maria Santissima Senhora Nossa prégado na Sé da Bahia no anno de 1674*, Lisboa, Miguel Manescal, 1681; *Sermoens do P. Mestre Fr. Eusebio de Matos Religioso de Nossa Senhora do Carmo da Provincia do Brasil*, Lisboa, Miguel Manescal, 1694; *Oração Funebre nas exequias do Ilustrissimo e Reverendissimo*

Senhor D. Estevão dos Santos Bispo do Brasil celebradas na Sé da Bahia a 14 de Julho de 1672, Lisboa, Miguel Rodriguez, 1735.

11. D. Fernão Correia de Lacerda

Nasceu em 1628, no Tojal, Viseu. Formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, foi Inquisidor e Deputado do Conselho Geral do Santo Ofício, Comissário da Bula da Cruzada e Bispo do Porto. Morreu em Lisboa, a 1 de Setembro de 1685.

Foi membro da Academia dos Generosos. Publicou diversos trabalhos históricos, cartas pastorais e panegíricos, deixando também algumas composições poéticas.

12. Francisco de Vasconcelos Coutinho

Nasceu no Funchal, em 1665, aí falecendo também, a 22 de Abril de 1723. Obtendo em 1696 o grau de Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, seria nomeado no ano seguinte Ouvidor da Capitania do Funchal, mantendo-se no cargo durante vários anos.

A parte da sua obra poética que chegou a ser impressa saiu postumamente. De acordo com Barbosa Machado (1747, vol. II, pp. 280-281), foram publicados em volume autónomo *Feudo do Parnaso* e *Hecatombe Metrico* (ambos de 1729). Alguns outros poemas seus saíram nos volumes II e III da *Fenis Renascida*.

13. Francisco Lopes Soeiro

Diogo Barbosa Machado (1747, vol. II, p. 177) é o único bibliógrafo a referir-se a este autor, não nos fornecendo contudo grandes pormenores. Com efeito, limi-

ta-se a informar que o poeta era natural de Lisboa e que foi membro da Academia dos Singulares, havendo alguns trabalhos seus publicados no segundo tomo da obra que reúne as composições dessa agremiação: 1 oração, 5 sonetos e 1 poema em oitavas.

14. Francisco Mascarenhas Henriques

Segundo Diogo Barbosa Machado (1747, vol. II, pp. 194-195) – que a ele se refere como D. Francisco Mascarenhas –, nasceu em Lisboa, a 22 de Novembro de 1662, sendo filho de D. João Mascarenhas, 1.º Marquês de Fronteira, e de D. Madalena de Mendonça. Terá falecido jovem, aos 22 anos, a 20 de Maio de 1685.

Foi membro da Academia dos Generosos. Para além de poeta, dedicou-se também à história, sagrada e profana.

15. D. Francisco Xavier de Meneses, 4.º Conde da Ericeira

Nasceu em Lisboa, a 29 de Janeiro de 1673, vindo a falecer a 21 de Dezembro de 1743. Historiador, crítico literário, orador, poeta e militar, foi dos espíritos mais cultos do seu tempo. Interessado pela matemática e pelas ciências, realizou também estudos aprofundados nas diversas áreas das humanidades. Dominava várias línguas e ficou conhecido pela sua eloquência. Fez parte de diversas agremiações, designadamente da Academia dos Generosos, da Academia Real da História Portuguesa, da Arcádia de Roma e da Real Sociedade de Londres. Correspondeu-se com as personalidades intelectuais mais importantes da sua época, afirmando-se como um estrangeirado e um homem do Iluminismo. Deixou uma obra muito vasta, parte

dela inédita, que compreende elogios académicos, panegíricos, notícias dos seus estudos académicos, memórias, orações fúnebres, poemas.

Destacou-se também na carreira militar, vindo a ser nomeado, em 1735, Mestre de Campo General e Conselheiro de Guerra.

16. Gonçalo Soares da Franca

Nasceu em 1678, na Baía. Estudou no Colégio da Companhia de Jesus local, recebendo mais tarde o hábito de São Pedro. Desempenhou o cargo de vereador na Baía, em 1701. Foi eleito sócio supranumerário da Academia Real de História e seria um dos fundadores da Academia Brasileira dos Esquecidos. Desconhece-se a data do seu falecimento.

De acordo com Barbosa Machado (1747, vol. II, p. 406) vários poemas seus foram incluídos numa edição alusiva à morte de D. Pedro II: *Breve Compendio e Narração do funebre espectáculo, que na cidade da Bahia se fez (...)*, Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, 1709. Muitos outros poemas e algumas orações de Soares da Franca, recitados na Academia Brasileira dos Esquecidos, foram editados há poucos anos na monumental obra dirigida por José Aderaldo Castello (1969-1978).

17. Jerónimo Rodrigues de Castro

Nada consegui apurar sobre este poeta, a não ser que é o provável autor do soneto «Coração, que te falta? O meu alento».

18. João Sucarelo Claramonte

São pouco precisos os dados disponíveis sobre este autor. Sabe-se que era natural do Porto, mas desconhecem-se as datas do seu nascimento e da sua morte. Sabe-se também que foi médico bastante reconhecido, o que lhe valeu a nomeação, em 1650, para cirurgião-mor do exército do Alentejo. Terá sido ainda lente na Universidade de Coimbra. Em 1651, receberia o título de cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

À excepção de dois poemas incluídos num volume colectivo de 1651, a sua obra permaneceu inédita, dispersa por numerosas miscelâneas manuscritas.

19. Frei Lucas de Santa Catarina

Nasceu em Lisboa, cerca de 1660, vindo a falecer em localidade desconhecida a 6 de Outubro de 1740. Pertenceu à Ordem dos Pregadores, professando no Real Convento de Benfica em 1680. Membro da Academia Real da História Portuguesa, viria a destacar-se como historiador, sobretudo em matéria religiosa, e como poeta, conhecido particularmente pela sua vertente jocosa e satírica.

No domínio literário, as suas principais obras, publicadas com o pseudónimo de Feliz da Castanheira Turacen, são *Serão Politico*, *Abuso Emendado* (Lisboa, 1704) e *Oriente Ilustrado* (Lisboa, 1727). Também lhe é atribuído o *Anatomio Jocosso*, publicado em nome do “Doutor Pantaleão de Escarcia Ramos”, e cujo primeiro dos três volumes saiu em Madrid, em 1752. Deixou ainda numerosas composições inéditas, algumas das quais foram editadas modernamente por Graça Almeida Rodrigues (1983).

20. Manuel Botelho de Oliveira

Nasceu em Salvador da Baía, em 1636, aí falecendo também, a 5 de Janeiro de 1711. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, regressando depois à Baía, onde se dedicou à advocacia e desempenhou os cargos de vereador e capitão-mor de ordenanças.

Publicou, em 1705, *Musica do Parnasso, dividida em quatro coros de rimas portuguesas, castelhanas, italianas & latinas. Com seu descante comico redusido em duas Comedias, offerecida ao Excellentissimo Dom Nuno Alvares Pereyra de Mello, duque do Cadaval,&c. E entoada pelo Capitam Mor Manoel Botelho de Oliveyra, Fidalgo da Caza de Sua Magestade*. Modernamente, seriam recuperados outros textos seus, reunidos por Heitor Martins em *Lyra Sacra*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1971.

21. Manuel da Nóbrega

São muito escassas as informações disponíveis sobre este autor. Barbosa Machado (1752, vol. III, p. 319) diz apenas que era natural de Lisboa e que obtivera o grau de bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.

Quanto à sua obra, sabe-se que publicou um epicédio à morte do Príncipe D. Teodósio e que dois outros poemas foram incluídos nas *Memorias Funebres. Sentidas pellos ingenhos Portugueses, na morte da Senhora Dona Maria de Attayde* (Lisboa, Officina Craesbekiana, 1650): o soneto «Aquelle bello Sol, que amanhecia» e a écloga «Abre o nacar florido, a rosa infante».

22. D. Manuel de Meneses

Nasceu em Campo Maior, em data incerta, falecendo a 28 de Julho de 1628. Destacou-se como militar, chefiando a armada que retomou a Baía aos Holandeses,

em 1625. Três anos depois, seria nomeado cronista-mor do Reino, cargo que acumularia com o de cosmógrafo-mor. Deixou diversos trabalhos nessas duas áreas, mas não consta que se tenha dedicado à poesia.

23. Pedro Duarte Ferrão

De acordo com Diogo Barbosa Machado (1752, vol. III, p. 575), nasceu em Lisboa, em 1637. Desconhece-se a data do seu falecimento.

Foi membro da Academia dos Singulares, havendo nos dois tomos que reúnem as produções desta agremiação uma série de composições suas: 2 orações, 34 sonetos, 5 romances e 2 silvas.

24. D. Tomás de Noronha

São muito escassas as informações disponíveis sobre este autor. De acordo com Barbosa Machado (1752, vol. III, pp. 745-746), nasceu em Alenquer, em data incerta, vindo a falecer em 1651, em idade avançada, o que faz supor que tenha nascido no final do século anterior.

Conhecido sobretudo como poeta satírico, D. Tomás de Noronha não publicou nenhuma obra em vida. Postumamente, 31 poemas seus seriam incluídos no tomo V da *Fénis Renascida* (1727). No final do século passado, em 1899, Mendes dos Remédios editou mais uma pequena parte do espólio do autor, no volume *Poesias Ineditas de D. Thomás de Noronha poeta satyrico do sec. XVII*. Apesar disso, a maior parte da sua obra continua inédita, dispersa por miscelâneas manuscritas.

25. Tomás Pinto Brandão

Nasceu no Porto, a 5 de Março de 1664, falecendo em Lisboa, a 31 de Outubro de 1743. Foi para a capital do Reino em 1680, aí conhecendo Gregório de Matos. Algum tempo depois, estabeleceu-se na Baía, assentando praça na guarnição local. Seria preso em 1693, por ordem do Governador Câmara Coutinho, permanecendo encarcerado durante um ano. Condenado a degredo para Angola, beneficiaria da mudança de governador que entretanto ocorre, vendo assim o degredo transferido para o Rio de Janeiro. Apesar disso, e por motivos que não são muito claros, acabaria por ser enviado efectivamente para Angola. Só em 1697 obteria permissão para regressar ao Rio. Em 1703, volta para Lisboa. É nessa altura que frequenta algumas academias literárias e imprime parte das suas produções poéticas. Acabaria os seus dias em estado de grande penúria, valendo-lhe a assistência do Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Meneses.

A sua obra mais conhecida é o *Pinto Renascido empennado e desempennado: primeiro vôo*, editada em 1732 e várias vezes reimpressa. Para a bibliografia completa do autor ver Jair Norberto Rattner (1993).

26. Troilo de Vasconcelos da Cunha

De acordo com Barbosa Machado (1752, vol. III, p. 750), nasceu no Funchal, em 1654, numa altura em que o seu pai, Bartolomeu de Vasconcelos da Cunha, aí exercia as funções de Governador. Viria a ocupar o cargo de Secretário da Junta dos Três Estados. Faleceu em Lisboa, a 4 de Agosto de 1729.

Foi membro da Academia dos Generosos. Para além de alguns poemas dispersos, publicou uma longa obra em verso intitulada *Espelho do Invisível* (Lisboa, 1714).

V. ÍNDICE ALFABÉTICO DE PRIMEIROS VERSOS

DOS SONETOS EXCLUÍDOS

<i>A vós correndo vou, braços sagrados</i> (n.º XXVI)	84
<i>Adormeci ao som de meu tormento</i> (n.º XVI)	59
<i>Ana, felice foste, ou Feliciano</i> (n.º LVII)	179
<i>Aplaudida no mundo e celebrada</i> (n.º VIII)	36
<i>Ataísta boçal, Asno insolente</i> (n.º III)	22
<i>Ausente de ti, pérola querida</i> (n.º XLIX)	156
<i>Bien malus, mala, malum te llevaste</i> (n.º XXXVI)	118
<i>Combatido de amor estou vivendo</i> (n.º XLVI)	151
<i>Como o teu ódio a tal rigor te inclina</i> (n.º XIX)	64
<i>Coração, que te falta? O meu alento</i> (n.º XLI)	138
<i>Corpo a corpo, à campanha embravecida</i> (n.º LIII)	169
<i>Crece o desejo, falta o sofrimento</i> (n.º XL)	136
<i>De bárbara crueza revestida</i> (n.º XVIII)	63
<i>Dentro do meu sossego me inquieta</i> (n.º XLII)	140
<i>Dez dúzias de casebres remendados</i> (n.º LI)	160
<i>Do ardor estais contra Castela armado</i> (n.º LVI)	177
<i>É a vaidade, Fábio, desta vida</i> (n.º XXII)	70
<i>Esse espelho, Senhora, cristalino</i> (n.º XXI)	68
<i>Esse farol do Céu, fímbria luzida</i> (n.º XXIV)	79
<i>Estaba una fregona por enero</i> (n.º IV)	27
<i>Eu não sou criador nem criatura</i> (n.º XXXIV)	110
<i>Eu sou a Taramela vivo e morto</i> (n.º XLVII)	153
<i>Filhos, fatias, sonhos, mal-assadas</i> (n.º VI)	32

<i>Fragante Rosa em Jericó plantada</i> (n.º X)	40
<i>Furão das tripas, sanguessuga humana</i> (n.º LX)	186
<i>Humana ostentação da luz divina</i> (n.º XLIV)	145
<i>Lamenta a terra, repete e mais o rio</i> (n.º LVIII)	181
<i>Lamentas, Tróia, com razão sentida</i> (n.º VII)	34
<i>Lobo cerval, fantasma pecadora</i> (n.º XII)	45
<i>Madre Abadessa, sancristãs, porteiras</i> (n.º I)	17
<i>Manjerona flamante, em cuja mão</i> (n.º XLVIII)	155
<i>Marquês, esses pimpolhos animados</i> (n.º XXXVII)	123
<i>Ministro douto, afável, comedido</i> (n.º XXV)	82
<i>Não quisestes seguir a fé de Abraão</i> (n.º LIV)	171
<i>Não sei em qual se vê mais rigorosa</i> (n.º V)	30
<i>Nessa coluna fortemente atado</i> (n.º XX)	66
<i>Neste pomo que a China agradecida</i> (n.º IX)	38
<i>No limbo jaz o douto Cardea-</i> (n.º LIX)	183
<i>Nunca sossegue mais que um bonifrate</i> (n.º XXVII)	86
<i>Oh, já fulmino no amor maior tromento!</i> (n.º L)	158
<i>Oh, que de Rosas amanhece o dia</i> (n.º XI)	43
<i>Oh, que discreta na eleição andaste</i> (n.º XLIII)	142
<i>Padre Girão, se a Vossa Reverência</i> (n.º XIII)	49
<i>Paro, reparo, tenho, envido e pico</i> (n.º XV).....	55
<i>Pertendeis hoje, ó Deus Sacramentado</i> (n.º XVII)	61
<i>Portugal, Portugal, és um sandeu</i> (n.º XXXI)	100
<i>Qual é a cousa no mundo mais amada</i> (n.º XXXII)	104
<i>Quando um primário excelente Lente</i> (n.º XXXIX)	132
<i>Quis uma hora o Séneca julgar</i> (n.º II)	20
<i>Ramalhete animado, flor do vento</i> (n.º XLV)	148
<i>Ricardo mira el vivo fuego en que ardo</i> (n.º XXXV)	114

<i>Rubi, concha de perlas peregrina</i> (n.º XIV)	52
<i>São neste Mundo, império de loucura</i> (n.º XXIII)	74
<i>Se assim, fermosa Helena, como és sol</i> (n.º XXVIII)	90
<i>Se eu não quis seguir a fé de Abraão</i> (n.º LV)	175
<i>Senhora Beatriz, foi o Demónio</i> (n.º XXIX)	93
<i>Senhora Mariana, em que vos pês</i> (n.º XXX)	97
<i>Sou pai de um filho o qual não é meu filho</i> (n.º XXXIII)	107
<i>Vasto mar, triste Tróia, irado Noto</i> (n.º XXXVIII)	129
<i>Ves, Gila, aquel farol, de cuya fuente</i> (n.º LII)	163